

LÍNGUA PORTUGUESA



Acesse www.mec.gov.br ou ligue 0800 616161



Ministério da Educação



LÍNGUA PORTUGUESA

LINGUAGEM E CULTURA – AAA1

GESTAR II



PROGRAMA GESTÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

LÍNGUA PORTUGUESA

Versão do Professor

LINGUAGEM E CULTURA

AAA1

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM



Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Presidência da República

Ministério da Educação

Secretaria Executiva

Secretaria de Educação Básica

**PROGRAMA GESTÃO DA
APRENDIZAGEM ESCOLAR
GESTAR II**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS
ANOS/SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LÍNGUA PORTUGUESA

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

**LINGUAGEM E CULTURA
VERSÃO DO PROFESSOR**

Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de
Tecnologias para a Educação Básica

Coordenação Geral de Formação de Professores

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II

Língua Portuguesa

Organizadora

Silviane Bonaccorsi Barbato

Autores

Cátia Regina Braga Martins - AAA4, AAA5 e AAA6

Mestre em Educação
Universidade de Brasília/UnB

Leila Teresinha Simões Rensi - TP5, AAA1 e AAA2

Mestre em Teoria Literária
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP

Maria Antonieta Antunes Cunha - TP1, TP2, TP4, TP6 e AAA3

Doutora em Letras - Língua Portuguesa
Professora Adjunta Aposentada -
Língua Portuguesa - Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

Maria Luiza Monteiro Sales Coroa - TP3, TP5 e TP6

Doutora em Lingüística
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP
Professora Adjunta - Lingüística - Instituto de Letras
Universidade de Brasília/UnB

Silviane Bonaccorsi Barbato - TP4 e TP6

Doutora em Psicologia
Professora Adjunta - Instituto de Psicologia
Universidade de Brasília/UnB

Guias e Manuais

Autores

Elciene de Oliveira Diniz Barbosa

Especialização em Língua Portuguesa
Universidade Salgado de Oliveira/UNIVERSO

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Doutora em Filosofia
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP
Professora Adjunta - Instituto de Psicologia
Universidade de Brasília/UnB

Paola Maluceli Lins

Mestre em Lingüística
Universidade Federal de Pernambuco/UFPE

Ilustrações

Francisco Régis e Tatiana Rivoire

DISTRIBUIÇÃO

SEB - Secretaria de Educação Básica
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, 5o Andar, Sala 500
CEP: 70047-900 - Brasília-DF - Brasil

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO PODE SER VENDIDA. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.
QUALQUER PARTE DESTA OBRA PODE SER REPRODUZIDA DESDE QUE CITADA A FONTE.
Todos os direitos reservados ao Ministério da Educação - MEC.

A exatidão das informações e os conceitos e opiniões emitidos são de exclusiva responsabilidade do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC)

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. Língua Portuguesa: Atividades de Apoio à Aprendizagem 1 - AAA1: linguagem e cultura (Versão do Professor). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
186 p.: il.

1. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar. 2. Língua Portuguesa. 3. Formação de Professores. I. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

**PROGRAMA GESTÃO DA
APRENDIZAGEM ESCOLAR
GESTAR II**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS
ANOS/SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LÍNGUA PORTUGUESA

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

**LINGUAGEM E CULTURA
VERSÃO DO PROFESSOR**

BRASÍLIA
2008

Sumário

Apresentação	7
Introdução	9
Unidade 1: Variantes lingüísticas: dialetos e registros	13
Aula 1: Uma estranha passageira.....	15
Aula 2: Sociedade, cultura, língua.....	18
Aula 3: A gíria.....	24
Aula 4: O dialeto popular.....	27
Aula 5: A propaganda.....	32
Aula 6: Uma fábula moderna.....	34
Aula 7: Uma crônica bem-humorada.....	40
Aula 8: Discutindo sobre a língua.....	46
Correção das atividades	51
Unidade 2: Variantes lingüísticas: desfazendo equívocos	57
Aula 1: Cada grupo social com seu modo de falar.....	59
Aula 2: Uma mensagem por e-mail.....	65
Aula 3: Entrando na conversa.....	69
Aula 4: O texto literário.....	71
Aula 5: Comparando linguagens.....	76
Aula 6: Minha experiência com livros.....	80
Aula 7: Linguagem vaga.....	84
Aula 8: Existe linguagem “errada”?.....	87
Correção das atividades	93
Unidade 3: O texto como centro das experiências no ensino da língua	97
Aula 1: Construindo hipóteses sobre o texto.....	99
Aula 2: Verificando a correção das hipóteses.....	103
Aula 3: Criando um selo de qualidade.....	107
Aula 4: Uma entrevista: dialeto popular.....	110
Aula 5: Suprimindo as marcas de oralidade de um texto.....	116
Aula 6: Um poema de cordel piauiense.....	118
Aula 7: Propaganda: um <i>outdoor</i>	126
Aula 8: Criando um <i>outdoor</i>	130
Correção das atividades	135
Anexo I	143
Unidade 4: A intertextualidade	145
Aula 1: Um texto de memórias.....	147
Aula 2: Intertextualidade: diálogo entre textos.....	153
Aula 3: Paráfrase: dois modos de noticiar o mesmo fato.....	157
Aula 4: Paródia: Branca de Neve.....	160
Aula 5: Paródias de provérbios.....	164
Aula 6: Ponto de vista.....	170
Aula 7: Quem conta um conto, aumenta um ponto.....	173
Aula 8: Uma semana e vários pontos de vista.....	177
Correção das atividades	183

Apresentação

Caro Professor, cara Professora,

Este é o primeiro caderno de Atividades de Apoio à Aprendizagem em Língua Portuguesa. Ele foi elaborado a partir do conteúdo do caderno de Teoria e Prática 1, que trata de Linguagem e Cultura. Esperamos que as aulas aqui planejadas sejam úteis ao desenvolvimento do seu trabalho com Língua Portuguesa em sala de aula.

O caderno inclui quatro unidades. Cada uma é composta de oito aulas, cujo ponto de partida é o texto, apresentado com variedade de gêneros. As atividades propostas foram elaboradas com a finalidade de contribuir para a aprendizagem dos conteúdos abordados no caderno de Teoria e Prática e o desenvolvimento de habilidades a eles relacionadas. Para isso, procuramos selecionar textos que revelam a riqueza dos traços regionais da cultura de nosso povo e planejar atividades diversificadas que contemplem a variedade das preferências dos alunos do Ensino Fundamental II.

Para que este caderno contribua efetivamente para o melhor resultado possível no trabalho com os alunos, o professor deverá conhecer o conjunto referente a cada unidade e selecionar a aula levando em conta o nível da turma, o conteúdo a ser aprendido e as habilidades a serem desenvolvidas com os alunos. As aulas de cada unidade poderão ser dadas na seqüência em que aparecem no caderno, ou naquela que o professor julgar mais eficaz tendo em vista a necessidade dos alunos.

Desejamos um bom trabalho a todos, mantendo sempre nossa expectativa de ter contribuído para uma prática pedagógica renovadora.

Introdução

Caro Professor, cara Professora,

Neste caderno propomos atividades de apoio à aprendizagem dos alunos referentes às quatro unidades do caderno de Teoria e Prática 1 de Língua Portuguesa, que abordam, respectivamente, os seguintes assuntos:

- Variantes lingüísticas: dialetos e registros
- Variantes lingüísticas: desfazendo equívocos
- O texto como centro das experiências no ensino da língua
- A intertextualidade

As dificuldades apresentadas pela maioria dos alunos nas várias situações de uso da linguagem indicam a necessidade de trabalhar em sala de aula com atividades que desenvolvam a consciência da variação lingüística e do modo como as variantes se efetivam na interação cotidiana, assim como promovam a familiaridade com o texto oral e escrito de gêneros diversos.

Nas aulas propostas, o texto é sempre o elemento deflagrador das atividades de leitura e produção de textos, análise e descrição da língua. Tais atividades incluem questões críticas que estimulam os alunos a discutir temas relacionando-os ao contexto sócio-cultural em que vivem.

Na Unidade 1, as atividades sugeridas têm como objetivo desenvolver no aluno as seguintes habilidades:

- Fazer predições sobre o texto;
- Apresentar relatos orais;
- Interpretar textos diversos, que apresentem variedade de temas e dialetos;
- Perceber a interdependência entre sociedade, cultura e língua;
- Perceber a propriedade comunicativa do dialeto popular;
- Entender o conceito e a função da gíria na interação comunicativa;
- Perceber que a publicidade é reveladora dos costumes de época;
- Criar texto publicitário;
- Entender a noção de paródia;
- Participar de discussão e apresentar argumentos;
- Relatar oralmente conclusões de grupo.

As atividades propostas na Unidade 1 tomam como base dois pressupostos essenciais: a língua expressa a cultura dos sujeitos e dos grupos; elas apresentam variações no tempo e no espaço dando origem aos dialetos e aos registros.

As atividades da Unidade 2 retomam e ampliam o tema central da primeira unidade e procuram desenvolver no aluno estas habilidades:

- Analisar o uso de diferentes variedades lingüísticas;
- Analisar e compreender o efeito do uso da variedade não padrão;
- Produzir textos: *e-mails*, bilhetes, cartas curtas;
- Perceber alguns aspectos da norma ortográfica;
- Comparar textos de gêneros diferentes e identificar, dentre eles, os literários;
- Identificar algumas características do texto literário;
- Elaborar relato escrito;
- Identificar diferentes efeitos de recursos lingüísticos em textos orais e escritos;
- Elaborar opiniões escritas sobre questões polêmicas envolvendo uso de registro lingüístico.

As aulas sugeridas na Unidade 2 apóiam-se nos seguintes conteúdos centrais: caracterização e importância da norma culta; a liberdade de criação propiciada pela linguagem literária; as marcas das modalidades escrita e oral da língua.

Na Unidade 3, as atividades têm como foco o desenvolvimento no aluno das habilidades a seguir:

- Aprender os sentidos do texto que apresenta linguagem verbal e imagem;
- Perceber a importância do contexto para a compreensão do texto;
- Criar selo de qualidade para produto industrializado da região em que se situa a escola;
- Identificar marcas de oralidade em texto oral;
- Identificar traços do dialeto social, popular, em texto oral;
- Transformar texto oral em texto escrito;
- Revisar o próprio texto;
- Recontar narrativa oralmente;
- Identificar os recursos lingüísticos e visuais em *outdoor*;
- Discutir temas sociais pertinentes à comunidade;
- Criar *outdoors* com os temas discutidos.

Nesta Unidade, as atividades de apoio estão centradas nos elementos que devem ser enfatizados no trabalho com o texto em sala de aula, seguindo os estudos mais recentes sobre o assunto, e no papel dos interlocutores do texto, com seus objetivos.

Finalmente, na Unidade 4, as aulas propostas buscam desenvolver no aluno as habilidades listadas:

- Entender o conceito de intertextualidade;

- Reconhecer a intertextualidade em fatos do cotidiano, em cantiga de roda e letra de música;
- Entender a noção de paráfrase;
- Parafrasear notícia de jornal e texto em quadrinhos;
- Compreender o conceito de paródia;
- Interpretar paródias de provérbios e identificar matrizes;
- Criar paródia de conto de fadas e de provérbios;
- Compreender o conceito de ponto de vista;
- Reescrever texto mudando o foco narrativo.

Os conteúdos que sustentam as atividades de apoio são: as formas de diálogo entre textos de várias épocas e sua presença no cotidiano e a importância do ponto de vista na interlocução.

Ao final de cada unidade, são apresentadas as respostas esperadas ou possíveis de cada atividade, com o intuito de contribuir para o trabalho do professor.

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

LINGUAGEM E CULTURA

UNIDADE 1

VARIANTES LINGÜÍSTICAS: DIALETOS E REGISTROS

GESTAR AAA1

Aula 1

Uma estranha passageira

Nesta aula os alunos farão previsões sobre o texto e as confirmarão ou não após a leitura.

Objetivos

- Levantar hipóteses sobre texto narrativo (crônica) antes da leitura.
- Verificar o acerto das hipóteses após leitura do texto.

Os números à esquerda do texto indicam os parágrafos para facilitar a localização de palavras, expressões, trechos.

Aula 1

Uma estranha passageira

Você vai ler um texto cujo título é “A estranha passageira”. Antes, porém, vai fazer previsões sobre ele. Depois da leitura, você poderá compará-las com os significados do texto.

Para fazer as previsões, considere as perguntas abaixo:

A história é mais voltada para a realidade ou para a ficção?

Por que será que a passageira é estranha?

Quem é ela?

É passageira de automóvel? Trem? Navio? Avião?

Quem será o narrador, isto é, quem conta a história?

Será sério esse texto? Ou engraçado? Ou triste?

Para saber, vamos à leitura!

A estranha passageira

1 – O senhor sabe? É a primeira vez que eu viajo de avião. Estou com zero hora de voo – e riu nervosinha, coitada.

2 Depois pediu que eu me sentasse ao seu lado, pois me achava muito calmo e isto iria fazer-lhe bem. Lá se ia a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem. Suspirei e fiz o bacano respondendo que estava às suas ordens.

3 Madama entrou no avião sobraçando um monte de embrulhos, que segurava desajeitadamente. Gorda como era, custou a se encaixar na poltrona e a arrumar todos aqueles pacotes. Depois não sabia como amarrar o cinto e eu tive que realizar essa operação em sua farta cintura.

4 Afinal estava ali pronta para viajar. Os outros passageiros estavam já se divertindo às minhas custas, a zombar do meu embaraço ante as perguntas que aquela senhora me fazia aos berros, como se estivesse em sua casa, entre pessoas íntimas. A coisa foi ficando ridícula.



Uma estranha passageira

5 – Para que esse saquinho aqui? – foi a pergunta que fez, num tom de voz que parecia que ela estava no Rio e eu em São Paulo.

6 – É para a senhora usar em caso de necessidade – respondi baixinho.

7 Tenho certeza de que ninguém ouviu minha resposta, mas todos adivinharam qual foi, porque ela arregalou os olhos e exclamou:

8 – Uai... as necessidades neste saquinho? No avião não tem banheiro?

9 Alguns passageiros riram, outros – por fineza – fingiram ignorar o lamentável equívoco da incômoda passageira de primeira viagem. Mas ela era um azougue (embora com tantas carnes parecesse um açougue) e não parava de badalar. Olhava para trás, olhava para cima, mexia na poltrona e quase levou um tombo, quando puxou a alavanca e empurrou o encosto com força, caindo para trás e esparramando embrulhos para todos os lados.

10 O comandante já esquentara os motores e a aeronave estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem. Percebi que minha vizinha de banco apertava os olhos e lia qualquer coisa. Logo veio a pergunta:

11 – Quem é essa tal de emergência que tem uma porta só para ela?

12 Expliquei que emergência não era ninguém, a porta é que era de emergência, isto é, em caso de necessidade, saía-se por ela.

16

13 Madama sossegou e os outros passageiros já estavam conformados com o término do “show”. Mesmo os que mais se divertiam com ele resolveram abrir os jornais, revistas ou se acomodarem para tirar uma pestana durante a viagem.

14 Foi quando madama deu o último vexame. Olhou pela janela (ela pedira para ficar do lado da janela para ver a paisagem) e gritou:

15 – Puxa vida!!!

16 Todos olharam para ela, inclusive eu. Madama apontou para a janela e disse:

17 – Olha lá embaixo.

18 Eu olhei. E ela acrescentou: – Como nós estamos voando alto, moço. Olha só... o pessoal lá embaixo até parece formiga.

19 Suspirei e lasquei:

20 – Minha senhora, aquilo são formigas mesmo. O avião ainda não levantou voo.

Preta, Stanislaw Ponte. *Caroto linha dura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

STANISLAW PONTE PRETA (pseudônimo de Sérgio Porto, 1923-1968). Cronista, escreveu para jornais, rádio e televisão, criando uma galeria de personagens, por meio dos quais satirizava a vida carioca e nacional. Principais obras: *Tia Zulmira e eu*; *Primo Altamirando e elas*; *O festival de besteiras que assola o país*; *Febeapá n° 2*; *Febeapá n° 3*; *O distraído Rosamundo*; *Bonifácio, o patriota*; *País do crioulo doído*; *A máquina de fazer doído*.

Agora que todos conhecem o texto, poderão verificar se as previsões que fizeram sobre ele, antes da leitura, confirmaram-se ou não. O professor vai ouvi-las e anotar no quadro aquelas que se referem aos principais significados do texto.

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Inicie a aula estimulando a curiosidade dos alunos: proponha as questões que vêm antes do texto de Stanislaw Ponte Preta. Você pode criar outras, se achar conveniente. Mostre a importância do título, que pode revelar o assunto, antecipar fatos, provocar curiosidade, etc.

Depois de ouvir a opinião dos alunos, faça a primeira leitura do texto, procurando reproduzir ao máximo o tom usado pelos personagens. Observe que o narrador conta, em 1ª pessoa, trechos da conversa, como no § 2. Há também o diálogo expresso pelo discurso direto. O tom da fala de cada um é indicado ou sugerido por palavras, expressões ou frases. Neste texto, a observação dessas marcas é indispensável para uma leitura oral realmente expressiva.

Encaminhe a leitura silenciosa individual.

Vale a pena comentar com os alunos, após a leitura, os seguintes aspectos do texto:

✓ Nos § 5 e 6, há referência ao saquinho plástico oferecido aos passageiros do avião em caso de enjôo e vômito. A passageira espanta-se porque entende que a palavra “necessidade” refere-se às fisiológicas (defecar e urinar). Esse é o “lamentável equívoco” mencionado pelo narrador no § 9.

✓ O humor da crônica tem como base a ignorância da passageira em relação a viagens de avião e a falta de discrição no trato com pessoas desconhecidas, que a leva a dar vexames.

Chame atenção para as informações sobre o autor.

Sugestão: no decorrer das aulas, organize com os alunos um mural dos autores dos textos propostos nas atividades. Assim, os alunos criarão uma galeria de escritores que propiciará a familiarização com grandes nomes da literatura.

Dê cinco ou dez minutos para que os alunos examinem suas previsões sobre o texto. Em seguida, peça que as apresentem.

A atividade oral deve ocorrer de modo descontraído. Se algum aluno contar uma anedota “cabeluda”, leve o assunto para a discussão encaminhando-o para que a turma perceba que o texto não é adequado ao ambiente e à finalidade do trabalho.

Variantes lingüísticas: dialetos e registros



Atividade 1 _____

Unidade 1

Quem não gosta de ouvir ou ler uma história divertida, contada com graça e expressividade?

Stanislaw Ponte Preta divertiu seus leitores contando casos com muito humor, como o que você acabou de ler.

E você, conhece alguma anedota, piada ou caso engraçado para contar em classe?

Conte, para que todos dêem boas risadas!

17

Aula 2

Sociedade, cultura, língua

Para esta aula escolhemos um texto do jurista Walter Ceneviva, que, tendo por base o novo Código Civil, comenta a discriminação contra a mulher.

Temas transversais: Sexualidade e Trabalho

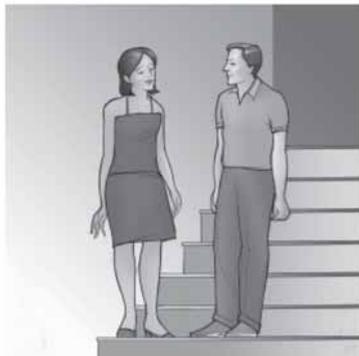
Objetivos

- Perceber a interdependência entre sociedade, cultura e língua.
- Perceber que as mudanças na cultura dependem de fatores temporais e espaciais.

18

Aula 2

Sociedade, cultura, língua



Quando você conversa com pessoas bem mais velhas, percebe que elas têm um modo de pensar diferente do seu, não é? O mesmo acontece quando você tem informações sobre como vivem pessoas que nasceram e moram em países distantes, com costumes diversos dos nossos. Essas diferenças dependem da cultura, isto é, o conjunto de formas de dizer, pensar e sentir de uma pessoa ou de uma sociedade.

Guarde duas idéias importantes:

- A cultura muda no decorrer do tempo e depende do lugar: é uma construção social e histórica;
- A língua é um dos elementos que

expressam fortemente a cultura e que contribuem para transformá-la.

18

Portanto, sociedade, cultura e língua interferem continuamente uma na outra.

Você vai ler um texto, publicado pouco antes do novo Código Civil, que é um exemplo do que afirmamos.

Sabe o que é o Código Civil? É um conjunto de leis que se referem às pessoas e às atividades essenciais que fazem parte da sociedade humana. O Código Civil inclui todas as normas consagradas ao longo do tempo, podendo, no entanto, modificá-las para se adequarem à mudança dos costumes e às necessidades sociais. O Código Civil seria uma espécie de “Constituição do Homem Comum”.

Agora, leia o texto.

O Código Civil de 1916, que entrou em vigor no dia 1^o de janeiro de 1917, privilegiou claramente o masculino, como era uso ao seu tempo. O pai era o chefe da sociedade conjugal, a mulher casada era relativamente incapaz, a gerência e a administração dos bens eram do marido e havia longuíssima enumeração dos requisitos do dote, constituído pela noiva, por seus pais ou por estranhos, a ser administrado exclusivamente pelo marido. O dote poderia compreender todos os bens da noiva na data do casamento e os que ela, no futuro, viesse a adquirir. (...)

Algumas discriminações foram desaparecendo ao longo do tempo, como aconteceu com a chefia absoluta da sociedade conjugal, extinta em 1962. As discriminações sociais resistiram muito para desaparecer. A mulher preferia suportar os defeitos do esposo a deixá-lo, pois era ela quem quase sempre pagava pelo peso social de ser, como se dizia, “largada do marido”.

AAA 1 - Linguagem e Cultura

O artigo que vamos estudar dá oportunidade a que se trabalhe o tema transversal **Sexualidade**, relacionando-o com **Trabalho**. Atualmente tais temas têm forte presença nos meios de comunicação devido à participação expressiva da mulher no mercado de trabalho e, muitas, vezes, na chefia da família. Apesar disso, sabe-se também que os direitos femininos ainda estão longe de serem iguais aos masculinos; um exemplo é a remuneração menor para mulheres em relação à de homens, mesmo quando ambos desempenham as mesmas tarefas profissionais.

Converse sobre as idéias que iniciam a aula e enfatize a ligação entre sociedade, cultura e língua.

Verifique se o conceito de Código Civil foi compreendido.

Caso queira mais informações sobre o assunto, consulte o quadro a seguir.

Em janeiro de 2002, o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a versão final do novo Código Civil.

Segundo o jurista Miguel Reale, em um país há duas leis fundamentais: a “Constituição” e o “Código Civil”.

A Constituição Federal cuida da estrutura e atribuições do Estado em função do ser humano e sociedade civil. O Código Civil refere-se a pessoa humana e a sociedade civil como tais, abrangendo suas atividades essenciais. Seria a “Constituição do Homem Comum”.

Um Código, segundo o professor, deve cuidar, de preferência, das normas gerais consagradas ao longo do tempo, de regras dotadas de plausível certeza e segurança – sendo praticamente impossível dar guarida a todas as inovações correntes – seria a “Legislação Matriz”, a partir da qual se constituem os “Ordenamentos Normativos Especiais”. Exemplo: “Lei das Sociedades Anônimas”, “Mercado de Capitais”, “Direito da Concorrência” e “Direito do Consumidor”, que compreendem objetivos e normas de natureza econômica ou técnica, quando não conhecimentos e exigências específicas, como é o caso de inseminação artificial, que envolve questões do domínio da medicina e da engenharia genética, implicando problemas tanto da Bioética, quanto de Direito Administrativo, Processual, a fim de atender as exigências de segurança e certeza no concernente à maternidade ou paternidade.

Adaptado de: <http://www.ipdci.org.br/revista/arquivo/053.htm>

Após a leitura do texto, proponha que os alunos explicitem e comentem sua percepção das diferenças culturais, relatem fatos vivenciados com avós ou pessoas idosas; fotos, ilustrações ou ainda cenas vistas no cinema ou em TV que mostrem povos com diferentes modos de viver. Observe sempre o desempenho dos alunos avaliando a competência que apresentam em situação de oralidade:

- ✓ Os alunos permanecem atentos ao tema proposto, ou fogem dele fazendo comentários sobre assuntos não pertinentes?
- ✓ A linguagem que usam permite que suas idéias sejam compreendidas?
- ✓ Cada um espera sua vez de falar ou vários falam ao mesmo tempo?
- ✓ Há respeito a opiniões divergentes ?
- ✓ Há tolerância em relação a respostas incorretas ou inadequadas?

Estimule sempre a participação dos mais tímidos e inseguros.

Encaminhe as questões sobre o texto.

Geralmente os alunos pensam que somente a leitura do texto propriamente dito é suficiente para entender seus significados. Na verdade, essa idéia funciona em casos raros. Oriente os alunos a observar as informações que “rodeiam” os textos: introduções, enunciados de questões, indicação bibliográfica. Embora externas ao texto, elas trazem contribuições preciosas para o entendimento dele. É útil grifar palavras ou expressões reveladoras de aspectos importantes do texto. No caso do artigo de Walter Ceneviva, que agora estudamos, é indispensável prestar atenção ao advérbio **antes**, que aparece no enunciado introdutório, e que ajuda a responder à questão 1b. A indicação bibliográfica traz pistas essenciais à resposta dos itens da questão 1.

Observe que, mesmo em situações corriqueiras, a língua denuncia o formato conservador da família brasileira e o preconceito contra a mulher: o homem costuma referir-se à esposa como “**minha** mulher”: o uso do possessivo (minha) indica a condição de possuidor; no entanto, a esposa não alude ao marido como “**meu** homem”...

Variantes lingüísticas: dialetos e registros

Unidade 1

O preconceito, porém, não terminava aí. A palavra *homem* foi tomada na lei brasileira durante grande parte do século 20 como significando a pessoa titular de direitos, enfim, o ser humano. A rigor, continuará a existir até o fim deste ano, quando terminará a vigência do código de 1916, cujo artigo 2º diz: "Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil." (...)

As mudanças que começarão a vigor em 1º de janeiro próximo eliminaram expressões impróprias e discriminadoras. Assim, o artigo 1º passará a dizer que "toda pessoa é capaz de direitos e deveres na ordem civil". O critério para a capacidade civil é o mesmo para homens e mulheres.(...)

O novo artigo 1565 dirá tudo a respeito da igualdade no casamento. O homem e a mulher serão "consortes, companheiros e responsáveis pelos encargos da família". Nem mesmo substituirá a tradicionalíssima imposição de a mulher adotar o nome de família do marido ou, no máximo, manter o nome de solteira. A contar do ano que vem, qualquer dos noivos, querendo, poderá acrescentar o sobrenome do outro ao seu. Seja o dele, seja o dela.

(...)

Ceneviva, Walter. "Código Civil amenizará diferenças de sexo". *Folha de S. Paulo*, Cad. Cotidiano, seção Letras Jurídicas, 17/08/2002, p. 2.

Antes das atividades escritas, o professor vai propor a discussão de um assunto ligado ao texto. Colabore, dando sua opinião.

19



Atividade 1

Antes de procurar entender o texto, preste atenção à informação que vem imediatamente após ele: quem o escreveu, título, qual é o suporte (livro, revista, jornal, folheto, site, etc.), seção e data de publicação.

a) Qual é o título do texto?

b) O novo Código Civil entrou em vigor em 1º de janeiro de 2003, portanto, o fato já aconteceu. Por que então o verbo do título está no futuro?

c) Em que tipo de suporte o artigo foi publicado?

Sociedade, cultura, língua

Aula 2

d) A que área do conhecimento o texto pertence?

e) Qual é o dialeto usado pelo autor? Por que ele é adequado?



Atividade 2 _____

O texto refere-se à discriminação no Código Civil. De que tipo?

20



Atividade 3 _____

Como a linguagem do Código Civil de 1916 exprimia tal preconceito?



Atividade 4 _____

De 1916 para cá, o modo de entender o papel da mulher na sociedade mudou. Encontre no texto um exemplo de que a língua acompanha a mudança de costumes.

Atividade 5: liste na lousa os preconceitos citados e estimule comentários.

Variantes lingüísticas: dialetos e registros

Unidade 1

 **Atividade 5** _____

Pense na comunidade em que você vive. É difícil, talvez mesmo impossível, existir alguma em que pessoas não façam discriminações de nenhuma espécie. Você sabe que a linguagem “mostra” a discriminação, os preconceitos de quem a usa. Liste as palavras ou expressões da linguagem oral que exprimem os preconceitos existentes na sua comunidade. Participe da conversa que o professor vai propor sobre essa questão.

21

Aula 3

A gíria

Esta aula trabalha com gíria.

Objetivo

Entender a noção de gíria.

A gíria faz parte do dialeto de função. A gíria de grupos não aceitos pela sociedade, como o dos pichadores, dos drogados, dos presidiários, surge como elemento de auto-defesa, por isso inclui um vocabulário só entendido por seus membros. Com o passar do tempo e à medida que certos termos vão sendo conhecidos por outros grupos, acabam por se difundir e ser incorporados pelo léxico comum. Aceitos nos dicionários, aparecem em verbetes com a designação abreviada de gíria.

24

Aula 3

A gíria

Nossa língua é a portuguesa, mas ela tem variações, isto é, cada grupo social fala de um jeito próprio, de acordo com a região em que mora, idade, nível social, sexo, profissão. Essas variações são chamadas **dialetos**.

Por vezes, o dialeto é usado por um grupo fechado, por exemplo, o dos surfistas, dos pescadores, dos pagodeiros, dos caminhoneiros, etc. E tem palavras que são conhecidas e entendidas apenas por quem pertence ao grupo. Essa linguagem é chamada de gíria.

A gíria é usada na linguagem coloquial falada, por adultos e crianças.

Veja trechos do livro *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, em que a menina Raquel usa muitas gírias:

“Levei uns cascudos que eu vou te contar. (...) fui cedo pra cama porque vi logo que ia dar galho. (...) Fui dormir na maior fossa de ser criança podendo tão bem ser gente grande.” (p.14)

“Mas não era música antiga não: era uma música tão quente que todo o mundo ficou ligado e deixou tudo que tava fazendo pra ir pro meio da casa dançar. Faziam uns passos bacanas, riam, cantavam, cada um curtindo a farra mais que o outro.” (p.9)

Nunes, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. 32 ed., Rio de Janeiro: Agir, 2000.

22

Agora, você vai responder às perguntas abaixo:



Atividade 1

a) Grife os termos de gíria.

b) Você considera que esses termos são adequados à fala da menina? Por quê?



Atividade 2

Várias expressões que inicialmente faziam parte da gíria podem passar a ser usadas na linguagem comum. Observe as expressões a seguir, que fazem parte da gíria dos surfistas.

Aê: saudação

Animal: surfista agressivo

Inicie com um atividade oral sobre o assunto da aula, como esta, por exemplo: após falar sobre dialetos e gíria, peça aos alunos que citem gírias de grupos sociais da comunidade: pescadores, caminhoneiros, capoeiristas, feirantes, pagodeiros, sambistas, etc.

Depois de lerem os exemplos retirados de *A bolsa amarela*, pergunte que gírias eles próprios usam no dia-a-dia.

Encaminhe as questões escritas.

Variantes lingüísticas: dialetos e registros

Unidade 1

Bacalhau: mulher feia
Batida: manobra em que se acerta a crista da onda com a parte de baixo da prancha
Brother, brô: forma de tratamento entre surfistas
Cabeludo: mar perigoso
Casca-grossa: surfista experiente, que não teme ondas grandes
Fissura: vontade de fazer algo
Maria-parafina: garota que gosta de surfistas
Marreca: onda pequena
Pagar mico: passar vergonha
Tomar vaca: levar um tombo

Você já deve ter ouvido algumas das gírias acima, usadas por gente que não é surfista e com sentido igual ou muito próximo ao da lista. Que expressões são essas?



Atividade 3 _____

23

Você é capaz de entender o texto abaixo?

Aqui no grupo a gente só quer turbinado. Roda-presa e Zé-sujinho não têm vez. No tapetão preto, o negócio é manter o bruto na mão certa e ser amigo do João-de-barro. E na hora de fazer apanha, saber muito bem se é coisa honesta, que não vai dar bode. E tem que ser companheiro: na hora de parar pra comer um produto, se o irmão caminhoneiro não tem pra inteirar a conta, tem que ajudar ele.

a) A que grupo profissional pertence o autor do texto?

b) Qual é o assunto do texto?

c) Que dialeto é usado?

Atividade 3: o texto é difícil de entender devido à gíria dos caminhoneiros, que, como outras de grupos profissionais, só é conhecida por quem deles faz parte. Mas o exercício de parafrasear o texto (e as dificuldades nele encontradas) mostra o caráter fechado dessa linguagem e constitui um desafio para os alunos. Enfatize a importância do contexto.

A gíria

Aula 3

d) Talvez você não entenda todas as gírias do texto. No entanto, reescreva-o “traduzindo” os termos que conseguir e usando o dialeto formal. No momento dos comentários, você terá a oportunidade de conferir a resposta com o professor.

24

Aula 4

O dialeto popular

Além de trabalhar com um poema em linguagem popular, a aula orienta a leitura de verbete de dicionário.

Material opcional

Um dicionário para cada dupla de alunos.

Objetivos

- a) Perceber a equivalência comunicativa do dialeto popular.
 - b) Ler verbete de dicionário e entender algumas de suas convenções lingüísticas.
-

Promova a atividade oral, antes da escrita, e aproveite o momento para fazer comentários sobre os seguintes pontos:

✓ A inclusão de Zé da Luz numa obra que reúne os cem melhores poetas brasileiros do século XX (veja a indicação bibliográfica) é uma prova de que não deve haver preconceito em relação ao dialeto de grupos sociais pouco ou nada escolarizados. Os dialetos equivalem-se do ponto de vista lingüístico, isto é, não há melhor nem pior, pois cada um exerce a função comunicativa em seu contexto de uso. Chame a atenção dos alunos para esse fato.

✓ Na introdução da aula, afirmamos que o poema é um texto literário. As seguintes características justificam a afirmação: a linguagem é poética e, por se tratar de poema, explora a sonoridade por meio da métrica e da rima, portanto a finalidade é estética, e não utilitária; tem intenção de suscitar emoção e prazer; a expressão está em primeiro plano, e não a informação, já que o tratamento do tema se dá por um modo particular, único de organizar a linguagem.

Na compreensão detalhada do texto, após a leitura, esclareça que “Polista” é variante de Paulista, marca do brim. Também conduza o comentário de aspectos do texto para que os alunos percebam o sentimento de exploração do sertanejo pelo político socialmente bem situado: no dia da eleição, aquele serve de escada a este, homem de posição!

Quanto à avaliação das respostas: a menos que se queira avaliar especialmente o registro do aluno, as respostas dadas por ele devem ser consideradas corretas quando a idéia é correta. Lembrar que a precisão e clareza na linguagem são conseguidas com muito estudo, empenho e maturidade intelectual. Isso não significa que o professor deva descuidar do papel de mediador no aprimoramento lingüístico do aluno, mas sim que vários aspectos do desempenho devem ser considerados, sempre tendo em vista o nível de escolaridade da turma.

Aula 4 O dialeto popular

Zé da Luz é um poeta paraibano. Ao ler algumas estrofes do poema "Brasí Cabôco", de sua autoria, você vai perceber que um texto pode ser considerado literatura mesmo que sua linguagem não seja culta:

O qui é Brasí Cabôco?

É um Brasí deferente
Do Brasí das capitá.
É um Brasí brasiléro,
Sem mistura de istrangéro,
Um Brasí nacioná!

É o Brasí qui não veste
Liforme de gazimira,
Camisa de peito duro,
Cum butuadura de ouro...
Brasí Cabôco só veste,
Camisa grossa de lista,
Carça de brim da "Polista"
Gibão e chapêu de couro!

Brasí Cabôco não come
Assentado nos banquetes,
Misturado cum os hôme
De casaca e anelão...
Brasí Cabôco só come
O bode sêco, o feijão,
E as vêz uma paneláda,
Um pirão de carne verde,
Nos dias das inleição,
Quando vai servi de iscáda
Prós hôme de pusição!

Brasí Cabôco não sabe
Fala inglês nem francês,
Munto meno o português
Qui os outro fala imprestádo...
Brasí Cabôco não iscreve;
Munto má assina o nome
Prá votá, prumóde os hôme
Sé Gunverno e Diputádo!

Os cem melhores poetas brasileiros do século. Seleção de José Nêumane Pinto. São Paulo: Geração Editorial, 2001, p. 311-2.

ZÉ DA LUZ nasceu na cidade paraibana de Itabaiana, em 1904, e morreu no Rio de Janeiro, em 1965. Sobre a leitura de sua poesia, José Lins do Rego disse que é como "escutar o falar arrastado do povo, nos erres comidos, nos eles sem força." Zé da Luz publicou *Brasil Caboclo* e *O sertão em carne e osso*.

25



Aula 4

O dialeto popular

Antes da atividade escrita, o professor vai perguntar o que os alunos acharam do texto, se gostaram, que comentários querem fazer.

Participe ativamente desse momento apresentando suas opiniões.



Atividade 1 _____

Observe o título do poema, citado no enunciado da aula.

a) O poeta usa o dialeto popular. Como ficará o título, se for usado o dialeto culto?

b) O vocabulário do poeta indica traços da cultura nordestina paraibana. Encontre três exemplos no texto.



Atividade 2 _____

26

De acordo com o poeta, o que é o Brasí Cabôco? Explique com suas palavras.



Atividade 3 _____

Vamos ver o que significa a palavra *caboclo* no dicionário?

Leia o verbete:

caboclo **1** (ô). [Do tupi.] S. m. Bras. 1. Mestiço de branco com índio; cariboca, carijó. 2. Antiga denominação do indígena. 3. Caboclo¹ (1) de cor acobreada e cabelos lisos; caburé, tapuío. 4. V. **caipira** (1)...

www.uol.com.br/aurelio

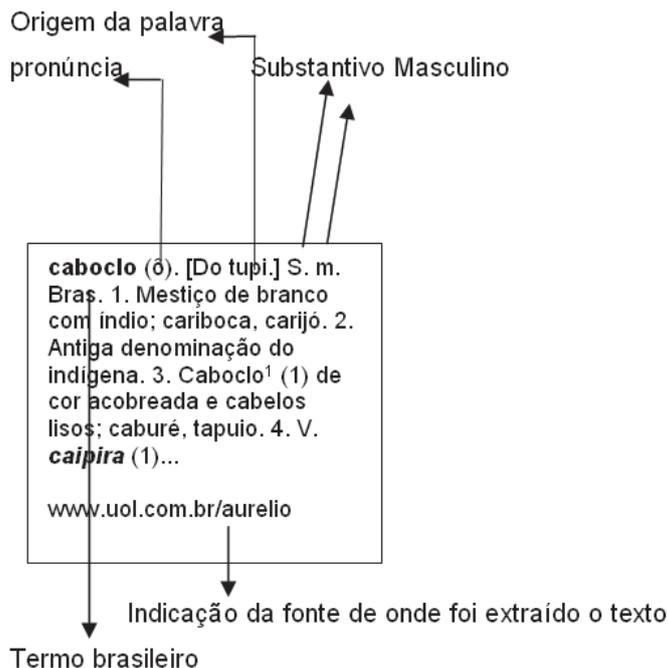
No final do verbete, há uma indicação:

4. V. **caipira**(1)...

A abreviatura **V.** significa **ver**, isto é, o dicionarista sugere que você veja o verbete que traz o vocábulo **caipira**.

AAA 1 - Linguagem e Cultura

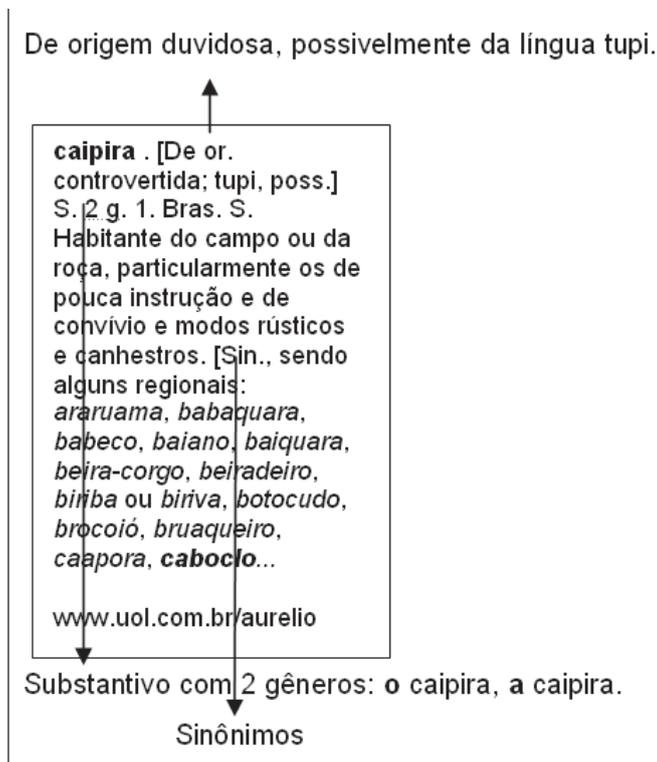
Atividade 3: ensine a “ler” o verbete. Se possível, use dicionários na sala e oriente os alunos no manuseio. Lembre-os de que tais obras apresentam instruções de como utilizar, incluindo listas das abreviaturas e sinais usados.



Os números equivalem às acepções do vocábulo, isto é, aos sentidos que ele apresenta.

30

De origem duvidosa, possivelmente da língua tupi.



Variantes lingüísticas: dialetos e registros

Aqui está ele. Leia:

caipira. [De or. controvertida; tupi, poss.] S. 2 g. 1. Bras. S. Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros. [Sin., sendo alguns regionais: *araruama, babaquara, babeco, baiano, baiquara, beira-corgo, beiradeiro, biriba* ou *biriva, botocudo, brocoió, bruaqueiro, caapora, caboclo...*

www.uol.com.br/aurelio

Unidade 1

Qual dos sentidos está mais próximo do usado pelo poeta?



Atividade 4

Veja estes versos do poema:

*Brasí Cabôco não sabe
Fala inglês nem francês,
Munto meno o português
Qui os outro fala emprestado...*

27

a) A que português o poeta se refere quando fala do português que os outros falam emprestado?

b) Então, conclua: qual seria, para o poeta, o português verdadeiro, que não é emprestado?

c) E para você, qual é o português verdadeiro?

Aula 5

A propaganda

Pelo menos um dia antes desta aula, peça aos alunos que tragam para a escola o material citado:

Material _____

Propagandas coletadas pelos alunos em revistas ou jornais.

Opcional _____

Propaganda de posto de combustível, de preferência da BR, que comercializa produtos da empresa nacional Petrobrás, tal como fazia a USGA em época passada.

Objetivos _____

- a) Perceber que a publicidade é reveladora dos costumes de época.
- b) Observar um anúncio antigo e compará-lo com um atual.
- c) Criar texto publicitário.

32

Exiba as propagandas trazidas pelos alunos e incentive opiniões e comentários sobre elementos como o tipo de imagem, as cores, o texto verbal, o tamanho e o desenho das letras, o produto.

Se tiver conseguido a propaganda de posto de combustível, mostre-a para os alunos. Coordene um trabalho oral de comparação entre a da USGA e a da BR ou outra marca. Oriente na observação dos detalhes de imagem e texto. Mostre que o estilo formal do anúncio antigo combinava com o formalismo dos costumes.

Embora não tenhamos trabalhado o texto publicitário, a atividade escrita não deve ser difícil: devido ao grande número de propagandas veiculadas pelos meios de comunicação de massa, os alunos certamente estão familiarizados com essa modalidade de texto.

Aula 5 A propaganda

Veja o anúncio ao lado, sobre combustível. Como se pode ver pelos créditos, ele foi publicado n' *O Jornal*, no Rio de Janeiro, em 1928.

A propaganda reflete bem os costumes da época. Esse anúncio é bem diferente dos atuais, não é? Olhe-o novamente, prestando atenção aos detalhes. Vamos comparar a propaganda de 1928 com uma de hoje?



7. *O Jornal* (RJ) - 17/09/1928

28



Atividade 1 _____

Em relação à imagem, que diferenças você pode perceber?



Atividade 2 _____

Em relação à língua, o que você nota?



Atividade 3 _____

Que argumento o anunciante usa para convencer o leitor a usar o combustível USGA?



Atividade 4 _____

Se lhe dessem a tarefa de modernizar o anúncio, como você o faria? Descreva a imagem que usaria e escreva o texto correspondente. Não se esqueça: o publicitário sempre tem a intenção de convencer alguém a comprar o que ele anuncia!

Aula 6

Uma fábula moderna

Nesta aula, vamos trabalhar com uma fábula moderna, escrita por Millôr Fernandes.
Tema transversal: Família

Material

Qualquer fábula tradicional.

Objetivos

- a) Perceber que os registros são escolhidos pelo locutor de acordo com o tipo de interação.
 - b) Entender a noção de paródia.
-

Leia o texto para os alunos, peça opiniões e verifique se há dúvidas. Comente: o texto é um exemplo de que usamos diferentes registros de acordo com nossa intenção e o contexto em que nos encontramos. Dê exemplos de situações vivenciadas por você e peça que os alunos apresentem também experiências desse tipo.

34 Leia então uma fábula tradicional e comente a diferença entre ela e a de Millôr Fernandes, que não apresenta personagens animais: a tartaruga não fala nem pensa, portanto não representa o ser humano. Além disso, a moral do texto de Millôr é irônica: a morte de alguém nem sempre é chorada por causa da saudade, mas sim pelos benefícios que se perdem.

Explique que o escritor faz uma paródia da fábula tradicional, isto é, valendo-se de um tipo de texto já existente, cria outro, com novas idéias. A narrativa é subvertida, geralmente com intenção de criticar, ironizar. No livro de Millôr, chamado *Fábulas fabulosas*, todos os textos parodiam as fábulas tradicionais, ironizando a moral que constitui seu fecho.

O tema transversal “Família” pode ser discutido no texto de Millôr, no que diz respeito à relação entre a criança e os adultos que com ela convivem.

Aula 6

Uma fábula moderna

Você sabe o que é fábula? É uma história em que os personagens são animais que agem como se fossem seres humanos. No final, sempre há um ensinamento inspirado pela história e que é chamado "moral".

O texto a seguir é uma fábula moderna: os personagens que agem são seres humanos e não animais, no entanto, a história termina com uma moral, tal como as fábulas antigas.

A morte da tartaruga

Millôr Fernandes

O menino foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força. A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. "Cuidado, senão você acorda seu pai". Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.



29

Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava. O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: — "Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que fazer. Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito". O pai examinou a situação e propôs: — "Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai.". O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse: — "Eu sei que você sente muito a morte da tartaruginha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral". (Empregou de propósito uma palavra difícil). O menino parou imediatamente de chorar. "Que é funeral?" O pai lhe explicou que era um enterro. "Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário. Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o "Happy-Birth-Day-

Aula 6

Uma fábula moderna

To-You” pra tartaruginha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruginha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia em que ela morreu. Isso é que é funeral! Vamos fazer isso?” O garotinho estava com outra cara. “Vamos, papai, vamos! A tartaruginha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela”. Saiu correndo. Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal. “Papai, papai, vem cá, ela está viva!” O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruginha estava andando de novo, normalmente. “Que bom, hein?” — disse — “Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!” “Vamos sim, papai” — disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande — “Eu mato ela”.

MORAL: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.

Fernandes, Millôr. *Fábulas fabulosas*. São Paulo: Circulo do Livro, 1973.

Millôr Fernandes (1924) é um conhecido humorista brasileiro. Desenvolve suas atividades em vários campos: desenho, teatro, literatura, tradução e jornalismo. Ficou famoso com a página intitulada “O pif-pá”, na antiga revista *O Cruzeiro*. Seus desenhos de humor, publicados nas revistas semanais, sempre fizeram sucesso.



Atividade 1 _____

30

O narrador participa da história como personagem ou apenas conta o que aconteceu?



Atividade 2 _____

O narrador emprega vários diminutivos: menininho, animalzinho, tartaruginha, garotinho, Henriquinho.

a) Os diminutivos indicam o tamanho físico dos seres ou a afetividade com que são vistos na história?

b) Como os seres citados são vistos?

Variantes lingüísticas: dialetos e registros

Unidade 1

 **Atividade 3** _____

O modo como o narrador se expressa, isto é, o registro que usa para contar a história, é diferente do utilizado pelos personagens. Neste texto, eles usam o registro informal, pois são íntimos e estão conversando. Como você explica o fato de o registro do narrador ser muito próximo do usado pelos personagens no trecho “A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva!”?

 **Atividade 4** _____

Os personagens dialogam no texto. Que características da linguagem oral você percebe nesse diálogo?

 **Atividade 5** _____

Há um trecho em que se lê “A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.” A mãe promete ao menino brincos e, em seguida... uma surra. Essa seqüência indica que sentimento da mãe em relação ao menino?

31

Atividade 4: Na modalidade escrita, teríamos as seguintes formas correspondentes: *como* (em vez de *que nem*); *Olhe / você chorar* ou *Olha / tu chorares*; *Deixa-a / apanhá-la / mato-a*.

Atividade 5: Enfatize a importância da intencionalidade dos locutores na escolha da entoação, vocabulário, ritmo da língua.

Uma fábula moderna

Aula 6



Atividade 6 _____

Ao conversar com o filho, o pai usa a palavra “funeral”, e o narrador avisa que ele empregou de propósito uma palavra difícil.

a) Que palavra fácil ele poderia ter usado e que é sinônimo de “funeral”?

b) Qual a intenção do pai ao usar uma palavra difícil?

c) Ao explicar ao filho como seria o funeral da tartaruga, o pai usa linguagem coloquial, com marcas de oralidade. Quais delas você reconhece?

32

d) Por que o pai usa esse tipo de registro ao falar com o filho?



Atividade 7 _____

O funeral que o pai pretendia organizar era parecido com que tipo de evento? Por que o pai decidiu assim?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Atividade 6: Observe que a pontuação do diálogo é feita com aspas, diferentemente, portanto, do modo tradicional, que usa os dois pontos e travessão. O uso de aspas marcando as falas contribui para a fluência da narrativa. Se achar conveniente, transcreva um trecho do texto com a pontuação convencional do diálogo para que os alunos possam fazer a comparação entre os dois modos de registrá-lo.

Variantes lingüísticas: dialetos e registros



Atividade 8 _____

Unidade 1

O narrador conta que a mãe mexeu na tartaruga e verificou que ela estava morta. No entanto, essa informação é falsa, pois o animal não havia morrido. Como você explica esse fato?



Atividade 9 _____

Como você entendeu a moral da história?

33

Aula 7

Uma crônica bem-humorada

O texto escolhido para a aula é uma crônica.

Objetivo

Ler e interpretar crônica cujo tema é variação lingüística.

Inicie promovendo uma conversa com os alunos sobre aspectos importantes do texto, por meio de perguntas e comentários. Por exemplo:

1. Praxedes significa “homem prático” e Aristarco, “crítico severo”. Ambos são gramáticos, mas não se entendem sobre questões ligadas à língua. Como o cronista caracteriza a atitude de cada um diante da língua?

Resposta: Praxedes é mais liberal, por isso cuida da linguagem dos suplementos, mais solta, informal. Aristarco, “quadradão”, fica com as seções mais sisudas: editoriais e páginas de economia e política.

2. O que é o suplemento do jornal? E os editoriais?

Resposta: O suplemento é um caderno geralmente semanal, com assuntos variados; os editoriais são textos que expressam a opinião de jornalistas sobre temas do momento.

(Avalie o conhecimento que os alunos têm da composição de um jornal, perguntando sobre as manchetes, seções, cadernos.)

3. O cronista exagera em alguns fatos. Quais?

Resposta: Afirma que a gramática permite mil versões, diz que o desacordo entre os gramáticos os fazia bramir como um leão, conta que ambos brigaram no banco até desmaiarem.

4. Qual seria a intenção do cronista ao usar o exagero?

Resposta: Fazer rir, tornar engraçada a crônica.

5. Além do exagero, que outros recursos são usados para que a crônica seja engraçada? Que exemplos podem ser encontrados no texto?

Resposta: Dois recursos: a ironia, em passagens como: a referência aos nomes dos gramáticos, que não poderiam ser de cantores de rock; a afirmação de que a gramática é democrática; a caracterização de ambos como homens bons, que assinam listas e compram rifas para ajudar os necessitados; as demonstrações de inibição das pessoas, etc. Outro recurso é o emprego de palavras arcaicas ou da linguagem formal: “questiúnculas”, “pusilânime”, “vendilhão”, “biltre”, “genitora”.

Observe que a linguagem usada por Aristarco é antiquada, com vocabulário pontilhado de arcaísmos.

Sentido de algumas palavras no texto:

questiúnculas: *pequena questão, discussão sem importância*

vendilhão: *aquele que faz comércio com coisas de ordem moral*

alter ego: *expressão latina que significa “outro eu”, amigo íntimo, no qual se pode confiar tanto como em si mesmo*

biltre: *homem vil, infame*

poltrão: *covarde, medroso*

pusilânime: *fraco de ânimo, medroso, sem firmeza de decisão, covarde*

almofadinha: *homem que se veste com excessivo apuro*

caguincha: *medroso, covarde*

calhorda: *desprezível, ordinário*

Comente a ironia do texto: justamente o *boy*, usuário de dialeto popular, é o personagem que consegue maior eficácia na comunicação; os gramáticos, com toda sua erudição, não só eram impopulares, como acabaram dando vexame público ao se envolverem na briga.

Aula 7

Uma crônica bem-humorada

O texto que você vai ler é uma crônica bem-humorada, publicada em jornal.

Atualmente, a crônica é um gênero literário que explora qualquer assunto, principalmente os temas do cotidiano. Nela o cronista comenta algum acontecimento ou situação real e atual. Geralmente as crônicas são escritas para serem publicadas em jornais e revistas e, mais tarde, podem ou não ser reunidas em livro. A crônica tem como característica o tom humorístico ou crítico.

Santos nomes em vãos

Drama verídico e gerado por virgulazinhas mal postas, cúmplices de tantas reticências

Raul Drewnick

34

Praxedes é gramático. Aristarco também. Com esses nomes não podiam ser cantores de rock. Os dois trabalham num jornal – Praxedes despacha as questões à tarde, Aristarco à noite. Um jamais concordou com uma vírgula sequer do outro e é lógico que seja assim. Seguem correntes diversas. A gramática tem isso: é democrática. Permitindo mil versões, dá a quem sustenta uma delas o prazer de vencer.

Praxedes é um santo homem, Aristarco também. Assinam listas, compram rifas, ajudam quem precisa. E são educados. A voz dos dois é mansa, quase um sussurro. Mas que ninguém se atreva a discordar de um pronome colocado por Praxedes. Ou de uma crase posta por Aristarco. Se a conversa ameaça escorregar para os verbos defectivos ou para as partículas apassivadoras, melhor escapar enquanto dá. Porque aí cada um deles desanda a bramar como um leão.

Adversários inconciliáveis, têm um ponto em comum, além da obsessão pela gramática: não são nada populares. Na frente deles, as pessoas ficam inibidas, quase não conversam. Porque nunca sabem se dizem bom-dia ou bons-dias, se meio quilo são quinhentas gramas ou é quinhentas gramas, se é meio-dia e meio ou meio-dia e meia, se nasceram em Santa Rita do Passa Quatro ou dos Passam Quatro.



42

Variantes lingüísticas: dialetos e registros

Unidade 1

Para que os dois não se matem, o chefe pôs cada um num horário. Praxedes, mais liberal (vendilhão, segundo Aristarco) trabalha nos suplementos do jornal, que admitem uma linguagem mais solta. Aristarco, mais ortodoxo (quadradão, segundo Praxedes), assume as vírgulas dos editoriais e das páginas de política e de economia.

Cartas de leitores indignados com erros sempre foram a satisfação de um e a desconfiança do outro. Este João Pereira da Silva só pode ser o alter ego do Praxedes, rosna Aristarco. Este Carlos Jonas da Silveira é o Aristarco cuspidor e escarrador.

Sempre estiveram a um passo do quebra-pau. Hoje, para festa dos ignorantes e dos mutiladores do idioma, parece que finalmente vão dar esse passo. É dia de pagamento e eles se encontraram na fila do banco. Um intrigante vem pondo fogo nos dois há já um mês e agora ninguém duvida: nunca saberemos quem é o melhor gramático, mas hoje vamos descobrir quem é mais eficiente no braço.

Aristarco toma a iniciativa. Avança e despeja:

– Seu patife, biltre, poltrão, pusilânime.

Praxedes responde à altura:

– Seu panaca, almofadinha, calhorda, caguincha.

Aristarco mete o dedo no nariz de Praxedes:

– É a vossa genitora!

Praxedes toca o dedo no nariz de Aristarco:

– É a sua mãe!

Engalfinham-se, rolam pelo chão, esmurram-se.

Quando o segurança do banco chega para apartar, é tarde. Praxedes e Aristarco estão desmaiados um sobre o outro, abraçados, como amigos depois de uma bebedeira.

O guarda pergunta à torcida o que aconteceu. Um boy que viu tudo desde o começo explica:

– Pra mim, esses caras não é bom da bola. Eles começaram a falá em estrangeiro, um estranhó o otro, os dois foram se esquentando, se esquentando, e aí aquele ali, ó, que também fala brasileiro, pôs a mãe no meio. Levô uma bolacha e ficô doído, enfiô o braço no focinho do otro. Aí os dois rolô no chão.

Para sorte do boy, Aristarco e Praxedes continuavam desacordados.

In *O Estado de S. Paulo*, "Caderno 2", 6/mar/88.

RAUL DREWNICK nasceu em 1938. Aos 21 anos começou a trabalhar no jornal *O Estado de S. Paulo*. De 1986 a 1991, escreveu crônicas nesse jornal e, em 1992, na *Vêja São Paulo*. Atualmente colabora em várias publicações.

35

43

Uma crônica bem humorada

Aula 7



Atividade 1

A linguagem de Praxedes é diferente da de Aristarco.

a) Quem usa um registro mais formal?

b) Praxedes e Aristarco têm posições diferentes em relação à linguagem, e o vocabulário que usam também mostra esse desacordo. Encontre no texto as palavras e expressões que cada um usa para se agredir.

c) Mesmo que você desconheça o sentido das palavras difíceis no diálogo dos gramáticos, você percebe por que foram usadas, não é? Então responda: que intenção tinha Aristarco ao usar as palavras "biltre", "poltrão", "pusilânime"? E Praxedes, ao chamar o outro de "almofadinha", "calhorda", "caguincha"?

36



Atividade 2

Observe a fala do boy.

a) Por que ele diz que os briguentos "começaram a falá em estrangeiro"?

b) A quem o boy se refere ao apontar "aquele ali, ó, que também fala brasileiro"?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Variantes lingüísticas: dialetos e registros



Atividade 3 _____

Unidade 1

Qual sua opinião sobre a linguagem do boy: comunicava bem? Ou era incompreensível? Justifique sua idéia.



Atividade 4 _____

Por causa da preocupação exagerada com a gramática, tanto Praxedes quanto Aristarco acabavam por inibir as pessoas com as quais conviviam. E você, fica inibido diante de alguém por razões ligadas ao modo de falar ou escrever? Relate o que lhe acontece nessa situação.

37

Aula 8

Discutindo sobre a língua

Nesta aula, todas as atividades são orais e em grupo.

Objetivos

- a) Em grupo, discutir questões sobre variação lingüística, motivadas por leitura de crônica.
 - b) Relatar oralmente as conclusões do grupo.
-

Ao organizar os alunos, ajude-os a formar grupos produtivos, que agreguem pessoas com habilidades diversas; não permita discriminação para com os que apresentam dificuldades de aprendizagem; incentive todos a trabalhar seriamente.

Circule pela sala observando o trabalho dos grupos e de cada aluno, interferindo quando necessário.

A apresentação das respostas (que podem ser discordantes num mesmo grupo), não precisa ser feita sempre pelo mesmo aluno do grupo, sendo conveniente que cada um se responsabilize por, pelo menos, uma delas.

46

Trabalhe a oralidade com os alunos: a atitude deve ser de seriedade, e a linguagem, clara. Opiniões contrárias devem ser respeitadas, mas quem as mantém deve defendê-las com argumentos. Explique a ineficácia de opiniões justificadas por afirmações do tipo "Porque sim", "Porque não".

Aula 8

Discutindo sobre a língua

Você leu a crônica de Raul Drewnick, cujo tema é a discussão sobre a língua. Agora você também, juntamente com seu grupo, vai discutir questões ligadas a esse assunto. Conversem e se preparem para apresentar oralmente o(s) ponto(s) de vista.



Atividade 1 _____

As posições de Praxedes e Aristarco sobre a língua portuguesa eram discordantes, tanto que cada um usava um tipo de registro. Vocês acham que existe um registro melhor que outro? O grupo tem uma só opinião ou mais de uma?



Atividade 2 _____

O que é para vocês uma linguagem correta? E uma linguagem antiquada? Existe algum modo de falar que vocês consideram “careta”?

38



Atividade 3 _____

O vocabulário do boy tem gírias, pois ele usa um dialeto popular. Listem dez palavras ou expressões de gíria, usadas por seu grupo. Quando o professor os chamar, vocês deverão exemplificar o uso de cada uma e dar o significado.



Atividade 4 _____

Darcy Ribeiro foi um educador, antropólogo e político brasileiro. Vejam a opinião dele sobre o conhecimento da gramática:

(...) “A gramática é o esqueleto da fala. Assim como você não precisa saber tudo sobre seu esqueleto para andar, não precisa também saber gramática para falar e escrever. Uma pessoa sem esqueleto seria um saco de carne que se levaria daqui para acolá, mas que não poderia mover-se. Uma língua sem gramática é a mesma coisa: se dissolveria. Mas a gramática está embutida lá dentro, para manter as formas lingüísticas. Conhecê-la é matéria e assunto de especialistas.”

Ribeiro, Darcy. *Noções de coisas*. São Paulo: FTD, 1995, p.42.

AAA 1 - Linguagem e Cultura

47

Atividade 4: Observe que Darcy Ribeiro faz menção à gramática internalizada, que o sujeito aprende no convívio com seu grupo social, geralmente sem que tenha consciência disso.

- a) De acordo com Darcy Ribeiro, qual a função da gramática?
- b) Que comparação ele usa para mostrar a utilidade da gramática?
- c) Levando em conta o texto, que opinião Darcy Ribeiro teria sobre seguinte afirmação: "Só é eficiente a linguagem correta, de acordo com as normas gramaticais"?

Correção das atividades

Unidade 1 – Variantes lingüísticas: dialetos e registros



Correção das atividades

Aula 1

Atividade 1

Resposta pessoal.

Aula 2

Atividade 1

- a) O título é “Código Civil amenizará diferenças de sexo”.
- b) Porque o artigo foi escrito em 17 de agosto de 2002, antes de o novo Código entrar em vigor.
- c) No jornal *Folha de S. Paulo*.
- d) À área jurídica.
- e) O dialeto é a norma culta. É adequado por se tratar de texto informativo, escrito por um jurista para uma seção especializada do jornal.

51

Atividade 2

À discriminação contra mulheres no que se refere à chefia familiar e à separação do casal.

Atividade 3

Pelo uso da palavra homem como sinônimo de ser humano.

Atividade 4

Resposta possível: “As mudanças que começarão a vigor em 1º de janeiro próximo eliminaram expressões impróprias e discriminadoras. Assim, o artigo 1º passará a dizer que ‘toda pessoa é capaz de direitos e deveres na ordem civil’”.

Atividade 5

Resposta pessoal.

Aula 3

Atividade 1

- a) cascudos, dar galho, fossa, ficou ligado, bacanas, curtindo
- b) Sim, porque ela usa linguagem coloquial falada, como se pode perceber por palavras como “tava”, “pra” e uma expressão típica dessa modalidade: “que eu vou te contar”.

Atividade 2

Resposta possível: animal, fissura, pagar mico.

Atividade 3

- a) Ao grupo dos caminhoneiros.
- b) Um caminhoneiro descreve a conduta desejável para que um colega faça parte do grupo.
- c) Dialeto popular .
- d) Aqui no grupo só queremos caminhoneiro respeitado pelos colegas (turbinado). Colega chato (roda-presa) e desleixado com o caminhão (Zé-sujinho) não serão aceitos. Na estrada (tapetão preto), é preciso manter o caminhão (bruto) na mão certa e ser amigo do policial rodoviário (João-de-barro). Na hora de pegar a carga (fazer apanha), só aceitar a legalizada, para não ter confusão. Ao parar para almoçar ou jantar (comer um produto), se o colega (irmão caminhoneiro) não tem dinheiro suficiente para pagar a conta, ajudá-lo.

52

Aula 4

Atividade 1

- a) Brasil Caboclo.
- b) gibão, chapéu de couro, bode seco, panelada, pirão de caldo verde.

Atividade 2

Resposta possível: É o Brasil verdadeiro, onde as pessoas se vestem com roupas simples e grossas; comem comida do sertão nordestino, mal sabem escrever o nome.

Atividade 3

O do verbete encabeçado pelo vocábulo caipira: habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros.

Atividade 4

- a) Refere-se à norma culta.
- b) A norma popular, “sem mistura de istrangêro”, isto é, sem a influência das outras línguas.
- c) Resposta pessoal.

Aula 5

Atividade 1

Resposta possível: A imagem é em preto e branco, desenhada. O automóvel é antigo, assim como a bomba de combustível. Os homens estão vestidos de maneira formal. Na propaganda atual, aparecem fotos coloridas, os carros e postos de abastecimento são modernos, as pessoas se mostram descontraídas.

Atividade 2

Resposta possível: O texto está escrito na ortografia antiga (nacionaes, eficiencia, anno, Alagôas). A distância entre o anunciante e o consumidor é sugerida pelo caráter informativo do texto e pelo uso do infinitivo. Hoje, a ortografia usada na propaganda é atual, geralmente o registro é informal e bem-humorado; o anunciante simula estar dialogando com o consumidor quando o trata por você e o estimula a comprar o produto.

Atividade 3

Ele apela para o sentimento patriótico do leitor ao afirmar “Usar o combustível nacional é dever dos bons patriotas.”

Atividade 4

Resposta pessoal.

Aula 6

Atividade 1

O narrador apenas conta o que aconteceu.

Atividade 2

a) Os diminutivos indicam afetividade.

b) Resposta possível: Os seres citados são vistos de forma carinhosa, pois se trata de um texto que trabalha com o afeto dos personagens: os pais amam o menino; o menino ama a tartaruga.

Atividade 3

O registro do narrador é próximo do informal, usado pelos personagens, porque reproduz a fala do menino, que teimava em querer a tartaruga viva.

Atividade 4

A expressão “que nem”; a mistura de 2ª pessoa do discurso com 3ª, em “Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar.”; o uso de pronome reto como complemento em “Deixa *ela* aí...”, “...eu vou apanhar *ela*.”, “Eu mato *ela*”.

Atividade 5 _____

Ela perde a paciência por causa da teimosia do menino e fica irritada.

Atividade 6 _____

- a) Enterro.
- b) O pai quis distrair o filho despertando sua curiosidade para que parasse de chorar.
- c) A seqüência de orações coordenadas, o uso de *aí*, a repetição de *depois*, a forma *pra* em vez de *para*.
- d) Porque o filho é criança pequena, que o narrador chama de menininho, no início do texto.

Atividade 7 _____

O funeral era parecido com uma festa de aniversário porque as crianças gostam muito desse tipo de festa; isso faria que o filho parasse de chorar.

Atividade 8 _____

A mãe estava enganada: o narrador informa que ela mexeu na tartaruga com um pau, pois tinha nojo do bicho; portanto prepara o leitor para o engano da mãe.

Atividade 9 _____

54

Resposta possível: O que mais importava ao menino era a perda do brinquedo.

Aula 7**Atividade 1** _____

- a) Aristarco.
- b) Aristarco: *vendilhão, alter ego de Praxedes, patife, biltre, poltrão, pusilânime, é a vossa genitora.*
Praxedes: *quadrado, Aristarco cuspidor e escarrador, panaca, almofadinha, calhorda, caguincha, é a sua mãe.*
- c) Ambos tinham a intenção de se insultarem mutuamente, pois estavam brigando.

Atividade 2 _____

- a) Porque o vocabulário dos gramáticos era tão difícil que o boy não reconheceu sua própria língua.
- b) A Praxedes, que era capaz de usar linguagem menos formal.

Atividade 3 _____

Resposta pessoal.

Atividade 4 _____

Resposta pessoal.

Aula 8

Idéia central das respostas esperadas:

Atividade 1 _____

Não há registro melhor ou pior que outro, mas sim adequado ou inadequado à situação em que ocorre a comunicação.

Atividade 2 _____

Resposta pessoal. Linguagem correta é aquela capaz de comunicar com eficácia, mediante uma certa intenção e tendo em vista determinado tipo de interlocutor.

“Careta” pode ser, dentre outras respostas: usar linguagem arcaica ou pedante; falar difícil para impressionar o interlocutor ou leitor; pronunciar as frases como se estivesse lendo um texto escrito.

55

Atividade 3 _____

Resposta pessoal.

Atividade 4 _____

- a) A gramática serve para manter as formas lingüísticas.
- b) “Assim como você não precisa saber tudo sobre seu esqueleto para andar, não precisa também saber gramática para falar e escrever”.
- c) Certamente Darcy Ribeiro discordaria da afirmação, pois acredita que ninguém precisa saber gramática para falar e escrever; ele se refere à capacidade do locutor de manter uma comunicação eficiente, o que independe da correção da linguagem.

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

LINGUAGEM E CULTURA

**UNIDADE 2
VARIANTES LINGÜÍSTICAS:
DESFAZENDO EQUÍVOCOS**

GESTAR AAA1

Aula 1

Cada grupo social com seu modo de falar

Esta aula aborda as diferentes variedades lingüísticas.

Objetivos

- a) Analisar o uso de diferentes variedades lingüísticas.
 - b) Compreender a relação entre as variedades lingüísticas e a diversidade cultural.
-

Proponha à turma a leitura do fragmento do livro *A língua de Eulália*. Leia junto com eles e chame a atenção para o fato de que as aspas indicam a forma como a palavra foi pronunciada pelo personagem.

Veja a primeira parte do fragmento, interrompa e ouça, pelo menos, duas ou três respostas. Registre na lousa, para retomar em seguida.

Conte para os alunos que o livro mencionado é uma novela sobre a variação lingüística, ou seja, sobre os diferentes modos de falar característicos de determinados grupos, regiões, pessoas com diferentes experiências e vivências de escolaridade, etc.

Aula 1 Cada grupo social com seu modo de falar

Você já deve ter tido a experiência de dizer A e seu interlocutor entender B, não é? Isso acontece muitas vezes pelo modo como as pessoas pronunciam certas palavras. Os textos a seguir constituem um exemplo desse fato.

Leia o trecho do depoimento transcrito ao lado. Fique atento às falas que estão entre aspas:



“Antes de terminar a Escola Normal, eu trabalhava numa livraria. Um dia, um senhor entrou na loja, se dirigiu a mim no balcão e perguntou: “Aqui tem orelhão?”

43



Atividade 1

Imagine que você é a pessoa que trabalhava na livraria. O que você responderia ao senhor que entrou na loja?

Agora, leia a continuação do trecho:

Eu respondi: “Não, mas logo ali na esquina tem”. Pensava que ele queria telefonar. O freguês olhou para mim, sorrindo, e explicou: “Não. Não é oreião. É o Oreilhão, aquele dicionário grande”. Só então eu entendi que ele queria comprar um “Aurelião”, quer dizer, o dicionário do Aurélio Buarque de Holanda Ferreira em formato grande...

Atividade 1: É bem provável que os alunos julguem que o homem não soube solicitar o dicionário que queria e respondam algo como: “ Ele não soube dizer corretamente o que queria. Quando você fala errado você pode dar a entender algo que você não queria dizer.” Problematize esse tipo de resposta; mostre que é muito comum que as pessoas pronunciem as palavras de forma bastante diferente da escrita e isso não significa necessariamente que elas não saibam dizer. Dê exemplos de palavras que todos nós pronunciamos de forma diferente daquela que utilizamos para grafar. Ex: *leiti* (leite); *cantá* (cantar); *pedacim* (pedacinho).

Ressalte também que, muitas vezes, nós brincamos com as palavras: dizer *Orelhão* para *Aurelião* é um trocadilho usual entre pessoas que têm um bom domínio da língua e gostam de explorar significados diferentes. Quando dizemos *Orelhão* às vezes nos referimos ao “pai dos burros”, como muitas vezes o dicionário é tratado. Ressalte ainda que isso não significa que o senhor do caso mencionado estivesse brincando, mas o exemplo pode ajudar a entender a mudança da palavra.

Atividades 2 e 3: É possível que os alunos afirmem que as pessoas deveriam aprender a falar corretamente.

Deixe claro que pronunciar a palavra de acordo com a norma padrão é importante em situações em que essa variante é exigida; entretanto, é muito importante também não discriminar as pessoas que utilizam as variedades fora do padrão. Um bom exercício para perceber que nós convivemos com esse fenômeno e nem por isso deixamos de compreender o que as pessoas dizem é pedir para que os alunos observem a forma de falar de seus pais, avós ou pessoas que tenham vindo de outras regiões ou que tenham níveis de escolaridade diferentes daquela do grupo. Chame a atenção para o fato de que os mais escolarizados também usam uma variedade diferente. Pode ser interessante também indicar os dialetos típicos de determinadas profissões: médicos, advogados, mecânicos, etc.

Atividade 4: Escreva na lousa o título do poema e peça para que eles anotem suas hipóteses. Incentive-os a imaginar que autor poderia escrever um poema com esse título. Peça que alguns alunos mencionem temas possíveis.

A intenção desse levantamento de hipóteses é verificar se os alunos partem de um olhar estereotipado associando o tema a alguém com nível baixo de escolaridade ou alguém que critique os vícios da fala.

Leia o poema para a turma.

Para dizerem milho dizem *mio*

Para melhor dizem *mió*

Para pior *pió*

Para telha dizem *teia*

Para telhado dizem *teiado*

E vão fazendo telhados.

Oswald de Andrade

Aula 1

Cada grupo social com seu modo de falar

Esse fragmento que você leu foi narrado por um personagem, criado por Marcos Bagno, no livro *A língua de Eulália*.

MARCOS BAGNO é tradutor, contista, poeta e autor de livros para crianças. Formado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, atualmente é mestre e doutor em Linguística.



Atividade 2 _____

O que provocou o mal-entendido entre o senhor que entrou na livraria e o rapaz que o atendeu?

44



Atividade 3 _____

Qual sugestão você daria para que esse mal-entendido não ocorresse novamente?



Atividade 4 _____

O modo como pessoas de diferentes grupos sociais falam pode ser assunto de poema. Vamos ler um assim? Antes, preste atenção ao título: **Vício da fala**.

a) Anote suas hipóteses:

- Qual sentido você dá à expressão “vício de fala”?
- O que você acha que ele vai dizer em relação ao tema?

Sempre que necessário, retome algumas hipóteses levantadas pelo grupo e discuta sua pertinência após a leitura. Ouça alguns alunos, dê espaço para que eles falem sobre o efeito que o poema provocou, as associações que fizeram, etc.

Variantes lingüísticas: desfazendo equívocos

b) Agora ouça o poema.

Vício da fala
Oswald de Andrade
 Para dizerem milho dizem *mio*
 Para melhor dizem *mió*
 Para pior *pió*
 Para telha dizem *teia*
 Para telhado dizem *teiado*
 E vão fazendo telhados.

c) Suas hipóteses se confirmaram? Registre suas impressões sobre o poema.



Atividade 5 _____

Quem costuma dizer “mio”, “mió”, “pió”, “teia” e “teiado”?



Atividade 6 _____

Você sabe quem foi Oswald de Andrade?



Atividade 7 _____

Por que você acha que o autor usou duas formas de dizer: *milho/mio*; *melhor/mió*; *pior/pió*; *telha/teia*; *telhado/teiado*?

45

Atividade 5: Lembre que os modos de falar estão associados aos lugares em que as pessoas moram e aos diferentes níveis de escolaridade.

Atividade 6: Oswald de Andrade (pronuncie Oswáld) nasceu em São Paulo. Foi um dos programadores da Semana de Arte Moderna, poeta, teatrólogo, romancista, jornalista, ensaísta crítico, memorialista, vanguardista e polêmico. Uma das figuras importantes do modernismo brasileiro. Algumas de suas obras: *Memórias sentimentais de João Miramar*; *Manifesto da poesia Pau-Brasil*, *O rei da vela*, *Poesias reunidas*, dentre outras. Fale sobre o autor e, se possível, leve outros textos, livros ou textos da autoria dele.

Atividades 7 e 8: Com essas questões pretendemos que o aluno perceba que usar o dialeto popular não implica ser incompetente para conhecer os conceitos, os objetos e que o uso das variedades não-padrão não pode servir para estereotipar, discriminar. As pessoas mencionadas no poema dizem mio, mió, mas fazem telhados.

Cada grupo social com seu modo de falar

Aula 1



Atividade 8 _____

Por que no último verso o autor escreve “telhados” e não “teiados”?

Aula 2

Uma mensagem por e-mail

A partir da leitura e análise de uma mensagem de e-mail, nesta aula o aluno deverá refletir sobre a relação entre a variedade lingüística utilizada e a imagem que fazemos de quem produziu o texto. A leitura proposta ao final da aula fornece os elementos para a produção de texto solicitada na aula 3.

Objetivo

Analisar e compreender o efeito do uso da variedade não-padrão.

Converse com os alunos sobre o uso do computador para troca de mensagens, os e-mails. Caso eles nunca tenham tido essa experiência, e se em sua escola houver um computador conectado à Internet, faça uma demonstração de como enviar a mensagem. Se nada disso for possível, conte como é a comunicação por e-mail.

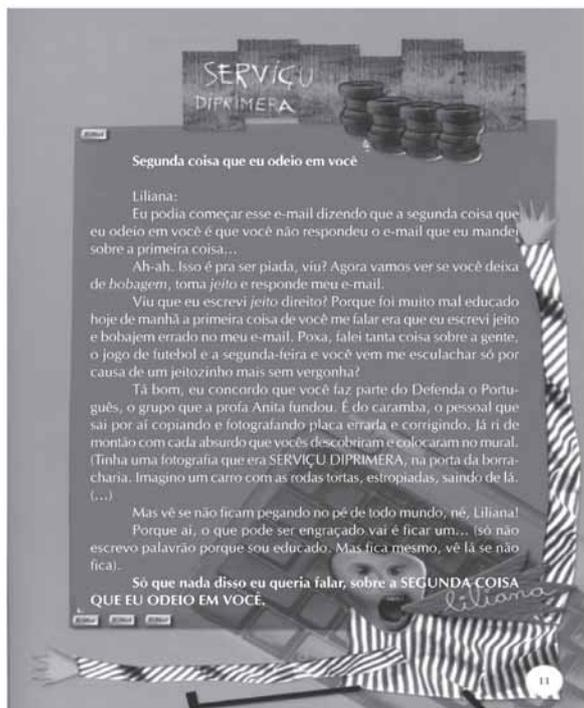
Antes de apresentar as questões, converse com os alunos sobre o texto. Enfatize o tom de conversa que o e-mail permite, quando trocado entre amigos. Vale lembrar que, assim como as cartas, o e-mail pode ser mais ou menos formal, exigindo, por vezes, o uso da norma padrão. Por exemplo, quando um profissional envia uma mensagem a um superior ou a uma pessoa com a qual ele não mantém uma relação de amizade. Aproveite para reforçar que os diferentes modos de dizer são determinados também pela situação de uso.

Aula 2 Uma mensagem por e-mail

Você já se correspondeu por e-mail com alguém? O que você achou da experiência? Caso nunca tenha mandando um e-mail, como acha que deve ser feito?

O livro *9 cois@s e-mail que eu odeio em você*, escrito por Márcia Kupstas, reúne mensagens imaginárias escritas pelos personagens criados pela autora. Márcia resolveu escrever o livro a partir da seguinte idéia: “Depois que um adolescente dá um beijo e começa um namoro, como seriam os e-mails que ele (ou ela) enviaria a sua (seu) apaixonada (o)?”

Leia abaixo a reprodução de uma das mensagens enviada por Eduardo para Liliana:



Kupstas, Márcia. *9 cois@s e-mail que eu odeio em você*. São Paulo: FTD, 2001.

Uma mensagem por e-mail

Aula 2  Atividade 1 _____

O que mais chamou a atenção de Liliana no *e-mail* enviado por Eduardo?

 Atividade 2 _____

Por que Eduardo reclama da atitude de Liliana? Qual trecho do texto justifica sua resposta?

48  Atividade 3 _____

Releia o comentário de Eduardo sobre a placa SERVIÇO DIPRIMERA. O que ele imagina sobre quem usa uma placa escrita desse modo?

 Atividade 4 _____

E você o que pensa a respeito disso?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Atividade 1: Chame a atenção dos alunos para o uso do *itálico* nas palavras ‘boba-gem’ e ‘jeito’; mostre também que Eduardo compara esse registro ao anterior, criticado por Liliana.

Atividade 2: Caso o aluno fixe a atenção apenas na grafia incorreta das palavras, ajude-o a perceber que, para Eduardo, o mais importante era dizer o que ele sentia ou pensava. Enquanto Liliana prestou mais atenção (ou só prestou atenção) ao modo como ele grafou as palavras.

Atividades 3 e 4: Discuta com a sua turma o quanto a forma de dizer influencia na imagem que fazemos das pessoas. Além de ser engraçada, a imagem que Eduardo faz do serviço realizado pelos funcionários da borracharia revela a relação que fazemos entre o que se diz, o que se é e o que se é capaz ou não de fazer. A observação dele revela um certo preconceito.

Retome o poema, “Vício da fala”, de Oswald de Andrade, apresentado na aula anterior; compare com a mensagem de Eduardo e explicita as duas imagens criadas a partir dos modos de dizer.

Organize a turma em quatro grupos. Avise que, a partir desse momento, eles deverão ler o texto de Márcia Kupstas com bastante atenção, pois ao final deverão realizar uma atividade, cuja referência é o conto.

Apresente a autora. Fale sobre outras obras escritas por ela.

Proponha a leitura do texto. Se julgar mais adequado, leia você mesmo. É muito importante garantir o ritmo, a dramaticidade do texto. Se achar oportuno, trabalhe com o título do texto.

Assim que terminar a leitura, ouça as impressões do aluno, mas faça esse exercício rapidamente. A avaliação da compreensão do texto será feita a partir das produções de texto, na próxima aula.

Aula 3

Entrando na conversa

Esta será uma aula de produção de textos. Os alunos vão escrever, ler e analisar “mensagens”.

Objetivos

- a) Produzir textos: e-mails , bilhetes, cartas curtas.
 - b) Ler e analisar textos.
-

Aula 3

Entrando na conversa

Imagine que, ao enviar a resposta para Liliana, Eduardo enganou-se e encaminhou-a para você. Em vez de simplesmente desconsiderar a mensagem, você resolveu entrar na “conversa”.

Escreva no quadro abaixo o comentário que você mandaria para o Eduardo ou para a Liliana.

Como não será possível enviar sua mensagem para os personagens, você e seus colegas farão a troca e a análise dos comentários entre vocês.



Agora você vai ler a mensagem escrita por um dos seus colegas. Você poderá fazer sugestões, apontar problemas, lacunas. Mas, lembre-se da queixa do Eduardo: não vá esquecer de que o mais importante numa mensagem é ser claro naquilo que a gente quer dizer.

Ao começar a aula, explique para os alunos que a proposta é simular uma situação.

Se você considerar que a escrita de e-mails é uma experiência distante da realidade de seus alunos, peça que eles escrevam bilhetes ou cartas curtas. Lembre que alguns deles trocam bilhetinhos na sala de aula, só que... no momento errado. Agora, no entanto, poderão fazer isso como atividade de aula. Se possível, peça aos alunos que enviem seus comentários por e-mail para os colegas.

Você pode propor também que as mensagens sejam identificadas (com o nome do remetente visível) e colocadas numa caixa. Depois que todos depositarem seus textos, a caixa circulará pela sala e cada aluno retirará um texto para ler, analisar e comentar com o autor. Neste último caso, fique atento para que nenhum aluno fique com seu próprio texto.

Decida qual das situações será proposta para o aluno. Ele deve ser informado desde o início da atividade.

Deixe claro para os alunos que os comentários destinam-se a um dos dois personagens. Caso você perceba dificuldades, ajude-os a entender que na resposta do Eduardo aparece a essência da mensagem da Liliana. Explícite também que eles podem dirigir-se tanto a Eduardo como a Liliana; poderão comentar suas atitudes, dar sugestões, concordar ou discordar das personagens.

Oriente o momento da leitura e análise, de forma que os alunos valorizem a produção de seus colegas. Peça para que primeiro leiam e comentem o conteúdo das mensagens e só num segundo momento façam sugestões de alterações, indiquem problemas, “erros”, inadequações, etc. Enfatize que esse exercício de análise é semelhante ao que deve ser feito ao escrever um texto para enviar a alguém. Muitas vezes, a escrita é tão automática, ou tão rápida, que cometemos equívocos que comprometem a compreensão daquilo que queremos dizer. É importante também chamar a atenção para a legibilidade do texto. Se for possível escrever e-mails, informe os códigos utilizados (por exemplo: vc (para você); tc (teclar); naum (não) ; qdo (quando)) etc. Se isso acontecer, será uma ótima oportunidade para retomar a discussão sobre variedades lingüísticas, neste caso, características de um gênero (e-mail).

Se a opção for pelas cartas, destaque a importância da letra legível.

Observe que nesta atividade serão trabalhados aspectos como ortografia, caligrafia, embora a ênfase seja para a produção e leitura.

Aula 4

O texto literário

Nesta aula serão tematizados os textos literários e a relação dos alunos com esses textos. Trata-se de atividades orais.

Objetivos

- a) Comparar textos de gêneros diferentes e identificar, dentre eles, os literários.
- b) Identificar algumas características do texto literário.

Aula 4

O texto literário

Leia os fragmentos de texto que seguem:

a) **Texto 1**

"1. Reunião de folhas ou cadernos, soltos, cosidos ou por qualquer outra forma presos por um dos lados, e enfeixados ou montados em capa flexível ou rígida. 2. Obra literária, científica ou artística que compõe, em regra, um volume. 3. Seção do texto de uma obra, contida num tomo, e que pode estar dividida em partes: o segundo livro da Eneida..."
(p. 1042)

b) **Texto 2**

Eu nasci aqui no mato
Vivi sempre a trabaíá.
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade
Só tive a felicidade
De dá um pequeno ensaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

50

c) **Texto 3**

"Bastian deu-se conta de que durante todo o tempo estivera olhando fixamente o livro que o Sr. Koreander tinha nas mãos e que se encontrava agora sobre a poltrona de couro. Era como se o livro tivesse uma espécie de magnetismo que o atraía irresistivelmente.

Aproximou-se da poltrona, estendeu a mão devagar, e tocou o livro – e no mesmo instante ouviu dentro de si um "clique", como se tivesse pego em uma ratoeira. Bastian teve a estranha sensação de que aquele toque desencadeara qualquer coisa que agora devia forçosamente seguir seu curso.

Levantou o livro e olhou-o por todos os lados. A capa era de seda cor-de-cobre e brilhava quando ele mudava o livro de posição. Folheando rapidamente o volume, observou que estava impresso em duas cores diferentes. Não parecia ter gravuras, mas as letras que iniciavam os capítulos eram grandes e muito ornamentadas. Examinando melhor a capa, descobriu duas serpentes, uma clara e outra escura, que mordiam uma a cauda da outra, formando uma figura oval. Dentro dessa figura, em letras cuidadosamente traçadas, estava o título..."

d) **Texto 4**

"Para mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.
Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo;
Em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada;
inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

Ao iniciar a aula, organize os alunos em grupo. Peça que cinco deles se candidatem para a leitura dos trechos. O envolvimento de todos na atividade será fundamental para que você possa explorá-la de forma adequada.

Assim que tiver os cinco candidatos, peça que a leitura seja iniciada. Avise a turma que os comentários deverão ser feitos apenas após a leitura do último fragmento. Sugira que anotem as idéias que surjam durante a leitura dos colegas.

Importante: as questões só devem ser encaminhadas aos alunos após a leitura dos fragmentos. Isso porque o objetivo da atividade é explorar as impressões provocadas pelos trechos.

Proponha, então, cada uma das questões. Organize o trabalho para garantir que todos os que quiserem fazer comentários sejam ouvidos e registre, de forma sintética, as opiniões. Caso a turma tenha dificuldades para começar a comentar, estimule-os com perguntas do tipo:

- ✓ A linguagem utilizada nos cinco textos é a mesma?
- ✓ Quais as diferenças?
- ✓ E a formatação do texto diz algo a respeito deles?
- ✓ Quem se lembra de ter lido algo parecido?
- ✓ Para que servem esses textos?

Nesse momento, não descarte nenhuma hipótese, mas, sempre que possível, procure checar principalmente aquelas que estejam muito distantes do real.

72

A partir das respostas dos alunos, explore os conhecimentos intuitivos; procure explicitar, legitimar e sistematizar os conhecimentos prévios da turma sobre os textos apresentados. Enfatize o quanto a linguagem e a própria formatação ajudam a identificá-los.

As questões têm como intenção principal provocar nos alunos a curiosidade sobre os textos, seja em relação ao seu contexto de origem, seja no que diz respeito aos recursos utilizados em sua produção.

Variantes lingüísticas: desfazendo equívocos

Unidade 2

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.”

e) **Texto 5**

“Quem nunca teve uma dúvida? Quem tem todas as respostas guardadas na cabeça? Quem já consultou um dicionário, o famoso “pai-dos-burros”, para descobrir o significado de uma palavra? E quem já conseguiu encontrar a solução de problemas nas páginas de um livro? Pois é justamente isso o que acontece nas páginas deste aqui.

Um desafio – que, de tão difícil, parecia não ter solução – é enfrentado de forma diferente e divertida. E acaba por revelar a um menino, que só pensava em passear com o avô e escutar música, o mundo dos livros e da leitura.”

Agora, vamos conversar:

 Atividade 1 _____

De que textos você acha que os trechos foram retirados?

 Atividade 2 _____ (51)

O que você pode dizer a respeito das características de cada um deles?

 Atividade 3 _____

O que há em comum entre os trechos apresentados?

 Atividade 4 _____

Qual(is) dos trechos foram extraídos de textos literários? Justifique sua resposta citando algumas características desse(s) texto(s).

 Atividade 5 _____

Veja agora a identificação dos trechos dos textos. Você conhece os autores? O que sabe a respeito de cada um deles?

Atividade 1: pode ser que os alunos não conheçam os textos, mas é bem possível que eles considerem que os três textos literários tenham sido tirados de livros de poema ou de histórias, por exemplo, enquanto os outros dois certamente serão excluídos desse grupo. Estimule a turma a levantar hipóteses sobre os gêneros dos textos.

Atividade 2: é um complemento da anterior, você poderá explorar o conceito que os alunos têm sobre os gêneros apresentados.

Atividade 3: espera-se que o aluno perceba que os trechos foram escolhidos por abordarem questões relacionadas aos livros; entretanto, há no mínimo duas abordagens bem diferentes do objeto escolhido: os textos literários falam sobre experiências com os livros; os textos não literários descrevem o objeto com base em suas características físicas, lingüísticas, seu conteúdo ou sua função social.

Atividade 4: a intenção é fazer que o aluno verbalize os critérios que utiliza para dizer que um texto é ou não é literário.

Atividade 5: pretende explorar uma dimensão importante da formação do leitor: seu conhecimento a respeito do universo textual e discursivo. Os textos escolhidos não são necessariamente de autores muito conhecidos, o que poderá constituir um obstáculo para a identificação; ao mesmo tempo, esse será um espaço importante para que o professor apresente os autores, comente algumas de suas obras e incentive os alunos a procurá-los.

Ao apresentar as referências bibliográficas, chame a atenção da turma para a importância desses dados como recursos para a contextualização dos trechos lidos. Discuta a relevância desses recursos tanto para a leitura como a produção de texto do aluno.

Referências bibliográficas:

- 1) Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.
- 2) Patativa do Assaré. "Aos poetas clássicos". In: *Cante lá que eu canto cá*. Petrópolis : Vozes, 1978.
- 3) Michael Ende. *A história sem fim*. 6.ed. São Paulo : Martins Fontes, 2003.
- 4) Lygia Bojunga Nunes. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. 2.ed. Rio de Janeiro : Agir, 1990.
- 5) Norma Schiper. *As bibliotecas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

Sobre os autores:

Lygia Bojunga Nunes – Gaúcha, autora de diversos livros infanto-juvenis, muito premiada nacional e internacionalmente. Tem livros publicados em diversas línguas. Outras obras: *Os colegas*, *Angélica*, *A Bolsa Amarela*, *A casa da madrinha*, *Corda bamba*, *O sofá estampado*, entre outros.

Patativa do Assaré – poeta popular, nascido no Ceará. Filho de uma família de origem muito modesta, estudou muito pouco, mas sempre foi um interessado pela leitura e fascinado por folhetos de literatura de cordel. Desse contato e da paixão pelas palavras nasceu a poesia de Patativa, preocupada com a descrição do cotidiano sertanejo. Seus poemas são caracterizados pela forte marca da oralidade e pela força da cultura popular. Outras obras: *Ispinho e Fulô*; *Aqui tem coisa*; *Cordéis*, entre outras.

Michael Ende - escritor alemão; tem diversas obras dedicadas ao público infanto-juvenil. Em seus livros mostra com maestria o modo infantil de ver o mundo; seus textos falam sobre o fantástico, as fantasias. Entre suas obras, temos *A História sem Fim*, texto já adaptado para o cinema.

Aurélio Buarque de Holanda – crítico, ensaísta, tradutor, filólogo e lexicógrafo, nasceu em Passo de Camaragibe, AL, em 2 de maio de 1910, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de fevereiro de 1989. Eleito em 4 de maio de 1961 para a Cadeira n. 30 da Academia Brasileira de Letras. Obras: *Dois mundos*, contos; *Mar de histórias* (Antologia do conto mundial), em colaboração com Paulo Rónai; *Enriqueça o seu vocabulário, filologia*; *Vocabulário ortográfico brasileiro*; *Novo dicionário da língua portuguesa*; *Minidicionário da língua portuguesa*.

Texto da editora Casa da Palavra – Geralmente, na última capa do livro, encontramos um pequeno texto de apresentação, uma sinopse produzida pela própria editora da obra. Este texto, com freqüência, oferece uma chave de leitura ressaltando características da obra e buscando seduzir o leitor.

Aula 5

Comparando linguagens

Objetivo

Proporcionar ao aluno a observação de dois textos que recorrem a recursos lingüísticos diferentes.

O texto de Patativa do Assaré é um bom exemplo para tematizar o uso da diversidade lingüística, do registro informal e da transcrição da oralidade para a escrita como recursos estéticos.

Leia os textos para os alunos, observando o ritmo, a entoação. Peça que todos acompanhem sua leitura com o texto em mãos.

76

Aula 5

Comparando linguagens

Leia agora na íntegra os textos 2 e 4, apresentados na aula 4:

Texto 2

Aos poetas clássicos

Patativa do Assaré

Eu nasci aqui no mato
Vivi sempre a trabaiaá.
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade
Só tive a felicidade
De dá um pequeno ensaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

52

No primeiro livro havia
Belas figura na capa,
E no começo se lia:
A pá, o dedo do Papa,
Papa, pia, dedo, dado
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a recordá

Foi os livro de valô
Mais maió que eu vi no mundo
Apena daquele autô
Li o premero e o segundo:
Mas, porém, esta leitura,
Me tirô da treva escura,
Mostrando o caminho certo,
Bastante me protegeu:
Eu juro que Jesus deu
Sarvação a Felizberto

É muito importante que, no contato com o texto literário, o aluno perceba como o autor joga com as palavras, o uso que ele faz da pontuação, nem sempre obedecendo às regras gramaticais. Uma boa alternativa para que eles comecem a perceber que a linguagem é utilizada de formas diferentes, de acordo com suas funções e as intenções do autor, é a observação do efeito provocado pelo uso de determinadas palavras ou por determinada forma de pontuar um texto. A percepção desses recursos só será possível se o aluno tiver contato tanto com o registro escrito como com a oralização dos textos.

Ao ler o poema de Patativa do Assaré, é fundamental que as marcas de oralidade sejam preservadas. Este aspecto deve ser explorado depois com os alunos. Será importante lembrar que Patativa foi um poeta de tradição oral e que os registros de sua obra foram mediados por terceiros. A preservação das marcas de oralidade permite perceber dois aspectos marcantes da obra do autor: o falar simples e o contato intenso com a literatura. Nos poemas de Patativa, encontra-se um profundo conhecimento e reflexão a respeito não apenas do cotidiano, mas do tempo em que ele vive com a simplicidade do jeito de dizer e mesmo com um uso da linguagem marcado pelo pouco contato com a escolarização.

Texto 4**Livro: a troca**

Lygia Bojunga Nunes

Para mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; Em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas.

Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo o dia a minha imaginação comia, comia e comia, e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é a troca da própria vida: quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeí um dia de alargar a troca: comecei a fabricar Tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com Outros, e levantar a casa onde ela vai morar.



Comparando linguagens

Aula 5

 **Atividade 1** _____

Você já percebeu que os dois textos falam sobre a relação com os livros. Pela leitura dos textos, como é a relação de cada um dos autores com os livros?

 **Atividade 2** _____

Compare a linguagem utilizada nos dois textos. O que você pôde observar?

54  **Atividade 3** _____

Com que livros você imagina que a autora do primeiro texto brincava?

 **Atividade 4** _____

Observe o último trecho do texto de Lygia Bojunga:

“Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.”

O que a autora resolveu fazer?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Atividade 1: a idéia é garantir que o aluno perceba que nos dois textos o eu poético menciona uma relação de prazer com os livros. É possível que o poema de Patativa seja entendido como um depoimento contra o livro. Neste caso, será fundamental explicitar o papel e a função da aprendizagem, do domínio da língua para o próprio autor. Neste momento, você pode contar um pouco sobre a história de Patativa do Assaré e destacar o lugar que ele ocupa na literatura brasileira.

Atividade 2: é importante observar que o poema preserva marcas de oralidade.

Atividade 3: pretende-se que o aluno procure visualizar a experiência vivida pela autora, seu intenso contato com uma grande quantidade e diversidade de livros. O professor deve ficar atento para as diversas interpretações que poderão ser orientadas pela diversidade das experiências de leitura dos alunos.

Atividade 4: a partir das respostas dos alunos reflita sobre a mudança que ocorreu na vida da autora que, além de leitora, passou a ser também escritora.

Atividade 5: chame a atenção para a citação de trechos de livros de alfabetização.

Atividade 6: resalte o jogo de palavras: Filisberto e Felizberto.

Atividade 7: os comentários são pessoais; entretanto, fique atento para a presença de preconceito lingüístico ou social na apresentação do poema de Patativa do Assaré.

Variantes lingüísticas: desfazendo equívocos



Atividade 5 _____

E no texto de Patativa, que livros são mencionados?



Atividade 6 _____

Observe no poema 2:

“O famoso professô
Filisberto de Carvaio”

“Eu juro que Jesus deu
Sarvação a Felizberto”

Por que você acha que o nome do professor foi escrito de duas formas diferentes?



Atividade 7 _____

Como você comentaria cada um dos textos para um colega seu que não os tivesse lido? Escreva um parágrafo para cada um deles. Lembre-se: com seus comentários você deverá convencer seu colega a ler ou não ler os textos.

Após o trabalho com os dois textos, proponha aos alunos que também eles registrem uma experiência importante com os livros. Enfatize que a proposta não é produzir necessariamente textos literários, mas escrever sobre uma experiência pessoal marcante. Esclareça ainda que o objetivo dessa produção é socializar as experiências com os colegas da turma.

Após a produção, incentive a turma a revisar e reescrever o texto. Você pode propor também um trabalho em duplas: um colega lê o texto do outro, sugere ajustes, alterações. Em seguida, cada aluno retoma e revê seu texto.

Depois peça para que alguns textos sejam lidos e organize um mural ou um varal de textos para que todas as experiências possam ser conhecidas por todos.

Variantes lingüísticas: desfazendo equívocos

Unidade 2

57

Para finalizar, você vai ler outro pedacinho de *A história sem fim*. Acompanhe um pouco mais a aventura de Bastian:

“As paixões humanas são misteriosas, e as das crianças não o são menos que as dos adultos. As pessoas que as experimentaram não as sabem explicar, e as que nunca as viveram não as podem compreender. Há pessoas que arriscam a vida para atingir o cume de uma montanha. Ninguém é capaz de explicar por quê, nem mesmo elas. Outras arruinam-se para conquistar o coração de uma determinada pessoa que nem quer saber delas. Outras, ainda, destroem-se a si mesmas porque não são capazes de resistir aos prazeres da mesa – ou da garrafa. Outras há que arriscam tudo o que possuem num jogo de azar, ou sacrificam tudo a uma idéia fixa que nunca se pode realizar. Algumas pessoas acham que só podem ser felizes em outro lugar que não aquele onde estão e vagueiam pelo mundo durante toda a vida. Há ainda as que não descansam enquanto não conquistam o poder. Em suma, as paixões são tão diferentes quanto o são as pessoas.

A paixão de Bastian Baltasar Bux eram os livros.

Durante as leituras, procure observar que tipos de experiências são mencionados; caso haja casos dramáticos, constrangedores, converse com os alunos e procure mostrar que a experiência com o texto literário também é objeto de aprendizagem. Fique atento para não acolher apenas as experiências positivas.

Converse com a turma sobre o papel da literatura na construção da identidade do leitor. Chame a atenção para o fato de que provavelmente alguns alunos gostaram mais do texto 2, outros, do texto 4. E esse “gostar mais” pode estar ligado ao modo como o texto foi escrito ou à experiência vivida pelo autor, por exemplo. Valorize ainda a importância do contato com os diversos autores e gêneros para que o aluno descubra o seu estilo de leitura.

A intenção dessa leitura final é criar uma expectativa do aluno em relação à continuidade da história. O ideal é que eles possam ler o livro. Essa pode ser uma experiência interessante para a turma: descobrir o que Bastian Baltasar Bux faz.

Caso você não conheça o livro, seguem algumas informações: Bastian rouba o livro, foge e se esconde no sótão da escola para ler a obra tão cobiçada. A partir daí, o leitor encontra duas histórias paralelas: a de Bastian e uma história fantástica, envolvendo seres imaginários cuja principal tarefa é preservar Fantasia. É interessante observar que a história de Bastian é escrita em vermelho, e a história lida por ele, em verde. Vale destacar também que a leitura do livro funciona para Bastian como um rito de iniciação. Trata-se de uma bela história que poderá ajudá-lo a seduzir seus alunos para o mundo fantástico da literatura.

Duas sugestões para você:

a) leitura: *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*, de Ana Maria Machado, traz sugestões fundamentais para a abordagem do texto literário.

b) filme: *Pagemaster, o mestre da fantasia*. A história de um garoto que encontra nos livros a possibilidade de viver aventuras, enfrentar medos e se permitir experimentar fantasias inéditas.

Minha experiência com livros

Atividade 6

Quem nunca passou tardes inteiras diante de um livro, com as orelhas ardendo e o cabelo caído sobre o rosto, esquecido de tudo o que o rodeia e sem se dar conta de que está com fome ou com frio...

Quem nunca se escondeu embaixo dos cobertores lendo um livro à luz de uma lanterna, depois de o pai ou a mãe ou qualquer outro adulto lhe ter apagado a luz, com o argumento bem-intencionado de que já é hora de ir para a cama, pois no dia seguinte é preciso levantar cedo...

Quem nunca chorou, às escondidas ou na frente de todo mundo, lágrimas amargas porque uma história maravilhosa chegou ao fim e é preciso dizer adeus às personagens na companhia das quais se viveram tantas aventuras, que foram amadas e admiradas, pelas quais se temeu ou ansiou, e sem cuja companhia a vida parece vazia e sem sentido...

Quem não conhece tudo isto por experiência própria provavelmente não poderá compreender o que Bastian fez em seguida..."



58

Ende, Michael. *A história sem fim*, 6 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 6-7.

Aula 7

Linguagem vaga

Nesta aula, a partir da leitura de um texto que simula a conversa entre dois personagens, serão analisadas algumas características de uma situação de oralidade informal.

Objetivo

Identificar diferentes efeitos de recursos lingüísticos quando utilizados em textos orais e escritos.

Aula 7

Linguagem vaga

Leia um texto divertido de Millôr Fernandes:

A Vaguidão Específica

*As mulheres têm uma maneira
de falar que eu chamo de vago específica.*
(Richard Gelman)

– Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.

– Junto com as outras?

– Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer qualquer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.

– Sim senhora. Olha, o homem está aí.

– Aquele de quando choveu?

– Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.

– Que é que você disse a ele?

– Eu disse pra ele continuar.

– Ele já começou?

– Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.

– É bom?

– Mais ou menos. Mas o outro eu acho melhor.

– Você trouxe tudo pra cima?

– Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou pra deixar até a véspera.

– Mas traga, traga. Na ocasião, nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.

– Está bem, vou ver como.



Fernandes, Millôr. *O Pif-Paf*. O Cruzeiro, 1956 - www.millor.com.br

Peça aos alunos para que leiam o texto. Converse a respeito do título: o jogo de sentidos entre ‘vaguidão’ e ‘específica’, ou seja, a maneira feminina de falar é vaga, mas as interlocutoras sempre sabem do que se fala. Comente a epígrafe, na qual o autor se apóia para defender sua opinião. Estimule a reflexão, mas não encaminhe conclusões.

Encaminhe as questões, que devem ser respondidas oralmente.

Linguagem vaga

Aula 7



Atividade 1 _____

Quem você imagina que são as interlocutoras nessa conversa?



Atividade 2 _____

Sobre o que você acha que elas estão conversando?



Atividade 3 _____

É possível dizer com certeza a que coisas, pessoas ou fatos elas se referem? Por quê?



Atividade 4 _____

Quais são as palavras utilizadas no texto para substituir as coisas ou pessoas?



Atividade 5 _____

Imagine que você assiste à cena mencionada no texto. Seria possível identificar as pessoas, fatos, objetos? Por quê?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Atividade 1: O início do diálogo sugere uma hierarquia entre as interlocutoras: uma deve ser patroa, a outra, empregada. Chame a atenção para as formas de tratamento na fala de uma e para o uso do imperativo na fala da outra. Destaque também que se trata de inferências e que essa é uma característica do texto literário: fazer que o leitor faça associações, relacione os fatos criados pelo autor com suas experiências pessoais. Assim, não haverá uma verdade, mas possibilidades diversas de interpretação.

Atividade 2: É possível pensar em uma situação em que uma casa está sendo arrumada para um evento: uma festa, por exemplo.

Atividade 3: Enfatize que só é possível fazer inferências a partir dos elementos fornecidos pelo autor e também mobilizando os conhecimentos prévios do leitor. Por isso mesmo, leitores com experiências muito diferentes poderão também produzir inferências muito diversas. Nesse ponto, destacar que há marcas no texto que indicam limites para as interpretações. Por exemplo: sabemos que os personagens são duas mulheres em situação de diálogo. Também o próprio título fala de vaguidão, mas também de especificidade. Portanto, lemos o texto orientados por esse paradoxo.

Atividades 4 e 5 : Discuta com os alunos a utilização dos pronomes pessoais e dos demonstrativos. Retorne ao texto e destaque o uso dos pronomes sem o referente explícito como recurso que provoca a “vaguidão”: não sabemos exatamente a que se referem as personagens. Entretanto, elas se entendem perfeitamente. Discuta com a turma as características da modalidade oral da língua, que dependem de um contexto muito claro, definido e conhecido pelo ouvinte, já que as expressões faciais, os gestos são fundamentais na composição do contexto e, portanto, para a “leitura” do texto. No caso da escrita, os recursos extralingüísticos precisam ser lingüisticamente indicados para que o leitor possa compreender. Até mesmo as lacunas, muitas vezes, precisam ser indicadas por reticências, por exemplo.

Aula 8

Existe linguagem “errada”?

Esta aula trabalha com depoimentos sobre a linguagem usada pelo presidente Lula. Recomendamos que seja destinada à 7ª e à 8ª série (8º e 9º ano).

Objetivos

- Elaborar opiniões escritas sobre questões polêmicas envolvendo uso de registro lingüístico.
- Argumentar oralmente sobre tema polêmico.

Aula 8

Existe linguagem “errada”?

O título da matéria de capa da revista *Educação*, publicada em março de 2003, é o seguinte:

O PORTUGUÊS DE LULA É UM MAU EXEMPLO?

O texto é de Josué Machado. Ele comenta a polêmica sobre o mau exemplo que Lula poderia representar para o ensino de língua em nossas escolas. Ao longo do seu texto, o autor recorre a depoimentos tanto de professores, gramáticos e outros profissionais que atuam principalmente na pesquisa ou ensino da língua quanto de empresários.

Você vai ler agora alguns desses depoimentos.

Procure observar com atenção o que pensa cada um dos entrevistados e quais são as justificativas que eles usam para suas opiniões.

a)

Falar mal, o caminho da exclusão



Aceitar os erros de português, valorizando os usos e costumes orais, é justificável academicamente – e, no caso brasileiro, tornou-se uma questão da esfera politicamente correta desde que Luiz Inácio Lula da Silva virou presidente da República, sem deixar de tropeçar em concordâncias gramaticais.

Pega mal – muito mal, aliás – abordar criticamente os deslizes primários de Lula na norma culta. Rebatem-se as críticas em considerações sobre o preconceito, falta de respeito com o “povo”, insensibilidade social. O problema é que, para o cidadão comum, não existe anistia gramatical; o mercado profissional e o ambiente educacional não perdoam.

Goste-se ou não, para prosperar num emprego, o indivíduo é obrigado a falar corretamente, pelo menos sem erros vexaminosos; é algo parecido com se vestir adequadamente. Já na seleção profissional, os entrevistadores medem o candidato pela capacidade de articulação e expressão. É o primeiro quesito eliminatório.

(...)

Não falar bem, escorregando em normas básicas, é uma defasagem aos olhos de quem emprega e de quem aprova nos testes escolares. É tão grave, na lógica do mercado, quanto não lidar com os códigos culturais e digitais contemporâneos. Faz parte do caminho da exclusão.

Gilberto Dimenstein, jornalista e membro do Conselho Editorial da *Folha de S.Paulo*.

Explique aos alunos que a revista *Educação* aborda mensalmente temas relacionados ao ensino, à aprendizagem e às questões que envolvem o universo, os profissionais e as instituições envolvidos na educação. Diga também que a matéria de capa geralmente aborda um tema polêmico ou uma questão que esteja inquietando diversos setores da sociedade. Esclareça ainda que o objetivo da aula não é discutir as atitudes ou o modo de falar de Lula. A aula parte da análise de um exemplo para saber o que os alunos pensam sobre a língua portuguesa, seus usos e o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, o contato com os depoimentos é uma forma importante de se informar sobre como essa questão tem sido pensada.

Organize os alunos em grupos e acompanhe a leitura dos comentários. Verifique se todos os grupos entenderam a proposta. Se perceber que eles têm dificuldades, interfira e, se julgar mais adequado, leia junto com eles.

Existe linguagem “errada”?

Aula 8

b)

“Ninguém fala errado, todo mundo fala o idioma usado em sua comunidade. Lula usava uma linguagem informal dependendo de seu público. E mudava esse nível quando falava para auditórios. Não vai haver mudança no ensino da língua com o Lula ou qualquer outro presidente, de maior ou menor bagagem intelectual. O Lula, se não atingiu esse conhecimento pela escolaridade, o fez pelo contato. Pode-se questionar o conteúdo do que ele fala, não a forma.”

Evanildo Bechara, professor, membro da Academia Brasileira de Letras

c)

“Lula já cometeu mais deslizes, ainda comete alguns, que professores também cometem. FHC, que usava um registro mais formal teria, então, influenciado crianças de Norte a Sul do país. Xuxa falava tudo com “x” – mães e educadores ficaram preocupados, mas não houve interferência nenhuma. Não votei no Lula, não sou do PT, posso falar com tranquilidade. A linguagem é algo em constante transformação, não um apanhado de exemplos.”

Maria Thereza Fraga Rocco, vice-diretora executiva da Fuvest e professora de português da USP.

62

d)

“O estudante precisa ter uma preocupação muito grande com a maneira como ele fala. Acho que depende da empresa. Se for em uma área mais rebuscada, talvez houvesse uma certa dificuldade na contratação de alguém que fale como Lula. Se for uma empresa de comunicação informal, não há problema. Mas ele não seria aceito em qualquer empresa. É diferente do FHC, mais formal, mais distante. O Lula é da massa, é um português para o povo.”

Márcia Regina Hipólito, coordenadora institucional da central de estágios Getre

 Atividade 1 _____

Qual dos quatro comentários expressa uma opinião mais próxima da sua? Por quê?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Atividade 4: Para a produção do comentário, os alunos precisarão de sua orientação. Se você já tiver trabalhado o texto argumentativo, retome as explicações. Caso ainda não o tenha feito, faça desse exercício um instrumento para diagnosticar a habilidade de sua turma para a argumentação.

Atividade 5: Organize a discussão, garantindo que todos possam expressar suas opiniões. Ao longo do debate, chame a atenção dos alunos para os diferentes usos de linguagem, e seu grau de eficiência na situação de argumentação. Você pode também retomar os exercícios anteriores para comparar as características dos textos produzidos pelo aluno. Feche a aula comentando os dois exercícios: a argumentação oral e a escrita.

Correção das atividades

Unidade 2 – Variantes lingüísticas: desfazendo equívocos



Correção das atividades

Aula 1

Atividade 1 _____

Resposta pessoal.

Atividade 2 _____

O modo como a palavra *Aurelião* foi pronunciada, confundindo-se com *Orelhão*, isto é, o telefone público.

Atividade 3 _____

Resposta pessoal.

Atividade 4 _____

Resposta pessoal.

Atividade 5 _____

As pessoas sem escolaridade, que desconhecem a norma culta.

Atividade 6 _____

Resposta pessoal.

Atividade 7 _____

Para representar a fala das pessoas pobres, simples.

Atividade 8 _____

Para mostrar que as pessoas podem não saber falar de acordo com o dialeto padrão, mas sabem o que devem fazer.

Aula 2

Atividade 1 _____

As palavras grifadas de forma incorreta (*bobajem* e *geito*).

Atividade 2 _____

Eduardo reclama da atitude de Liliana porque ele julga o conteúdo do que escreveu mais importante do que a forma como grafou algumas palavras.

O trecho que justifica a resposta é: "Poxa, falei tanta coisa sobre a gente, o jogo de futebol e a segunda-feira e você vem me esculachar só por causa de um jeitozinho mais sem vergonha?"

Atividade 3 _____

Eduardo imagina que as pessoas que escreveram ou usam a placa escrita de forma incorreta também não devem ser bons profissionais. Ela associa a forma de falar à competência profissional.

Atividade 4 _____

Resposta pessoal.

Aula 4**Atividade 1** _____

A resposta correta é: a) verbete de dicionário; b) poema; c) romance de aventura; d) poema; e) sinopse (última capa de um livro).

Atividade 2 _____

Respostas possíveis: poemas e verbetes têm formatos específicos; nos poemas há também as rimas, o ritmo típico; o trecho de romance pode ser identificado por contar uma história, e a sinopse, por falar sobre um livro.

Atividade 3 _____

Todos os textos abordam experiências com livros.

94

Atividade 4 _____

Resposta: textos b, c e d. Justificativas possíveis: no literário, o autor preocupa-se mais em contar a história do que em explicar fatos, diferentemente do que acontece no não literário; a linguagem pode ser mais formal ou informal dependendo das intenções do autor; no literário os relatos não são necessariamente reais, etc.

Atividade 5 _____

a) Aurélio Buarque de Holanda; b) Patativa do Assaré; c) Michael Ende; d) Lygia Bojunga Nunes; e) Norma Schiper. As demais informações são pessoais.

Aula 5**Atividade 1** _____

Os dois textos fazem menção a uma boa relação; prazer no contato com os livros.

Atividade 2 _____

O poema de Patativa reproduz uma forma de falar típica de pessoas que têm pouco contato com a norma padrão; há muitas marcas de oralidade. O poema de Lygia Bojunga está registrado na norma padrão, embora se possa perceber um tom de conversa, de alguém que conta um caso.

Atividade 3 _____

Resposta possível: com muitos livros de diferentes tipos; muitos livros de literatura.

Atividade 4 _____

Além de leitora, a autora passa a ser também escritora.

Atividade 5 _____

Dois livros didáticos.

Atividade 6 _____

Por ficar em dúvida ao dizer/registrar. O poeta faz um jogo com o nome: Filisberto e Felizberto, o professor que iluminou o leitor com seus livros e que será salvo e, portanto, feliz.

Atividade 7 _____

Resposta pessoal.

Aula 7**Atividade 1** _____

A resposta é pessoal, mas deve expressar uma relação em que se observe hierarquia. Por exemplo: patroa e empregada.

Atividade 2 _____

Considerando os elementos indicados no texto – o homem que vai fazer um serviço; coisas que precisam ser transportadas; uma das mulheres fala em ocasião – é possível imaginar a preparação da casa para uma festa, por exemplo.

Atividade 3 _____

Não, porque as indicações são vagas para o leitor; provavelmente elas sejam claras para as próprias personagens que têm no contexto mais imediato os referentes que faltam para o leitor.

Atividade 4 _____

Isso; outras; alguém; qualquer coisa; no lugar; outro dia; aquele; ele; outro; tudo; as coisas.

Atividade 5 _____

Nesse caso seria possível identificar os elementos, porque o leitor teria acesso aos referentes que não aparecem na fala das personagens.

Aula 8

As respostas são todas pessoais.

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

LINGUAGEM E CULTURA

UNIDADE 3

**O TEXTO COMO CENTRO DAS
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DA LÍNGUA**

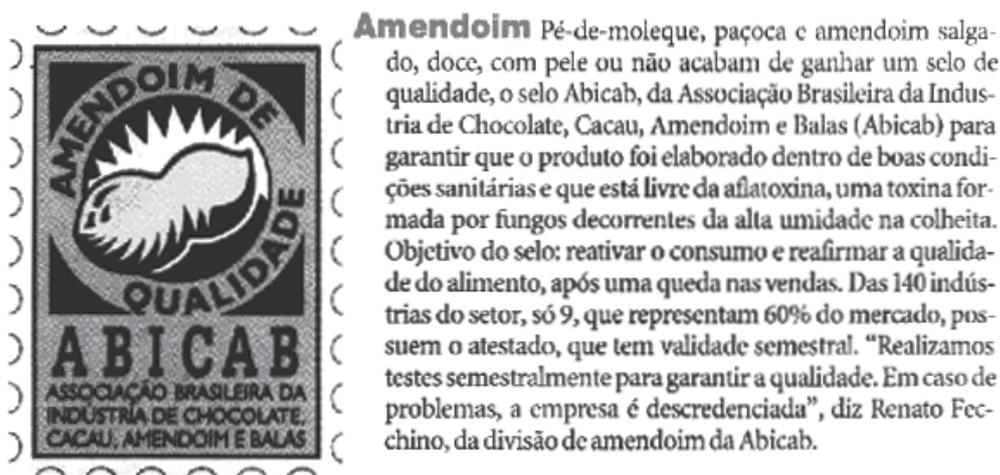
GESTAR AAA1

Aula 1

Construindo hipóteses sobre o texto

Nas aulas de 1 a 3 trabalharemos com o mesmo texto, apresentado no suplemento de um jornal. Trata-se de um selo criado pela ABICAB (Associação Brasileira da Indústria de Chocolate, Cacau, Amendoim e Balas), para garantir a qualidade dos produtos à base de amendoim, fabricados por empresas desse grupo. À direita do selo, um texto com linguagem verbal esclarece os objetivos dele.

Esta é a figura:



Objetivos

- Ler e entender texto criado com linguagem verbal e imagem.
 - Fazer predições sobre o texto.
-

Como um dos objetivos da aula é estimular os alunos a levantar hipóteses sobre o texto, trabalharemos apenas com a imagem do selo.

Ao ler um texto, o leitor eficiente levanta hipóteses sobre ele, faz predições apoiadas no seu conhecimento de mundo.

Como nesta aula se pretende que os alunos atuem desse modo, antes do início das atividades, dê as seguintes orientações e explicações:

- Os alunos deverão observar o texto, sem fazer comentários, pois a intenção é dar oportunidade a que construam hipóteses sobre o texto;
- O professor não contribuirá, nesse momento, com informações sobre o texto, nem os alunos discutirão, entre si, as idéias sobre ele;
- Após observar o texto, todos devem ler as questões e respondê-las.
- Ao terminarem o professor pedirá a alguns alunos que leiam suas respostas, mas não fará nenhuma avaliação ou comentário sobre elas.

Aula 1 Construindo hipóteses sobre o texto

Observe a imagem abaixo. Trata-se de um texto construído com duas linguagens: a verbal, formada por palavras, e a não verbal, constituída por linhas e cores.



67

Folha de S. Paulo. Suplemento Equilíbrio, 31/10/2002, p.7.

Olhe com atenção a imagem. Perceba seu formato, assim como o desenho interno e as palavras que aí aparecem.



Atividade 1 _____

Pela impressão visual que essa imagem lhe causou, o que você acha que ela representa?

É possível que nenhum aluno faça predições que coincidam com a realidade do texto. Não se aflija: o importante é o exercício da “adivinhação” e a percepção de que, em geral, o entendimento de um texto depende não só da compreensão do seu conteúdo interno, mas da posse de informações externas a ele.

Aproveite a oportunidade para perceber o nível de leitura dos alunos, sugerido pelo tipo de resposta que darão a cada pergunta.

Na aula seguinte, são apresentadas informações importantes sobre o texto completo, de modo que ela é a seqüência desta.

Construindo hipóteses sobre o texto

Aula 1

 Atividade 2 _____

Que características da imagem levaram você a dar essa resposta?

 Atividade 3 _____

O que representa o desenho no interior do círculo?

68

 Atividade 4 _____

A cor predominante na imagem é o marrom claro. Por que você acha que o autor escolheu essa cor?

 Atividade 5 _____

Na figura está escrito ABICAB. O que você pensa que essa palavra significa? Em que se baseou para ter essa opinião?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Atividade 2: O logotipo, ou logomarca, é a marca, constituída por um grupo de letras, sigla ou palavra, especialmente desenhada para uma instituição ou empresa. O *slogan* é a palavra ou frase associada à propaganda comercial ou política.

Sigla é a “reunião das letras iniciais dos vocábulos fundamentais de uma denominação ou título, sem articulação prosódica, constituindo meras abreviaturas”, segundo o dicionário Aurélio.

O texto como centro das experiências no ensino da língua

Unidade 3

 Atividade 6 _____

Qual lhe parece ser a finalidade dessa imagem?

 Atividade 7 _____

Que tipo de leitor o texto procura atingir?

 Atividade 8 _____

Qual é o suporte do texto?

69

 Atividade 9 _____

A imagem e a escrita desse texto poderiam ser utilizadas em outros textos que tivessem a mesma finalidade. Que textos você citaria como possíveis?

Atividade 7: Os compradores podem não ser consumidores no caso de quando comprarem o produto para revendê-lo.

Aula 2

Verificando a correção das hipóteses

Nesta aula apresentamos dados do contexto e passamos a trabalhar com o texto completo.

Temas transversais: Saúde e Consumo

Material necessário

Recortes de jornal que apresentem o título e o olho de reportagens, notícias e artigos.

Objetivos

- a) Perceber a importância do contexto para a compreensão do texto.
 - b) Comparar leituras: a primeira, com texto incompleto e ausência de dados do contexto; a segunda, com texto completo e dados do contexto.
-

Escreva na lousa o título e o olho do artigo, tal como aparecem abaixo, e peça aos alunos que o registrem no espaço adequado.

Selos de qualidade ajudam na compra

Consumidores idosos, obesos e crianças são privilegiados com certificado especiais, que ajudam a diferenciar os produtos

103

Esclareça que o primeiro subtítulo de um texto é chamado de **olho**, na linguagem dos jornalistas. Tem de três a cinco linhas e acrescenta novos dados ao título, tornando-o mais claro e informativo. Informe ainda que o tamanho da letra do título é sempre maior que a do olho.

Mostre os recortes de jornal e estimule comentários.

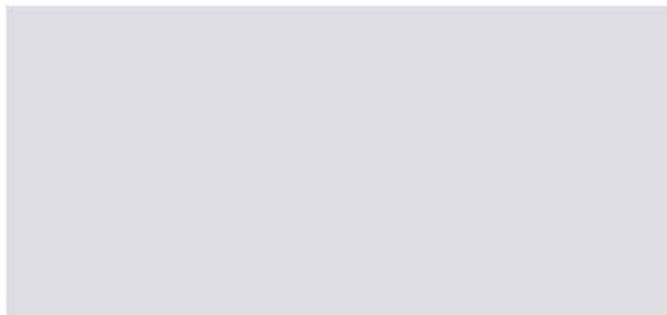
Em seguida, dê um tempo para que os alunos desenvolvam a atividade de comparação entre as leituras (a primeira, das previsões e a segunda, após as informações sobre o contexto). Peça que comentem oralmente o resultado da atividade.

Aula 2

Verificando a correção das hipóteses

Agora o professor vai escrever na lousa o título e o olho do artigo em que aparece a imagem examinada na aula anterior. Você vai perceber que essas informações são importantes para que você consiga interpretá-la corretamente.

O artigo está em um suplemento de jornal; registre no espaço abaixo o *título* e o *olho*:



70

Detenha-se nas respostas que você deu anteriormente à atividade 1 e compare-as mentalmente com as que você daria agora. Percebeu como as informações que “rodeiam” o texto ajudam a compreendê-lo?

À direita da imagem, há um texto com linguagem apenas verbal. O professor vai registrá-lo na lousa e você, copiá-lo no espaço abaixo:

AAA 1 - Linguagem e Cultura

104

Registre então na lousa o texto que acompanha o selo. Escreva a palavra inicial, “Amendoim”, com letra maior e giz de outra cor. Não esqueça do crédito do texto.

Amendoim Pé-de-moleque, paçoca e amendoim salgado, doce, com pele ou não acabam de ganhar um selo de qualidade, o selo Abicab, da Associação Brasileira da Indústria de Chocolate, Cacau, Amendoim e Balas (Abicab) para garantir que o produto foi elaborado dentro de boas condições sanitárias e que está livre da aflatoxina, uma toxina formada por fungos decorrentes da alta umidade na colheita. Objetivo do selo: reativar o consumo e reafirmar a qualidade do alimento, após uma queda nas vendas. Das 140 indústrias do setor, só 9, que representam 60% do mercado, possuem o atestado, que tem validade semestral. “Realizamos testes semestralmente para garantir a qualidade. Em caso de problemas, a empresa é descredenciada”, diz Renato Fecchino, da divisão de amendoim da Abicab.

Folha de S. Paulo. Suplemento *Equilíbrio*, 31/10/2002, p.7.

É importante que os alunos conheçam agora o texto completo (anexo I), que inclui o selo e o verbete. Apresente-o na sala de aula.

O texto como centro das experiências no ensino da língua

Unidade 3

Vamos ver como você entendeu o texto. Responda às perguntas por escrito, sempre levando em conta todas as informações que você teve até agora.

 Atividade 1 _____

A palavra "Amendoim", no início do texto, parece estar desligada da primeira frase. Ela está desligada mesmo ou não? Explique isso.

 Atividade 2 _____

O texto é apresentado em linguagem formal e, sem dúvida, esse nível é adequado ao seu objetivo. Justifique essa afirmação.

 Atividade 3 _____

No texto aparece a palavra "toxina". Você sabe o que significa essa palavra? Se não sabe, que significado você supõe que ela tenha no texto?

 Atividade 4 _____

O texto informa que o consumo do amendoim caíra porque a qualidade fora afetada por uma toxina.

Aponte os trechos do texto que indicam, respectivamente, duas necessidades das empresas que industrializam o amendoim:

71

105

Os alunos lêem o texto em silêncio e iniciam as atividades de entendimento. Esclareça, se necessário: a aflatoxina é uma substância altamente tóxica, capaz de provocar a morte em quem ingere alimentos que a contêm.

Acompanhe o trabalho, interferindo individualmente para orientar ou dar pistas sempre que necessário.

Atividade 1: O aluno deve relacionar o texto menor com o artigo de que faz parte para, em seguida, inferir a resposta.

Atividade 3: O costume de interromper a leitura para buscar no dicionário o significado das palavras que o aluno desconhece não é desejável, pois a seqüência do texto se perde, prejudicando o entendimento do sentido geral. A consulta ao dicionário deve ocorrer quando se trata de palavra-chave, cujo significado é primordial para a compreensão do texto. Em grande parte dos casos, o leitor consegue "preencher" as lacunas do significados das palavras pelo contexto.

Atividade 4: Chame a atenção dos alunos para a seguinte característica dos verbos “reativar” e “reafirmar”: ambos têm o prefixo *re-*, indicando *repetição* e sugerindo que, antes do surgimento da aflatoxina, o amendoim fora muito consumido e a qualidade desse produto, firmada entre os consumidores.

Atividade 5: A suavização de palavras ou expressões ruins pode ser feita pelo uso de um recurso chamado *eufemismo*. Veja alguns eufemismos comuns na fala cotidiana: “maneiras pouco elegantes”, em vez de “grosseira”; “simpático”, em vez de “feio”; “ir-se”, por “morrer”; “bastante econômico”, por “sovina, pão-duro”.

Na avaliação da atividade, socialize os resultados e estimule opiniões e discussão de respostas pessoais.

Para a próxima aula, peça aos alunos que procurem selos de qualidade nas embalagens de produtos diversos e levem para a classe. Um bastante fácil de encontrar é a do café moído, que costuma estampar o selo de pureza da ABIC (Associação Brasileira das Indústrias de Café). Contribua também levando as embalagens que conseguir.

Verificando a correção das hipóteses

Aula 2

a) voltar a vender o produto;

b) devolver a confiança do consumidor no produto.

 Atividade 5 _____

Quando o locutor não quer ferir o interlocutor ou trazer-lhe à memória lembranças ruins, ele suaviza o texto pelo uso de expressões ou palavras que sugerem o fato, em vez de explicitá-lo.

a) Volte ao texto e encontre na fala de Renato Fecchino um exemplo de suavização do texto;

b) Traduza a expressão usada por Fecchino, explicitando o que ele realmente quis dizer.

72  Atividade 6 _____

A imagem e o texto apresentados convenceram você a comprar produtos da ABICAB? Que característica de ambos foi mais importante para o seu convencimento?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Aula 3

Criando um selo de qualidade

Nesta aula os alunos criarão um texto constituído de palavras e desenho: um selo de qualidade. Mantêm-se os temas transversais: *saúde* e *consumo*.

Materiais

Uma cópia do texto completo da ABICAB para cada aluno; selos de qualidade de produtos diversos, trazidos pelos alunos e/ou pelo professor.

Se não for possível ter as cópias, leve o texto nesta aula e permita que os alunos, individualmente, o examinem.

Objetivos

- a) Relacionar o assunto do texto estudado com a realidade da região em que vive o aluno.
 - b) Criar selo de qualidade para produto industrializado da região.
-

Inicie as atividades mostrando outros selos de qualidade para os alunos. Peça que estabeleçam comparações entre os desenhos e textos.

Conduza uma conversa baseada nas questões propostas. No final, encaminhe a produção do texto, pedindo aos alunos que formem duplas. Solicite a leitura do lembrete do quadro “Não esqueçam!”.

Durante a atividade, circule pelas carteiras observando o trabalho de cada dupla.

Uma idéia: organize com a turma a mostra dos selos, que pode ser complementada com miniexposições orais dos alunos sobre cuidados na aquisição e consumo de alimentos.

Aula 3 Criando um selo de qualidade

O professor mostrou para todos a imagem e o texto que foram assunto das aulas anteriores, do modo como aparecem no suplemento do jornal.



Atividade 1 _____

73

Você já encontrou um selo de qualidade, como esse da ABICAB, em algum produto que adquiriu? Qual?



Atividade 2 _____

Na sua região, quais produtos da terra são industrializados? Qual deles é muito consumido pela população?

Criando um selo de qualidade

Atividade 3



Atividade 3

Agora você vai trabalhar em dupla com um colega. Vocês vão imaginar que fazem parte de uma associação criada para cuidar da qualidade desse produto, típico de sua região. Criem um selo para ele.

Não esqueçam!

- Criem um selo com palavras (linguagem verbal) e desenho (linguagem não verbal);
- Pensem no logotipo e no *slogan* do selo;
- Escolham as cores adequadas ao produto;
- Criem uma sigla para sua associação.

74

109

Aula 4

Uma entrevista: dialeto popular

Nas aulas 4 e 5 trabalharemos com um trecho de entrevista.

Material opcional

Folhetos ou folhas volantes de cordel.

Objetivos

- a) Ler e entender trecho de entrevista.
 - b) Identificar marcas de oralidade em texto oral.
 - c) Identificar traços do dialeto popular em texto oral.
-

Inicie perguntando aos alunos se sabem o que é uma entrevista, se já participaram de alguma, seja como entrevistador, seja como entrevistado, ou se assistem a programas de entrevista na TV.

Se os alunos tiverem familiaridade com a literatura de cordel, promova uma conversa sobre essa produção, com perguntas do tipo:

- Que tipo de narrativas preferem?
- Conhecem algum cordelista? Ele também é repentista?
- Gostam mais de poemas de cordel ou de livros, convencionais?

Caso desconheçam esse tipo de literatura, mostre o material sugerido para a aula, dê informações.

A origem do cordel está nas narrativas orais de camponeses e marinheiros que, na Idade Média, contavam suas experiências sempre finalizadas com um ensinamento moral. Com a popularização da imprensa e a criação do romance, essa arte popular tornou-se literatura. Assim, no cordel ocorre a transposição do oral para o escrito.

No final do século XIX, a poesia de cordel coexistia com a poesia cantada por violeiros, cantadores ou trovadores que improvisavam versos e encantavam quem os ouvia.

A poesia de cordel é uma expressão cultural do povo. Utiliza-se de sua linguagem, sua visão de mundo, seus problemas, suas lendas e seu cotidiano. Os meios de produção também são populares; os poemas são impressos em papel-jornal. Uma folha dobrada em quatro gera oito impressas, ou qualquer número múltiplo de oito.

O folheto é o poema de oito páginas; os de 16 são chamados de romance, assunto amoroso ou trágico. Os mais longos, de 32 páginas, ou mais, eram as histórias criadas pelos poetas tidos como melhores.

Esclareça a proposta da aula e dê informações sobre as pessoas envolvidas na entrevista.

Em 1986, no Piauí, Gilmar de Carvalho iniciou sua pesquisa sobre o uso do folheto de cordel nas estratégias de marketing, terminando-a em 1989. O resultado foi um trabalho de mestrado, intitulado *Publicidade em cordel*. Nesse período, entrevistou vários cordelistas piauienses e, segundo suas palavras, a pesquisa enredou-o “como uma sedutora teia, em que cada poeta chamava o seguinte, em uma corrente labiríntica de descobertas...” (Ver obra citada)

Pedro Costa foi apresentado a Gilmar de Carvalho pelo cordelista Juvenal Evangelista, e, na época, era um jovem violeiro que se considerava discípulo de Juvenal. Ambos tinham um programa de violeiros e repentes em uma emissora de Teresina. Gilmar conta que Pedro era um poeta iniciante e entusiasmado, sempre comprometido com a linguagem oral e escrita.

Aula 4 Uma entrevista: dialeto popular

A entrevista é um texto que se desenvolve pelo jogo de perguntas, feitas pelo entrevistador, e de respostas, dadas pelo entrevistado. O entrevistador estabelece um plano e prepara suas perguntas antes do encontro com o entrevistado. No encontro, acontece a conversa, que geralmente é gravada para, depois, transformar-se em texto escrito.

Você vai conhecer um trecho da entrevista feita por Gilmar de Carvalho com Pedro Costa, um violeiro e poeta cordelista do Piauí.

G: Como é que você escreve? Você escreve à noite, escreve em qualquer lugar, escreve e depois corrige? Como é que você cria um folheto?

PC: Eu sempre, quando eu vou escrever um folheto, eu escrevo à noite, é mais fácil à noite, mas aquele período que eu estou pra fazer aquele trabalho eu ando com lápis e papel, seja onde tiver, dentro do ônibus ou na praça, no teatro, no cinema. Onde eu lembrar, ver aquela... Onde eu lembrar de fazer boas colocações, fazer o verso, se eu vejo que dá pra mim fazer já passo a caneta, e sempre eu corrijo depois. Um trabalho, corrijo depois, depois eu vou pra... primeiro eu vou corrigir. Eu faço o verso e passo pra outro corrigindo, aí vou pro dicionário saber se tá certo ou não. O pessoal diz que dicionário é o professor dos burros. Não, eu acho que o dicionário é dos inteligentes, porque se você não sabe, você não sabe também definir nada no dicionário, né? Que eu acho que é importante o violeiro não escrever nada... que ele vai escrever pra todo mundo, ele não deve escrever nada sem passar pelo dicionário, seja uma palavra que ele sabe que aquilo tá certo, mas eu acho que ele deve corrigir.

Gilmar de Carvalho. *Poetas do povo do Piauí: a mídia cordel*. São Paulo: Terceira Margem, 2001, p. 123-4.



Atividade 1 _____

O que o entrevistador deseja saber do entrevistado?



Atividade 2 _____

O entrevistador não se contenta em fazer apenas uma pergunta ao entrevistado. Ele faz, na verdade, cinco perguntas de uma só vez. Essa atitude sugere que sentimento do entrevistador a respeito do entrevistado?

75

112

A leitura deve ser preparada pelo professor, de modo a evidenciar os traços da modalidade oral e exprimir o sentimento do entrevistado.

Após a leitura, peça aos alunos que leiam eles próprios, em silêncio, o texto.

Encaminhe as atividades escritas.

Atividade 2: Ao fazer uma pergunta atrás da outra, antecipando-se às respostas do entrevistado, o entrevistador mostra ansiedade em conhecer o processo de criação do cordelista.

Uma entrevista: dialeto popular

Aula 4



Atividade 3 _____

Observe a fala de Pedro Costa. Além de responder a todas as perguntas, ele faz um breve comentário sobre outro assunto. Qual o assunto e que comentário é feito?



Atividade 4 _____

Pedro Costa faz a seguinte afirmação: "... ele não deve escrever nada sem passar pelo dicionário, seja uma palavra que ele sabe que aquilo tá certo, mas eu acho que ele deve corrigir."

À primeira vista, a afirmação parece sem sentido: se o violeiro sabe que a palavra está certa, por que ele deve corrigi-la, se acreditamos que só deve ser corrigido o que está errado? O que o cordelista quer, na verdade, dizer?

76



Atividade 5 _____

Por vezes, o cordelista interrompe sua fala, ou porque está refletindo sobre ela, ou porque quer corrigir seu próprio pensamento. Veja estes trechos:

"Onde eu lembrar, ver aquela..."

"Um trabalho, corrijo depois, depois eu vou pra... primeiro eu vou corrigir."

De acordo com o contexto, que palavras seriam adequadas para completar as frases?

Atividade 5: A reflexão sobre a própria fala, que leva o falante a interrompê-la, é típica da linguagem oral.

Uma entrevista: dialeto popular

Aula 4



Atividade 9 _____

Pedro usa o dialeto popular. Que traços dessa variante lingüística se percebem na fala do cordelista?

78

115

Aula 5

Suprimindo as marcas de oralidade de um texto

Nesta aula, os alunos vão fazer um exercício de reformulação de texto.

Objetivo

Transformar texto oral em texto escrito.

Aula 5

Suprimindo as marcas de oralidade de um texto

Vamos continuar trabalhando com o texto da aula anterior.

O texto da entrevista foi produzido oralmente, depois foi transformado em texto impresso no livro *Poetas do povo do Piauí: a mídia cordel*. Apesar de escrito, no entanto, o texto conservou marcas de oralidade. Então, podemos dizer que se trata de **texto oral** na forma impressa.



Atividade 1

Imagine que você é redator de um jornal e se tornou responsável pela seção dedicada a autores de folhetos de cordel. Sua tarefa no momento é transformar a fala de Pedro Costa em texto escrito, que será publicado na próxima edição. Portanto, os traços de oralidade deverão ser suprimidos do texto.

Então, mãos à obra. Damos algumas orientações para esse trabalho:

1. Releia a fala de Pedro Costa, assinalando as marcas de oralidade;
2. Escreva a primeira versão do texto, eliminando tais marcas;
3. Releia o texto para verificar se está adequado:
 - a) à modalidade escrita;
 - b) à intenção do escritor;
 - c) aos leitores.
4. Faça como Pedro Costa ao escrever seus poemas: volte ao texto para corrigir a linguagem, melhorá-lo. Se tiver dúvidas, pergunte ao professor, ou consulte o dicionário, ou ainda, peça licença para falar sobre o assunto com um colega.
5. Quando julgar que o texto está pronto, passe-o a limpo.

Após a conclusão desse trabalho, o professor pedirá que alguns alunos leiam o texto que produziram. A turma poderá então fazer comentários sobre eles. Se você quiser dar sua opinião, proceda da seguinte forma:

- a) Faça observações que contribuam para a análise dos trabalhos;
- b) Evite comentários sobre aspectos que não interessam no momento;
- c) Ao criticar, seja respeitoso.

Se você for chamado para ler seu próprio texto, anote os comentários que forem úteis à avaliação do seu trabalho. Em casa, reavalie seu texto. Reescreva-o, levando em conta os aspectos discutidos em aula.

Encaminhe a atividade de reformulação do texto.

Cuide para que os alunos sigam as orientações para o trabalho. Observe se, após a reformulação, procedem à primeira revisão do texto. Comente o cuidado de Pedro Costa em corrigir o próprio texto como exemplo a ser seguido pelos alunos.

Atividade 4. Oriente os alunos sobre um procedimento desejável: consultar um colega sobre dúvidas pontuais. Para que a conversa não atrapalhe os demais, ela deve ser em voz baixa, assim como não deverá se alongar a ponto de impedir a realização das atividades propostas.

O dicionário será consultado quando o aluno perceber que tem dúvida sobre a grafia ou o significado de palavra(s). Apesar dessa fonte de consulta em aula, o aluno deverá contar sempre com uma outra, bastante preciosa: o próprio professor.

Atividade 5. A resposta apresentada na **Correção das atividades** é uma das várias possíveis. Certamente não será fácil para os alunos perceber todas as marcas de oralidade e substituí-las adequadamente por formas da linguagem escrita. Leve esse fato em conta ao avaliar os resultados.

Quando terminar o tempo dado à atividade de transformação do texto, peça que os alunos leiam o que produziram. Faça comentários e solicite que os considerem ao fazerem a segunda revisão. Passe pelas carteiras comparando rapidamente as duas versões para verificar se houve ou não progressão no trabalho de cada aluno.

Aula 6

Um poema de cordel piauiense

Nesta aula apresentamos um folheto de Pedro Costa, que retoma a lenda piauiense do Cabeça de Cuia.

Tema transversal: Ética

Objetivos

- Conhecer uma lenda do Piauí em poema de cordel.
- Recontar a lenda oralmente.

Aula 6

Um poema de cordel piauiense

Vamos conhecer um poema de cordel criado por Pedro Costa e impresso em folheto. Ele tem como assunto uma lenda do Piauí, sobre um personagem conhecido como Cabeça de Cuia.

Para facilitar o trabalho com o texto, após a leitura, as estrofes foram numeradas.



1 O povo não acredita
Em "história" de pescador
De vaqueiro e cachaceiro
De poeta cantador
Motorista e seringueiro
Marinheiro e caçador

2 Dizem que toda mentira
Deturpa sempre a verdade
Por menos que ela seja
Dita na sociedade
Contada por muita gente
Se torna realidade

AAA 1 - Linguagem e Cultura

O texto como centro das experiências no ensino da língua

Unidade 3

3 Uma "história" de verdade
Contada de uma maneira
Deturpada, duvidosa
Como fosse brincadeira
Por mais que seja real
Nunca será verdadeira.

4 Existe "história" lendária
Que virou verdade pura
Com o tempo ganhou fama
Com personagem e figura
Inserida no folclore
Enriquecendo a cultura

5 Entre todas criaturas
Sempre o homem é o mais forte
Enfrenta feras, nas selvas
Escapa no fio da sorte
Tem o instinto voraz
Só quem lhe vence é a morte

6 O homem tem enfrentado
Perigos no alto mar
Nos espaços siderais
Monta usina nuclear
Não domina o universo
Porque Deus não vai deixar

7 Existe homem no mundo
Que desconhece o amor
É contra pais e irmãos
As palavras do senhor
Xinga terra, sol e astros
As coisas do criador

8 A muitos anos atrás
Existiu no Piauí
Um pescador que pescava
No Parnaíba e Poty
A sombra da maldição
Estava perto de si

9 O seu nome era Crispim
Cresceu sem religião
Sem pai pra lhe dar conselho
Sem amigo e sem irmão
Sua mãe muito velhinha
Sem mágoa no coração

10 Acontece que Crispim
Não aprendeu a trabalhar
Para sustentar a mãe
Ele tinha que pescar
Quando não pescava nada
Danava a esbravejar

11 Devido a necessidade

Ele só vivia aflito
Ameaçava sua mãe
Dava soco, dava grito
Agredia todo mundo
Chamava o rio maldito

12 Sua mãezinha chorava
Muito tristonha a velhinha
Sem esperança de vida
Em sua pobre casinha
O sofrimento do filho
Com a pobreza que tinha

13 Vendo o filho em desespero
A mãe se compadecia
Assim vivia Crispim
Sem ter sorte em pescaria
Xingava até sua sombra
E a roupa que vestia

14 Um certo dia Crispim
Voltou pra casa zangado
Não tinha pescado nada
Crispim ficou irritado
Xingando os rios e os peixes
Tudo que tinha ao seu lado

15 A mãe lhe disse filhinho
Não pense mais em mazela
Coma um pirão com uma ossada
Que tem naquela panela
Crispim pega um corredor
Bateu na cabeça dela

16 A pancada foi tão grande
Levou a velha ao chão
A mãe antes de morrer
Jogou-lhe uma maldição
Serás transformado em monstro
Num ente sem coração

81

119

Um poema de cordel piauiense

Aula 6

17 Filho maldito e ingrato
Tu foste muito ruim
Matar sua genitora
Te amaldiçoou Crispim
Serás um monstro maldito
Triste será teu fim

18 Nas águas desses dois rios
Tu vais ficar a vagar
Serás um monstro assombroso
Até você devorar
As sete Marias virgens
Mais nunca irás encontrar

19 Os anjos disseram amém
Na hora que a mãe falou
Sua madrinha não ouviu
Jesus no céu escudou
E de repente Crispim
No monstro se transformou

82 20 Ficou todo transformado
Com a cara muito feia
A cabeça cresceu tanto
Que dava uma arroba e meia
Caiu nos rios, e aparece
Em noite de lua cheia

21 A velha foi sepultada
Como se fosse uma indigente
Não ficou nem um registro
Não apareceu parente
E Crispim ainda vive
Querendo voltar a ser gente

22 Até mesmo os pescadores
Nele não querem falar
Quando falam sentem medo
Passam noites sem pescar
Todos temem a qualquer hora
Com Crispim se encontrar

23 Cabeça de Cuia vive
Cumprindo sua trajetória
Uma velha diz que viu
Porém perdeu a memória
Se assombra fica louca
Quando escuta essa estória

24 Todo final de semana
Sempre, sempre é registrado
Nas águas desses dois rios
Alguém morrer afogado
Deixando cada vez mais
Banhista desesperado

25 Crispim cabeça de cuia
Vive ainda a procura
Das sete Marias virgens
Cumprindo sua desventura
Rio abaixo e rio arriba
Em noite clara ou escura

26 Passaram séculos e séculos
A "história" permanece
Dizem quando os rios enchem
Na correnteza ele desce
Dando gargalhadas estranhas
Toda vez que aparece

27 Ele vaga pelas águas
Do Parnaíba e Poty
E no encontro dos rios
Tem sua estátua ali
Descrevendo esta lenda
Folclórica do Piauí.

Pedro Costa. *A lenda do Cabeça de Cuia*. 3 ed.,
Projeto Cantoria na Praça, Fundação Nordestina de
Cordel, 1999.

Agora você vai responder a algumas questões que formam um roteiro de leitura. As estrofes do poema estão numeradas a fim de facilitar a sua localização.

AAA 1 - Linguagem e Cultura

As perguntas sobre o texto constituem um roteiro de leitura cuja finalidade principal é facilitar a organização da atividade oral.

Pergunte aos alunos se conhecem a lenda do Cabeça de Cuia e quem pode contá-la. Esclareça o que é lenda.

Lenda é uma narração tradicional que mescla fatos e elementos ficcionais; baseia-se em situações historicamente verídicas.

Diferentemente do mito, que se ocupa dos deuses, a lenda retrata, geralmente, um herói humano.

A origem da lenda liga-se à necessidade que o homem primitivo tinha de explicar fenômenos e fatos com que deparava no cotidiano. No Brasil, são numerosas as lendas criadas pelos indígenas e pelo povo.

Pergunte também quem sabe alguma lenda ou história de pescador, como tomou conhecimento dela, se quer contá-la.

Depois dessa conversa inicial, peça a leitura silenciosa do texto.

Antes de encaminhar as questões propostas, incentive comentários sobre o texto, com perguntas do tipo:

- Gostaram da lenda?
- O que nessa história mais os interessou ou impressionou?
- Quem acredita em assombração?
- Quem já viveu uma história de assombração? Como foi?

Estimule uma questão ética: de acordo com os valores sociais e familiares, Crispim comete um crime imperdoável ao matar a própria mãe. A lenda é uma criação popular, portanto, exprime o modo pelo qual as pessoas do povo entendem o mundo; a maldição que a mãe lança sobre Crispim é o castigo que elas consideram justo para o filho cruel.

O texto como centro das experiências no ensino da língua



Atividade 1 _____

Unidade 3

A narrativa da lenda do Cabeça de Cuia tem início na estrofe 8. Que idéias o poeta defende nas estrofes anteriores?



Atividade 2 _____

Quem era Crispim?

83



Atividade 3 _____

Com quem ele vivia?



Atividade 4 _____

Como era o temperamento de Crispim?

122

Encaminhe as questões propostas para a aula.

Atividade 1: As estrofes de 1 a 8 funcionam como introdução à narrativa.

Atividade 8: O rio Poti deságua no rio Parnaíba. O encontro das águas de ambos acontece na capital do Piauí, no Parque Ambiental Encontro dos Rios. Na entrada do parque há uma escultura em que se vê o Cabeça de Cuia perseguindo sete mulheres (as Marias virgens).

Atividade 11: Há marcas do registro popular falado, que se manifestam em vários níveis:

a) **Sintaxe:**

“Estava perto **de si**” (uso do pronome reflexivo sem que sujeito e complemento sejam da mesma pessoa)

Um poema de cordel piauiense

Atividade 5  _____

Qual era a atitude da mãe, já velhinha, diante da ira do filho?

Atividade 6  _____

Que fato levou Crispim a matar a própria mãe?

Atividade 7  _____

84 Por que Crispim se tornou um monstro?

Atividade 8  _____

Qual foi a reação de Crispim, ao se perceber monstro?

Atividade 9  _____

O que deveria acontecer para que o encantamento de Crispim se acabasse?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

“Crispim **pega** um corredor”

“**Bateu** na cabeça dela” (mistura de passado e presente)

“Triste será teu fim”

“**Serás** um monstro assombroso”

“Até **você** devorar” (mistura de pessoas do discurso)

“Só quem **lhe vence** é a morte” (objeto indireto usado com verbo transitivo direto)

b) **Léxico:**

“ **Danava** a esbravejar”

“ rio **arriba**”

“A muitos anos **atrás**” (redundância da forma de passado)

c) **Ortografia**

“**A** muitos anos atrás” (por *Há muitos anos*)

“Poty” por Poti

Ausência de pontuação do diálogo. Ex.: “ Filho maldito e ingrato / Tu foste muito ruim”

Atividade Oral

As atividades orais devem merecer o mesmo preparo e cuidado que as escritas. Oriente os alunos na elaboração do resumo, valendo-se das indicações apresentadas no quadro em azul e mostrando a utilidade da seqüência da questão 2 à 10.

124

Na apresentação dos alunos, observe vários aspectos:

- ✓ Postura: deixar as mãos livres, fora de bolsos; olhar para a “platéia”;
- ✓ Altura da voz: não gritar nem falar baixo demais;
- ✓ Linguagem: usar registro próximo do formal; evitar um ritmo apressado ou lento demais; pronunciar com clareza.

A avaliação da atividade poderá ser feita pelos alunos e complementada pelo professor.

Se os alunos levarem poemas em cordel, peça que leiam na sala e estimule comentários e opiniões.

O texto como centro das experiências no ensino da língua



Atividade 10 _____

Unidade 3

De acordo com o poeta, qual a reação das pessoas diante da lenda do Cabeça de Cuia?



Atividade 11 _____

Que dialeto é usado pelo cordelista? Qual a ligação entre esse dialeto e a origem do cordel?



Atividade 12 _____

85

Você conhece outras narrativas de cordel? Qual é a sua preferida? Quem a escreveu?



Atividade 13 _____

O professor vai pedir a alguns alunos que recontem a lenda do Cabeça de Cuia. Você pode ser um deles.

Então, prepare-se seguindo estas orientações:

- Leia o texto;
- Leia as questões e as respostas sobre o texto. Observe que o modo como estão organizadas serve de roteiro para o seu trabalho;
- Selecione os fatos principais, despreze os detalhes;
- Se for chamado para recontar, fale devagar e num tom que todos ouçam.

Se você tiver folhetos ou folhas avulsas de cordel, leve à escola para mostrar na próxima aula.

Aula 7

Propaganda: um *outdoor*

Nesta aula e na seguinte, os alunos vão trabalhar com uma propaganda apresentada em *outdoor*. As atividades serão orais.

Tema transversal: Meio Ambiente

Objetivos

- Compreender texto publicitário em *outdoor*, com linguagem verbal e não verbal.
 - Identificar os recursos lingüísticos e visuais usados em texto publicitário de *outdoor*.
-

Aula 7

Propaganda: um *outdoor*

A propaganda é um texto criado para convencer pessoas a ter determinada conduta diante de uma idéia ou objeto: comprar, aceitar, associar-se, assistir, etc. Um meio eficiente de divulgar uma idéia ou um produto é usar como suporte o *outdoor*.

Vamos observar os recursos usados pelo *outdoor* abaixo:



86



Atividade 1 _____

Observe o local onde foi colocado o *outdoor*. Que tipo de local foi escolhido?



Atividade 2 _____

Qual é a palavra principal do texto?



Atividade 3 _____

Essa palavra está escrita de um modo especial. Como?

O texto como centro das experiências no ensino da língua

Unidade 3

 Atividade 4 _____

Detenha-se no quadro do *outdoor*. O que você percebe no contorno do retângulo?

 Atividade 5 _____

Ao criar o *outdoor* sem um dos ângulos, que impressão o publicitário pretendeu causar nas pessoas? Por quê?

 Atividade 6 _____

Abaixo da palavra BALÃO está escrito: "Só pra lembrar o risco que você corre." Qual é o risco?

 Atividade 7 _____

A quem a propaganda se dirige?

 Atividade 8 _____

Em vez do pronome "você", o publicitário poderia ter usado "todos" ou "as pessoas". O efeito no interlocutor seria o mesmo? Justifique.

 Atividade 9 _____

Qual a intenção do texto?

 Atividade 10 _____

Qual a melhor época do ano para mostrar ao público um *outdoor* com essa intenção?

87

A imagem é essencial para os efeitos de sentido do texto desta aula, assim, os alunos devem ser orientados para perceber detalhes relativos a aspectos diversos, como cor, formato, localização, tipo de imagem (foto, ilustração, alto relevo, etc.); sugerimos que as atividades da aula sejam feitas oralmente. O professor encaminha questão por questão, acompanhando os alunos na elaboração de cada resposta.

Propaganda: um outdoor

Aula 7  Atividade 11 _____

Você acha que o publicitário criou um texto realmente capaz de convencer seus interlocutores? Justifique.

 Atividade 12 _____

Por que o local onde está o *outdoor*, assim como as bordas do retângulo, são verdes?

 Atividade 13 _____

No lugar em que você mora, como as pessoas comemoram as festas juninas? Têm o costume de soltar balões? Já houve incêndio causado por balão?

88

AAA 1 – Linguagem e Cultura

A atividade 13 fecha o estudo do texto com uma discussão relacionada ao contexto social do aluno.

Após o término das atividades, aprofunde a discussão sobre os problemas causados ao meio ambiente por incêndios. Converse com os professores de Ciências e Geografia para abordar pontos como: matança de animais e interferência na formação de cadeias alimentares; interrupção do equilíbrio natural; destruição de nutrientes do solo; poluição atmosférica.

Aula 8

Criando um *outdoor*

Nesta aula, propõe-se a produção de um texto para *outdoor*.

Tema transversal: Cidadania

Material

1 folha de papel sulfite por aluno; lápis de cor.

Objetivos

- a) Discutir temas sociais pertinentes à comunidade.
 - b) Criar *outdoors* com os temas discutidos.
-

A conduta dos alunos na conversa sobre temas da comunidade, que muitas vezes se mostram polêmicos, deve ser orientada previamente. Algumas observações podem ajudá-lo a avaliar o comportamento do grupo em situação de oralidade:

- ✓ Os alunos têm paciência para ouvirem uns aos outros?
- ✓ Há alunos que sempre tentam impor seu ponto de vista sem apresentar argumentos convincentes?
- ✓ Quem constantemente permanece calado tem essa atitude por quê: vergonha de falar ou desinteresse pelo assunto?
- ✓ Algum aluno humilha outros pelas idéias ou modo de falar que apresentam?
- ✓ Há alunos que costumam desviar-se do assunto?
- ✓ O grupo é capaz de chegar a conclusões que apresentem idéias diferentes, mas válidas?

Durante o trabalho, circule pelas carteiras, fazendo as interferências necessárias.

Permita que a avaliação dos *outdoors* seja feita pelos alunos, que usarão como critérios os cuidados sugeridos em aula.

Ao organizar a exposição dos trabalhos, dê liberdade para que todos exponham suas idéias e sugestões. Elabore com os alunos um texto explicativo sobre o trabalho, que conte a origem dele, assim como descreva e narre as etapas de produção.

Aula 8

Criando um *outdoor*

Na comunidade em que você mora, as pessoas certamente lutam por algumas idéias: a construção de estradas; a melhoria dos serviços de esgoto, iluminação ou transportes; o aumento do número de moradias... Enfim, faz parte do espírito cidadão lutar pacificamente por direitos sociais.

O professor vai participar de uma conversa com os alunos sobre essa questão. Depois, todos vão colaborar na listagem de alguns temas importantes para a comunidade onde está a escola.

Cada aluno vai escolher o tema de sua preferência e criar um *outdoor*, imaginando que ele será um veículo para uma campanha em defesa dessa idéia.

Ao fazer o trabalho, tenha os seguintes cuidados:

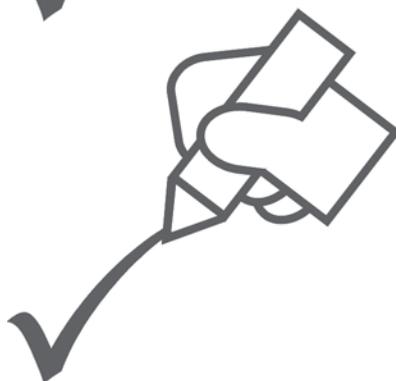
1. Se resolver criar figuras, cuide para que elas combinem com o texto a ser escrito;
2. O texto deve ser curto, pois o *outdoor* geralmente é colocado na beira de rodovias ou em lugares onde possam ser vistos por quem passa na rua.
3. Se quiser uma interlocução mais direta com seus leitores, use o pronome *você*, como se estivesse conversando com eles.
4. Você pode usar o humor em seu texto. Muitas propagandas fazem uso desse recurso.

Depois que os trabalhos forem avaliados e revistos, a turma vai organizar, junto com o professor, uma exposição dos *outdoors* na escola.

89

Correção das atividades

Unidade 3 – O texto como centro das experiências no ensino da língua



Correção das atividades

Aula 1

Atividade 1

Espera-se que o aluno perceba que se trata da imagem de um selo.

Atividade 2

Se o aluno percebeu que se trata de um selo, ele certamente citará as seguintes características: moldura retangular com bordas picotadas, desenho de logotipo com *slogan*, sigla e nome por extenso da instituição.

Atividade 3

Um amendoim em casca; os “raios” brancos procuram passar a idéia de limpeza, brilho, qualidade.

Atividade 4

Porque é a cor do produto.

Atividade 5

Significa Associação Brasileira da Indústria do Chocolate, Cacau, Amendoim e Balas. ABICAB é a sigla dessa associação.

Atividade 6

Espera-se que digam que se trata de selo que garante a qualidade do produto, isto é, o amendoim.

Atividade 7

Os compradores e consumidores de produtos feitos com amendoim.

Atividade 8

O jornal.

Atividade 9

Resposta possível: outros textos de propaganda.

Aula 2

Atividade 1

Não, porque o título e o olho indicam que o artigo apresenta vários produtos e seus respectivos selos de qualidade. O amendoim é um desses produtos, por isso a palavra encabeça o artigo, como se fosse um verbete de dicionário.

Atividade 2 _____

Resposta possível: A linguagem formal é adequada porque o texto é um artigo de jornal bem cuidado, escrito para informar os leitores (que podem ser também consumidores do produto) sobre a conveniência de adquirir produtos com garantia de qualidade.

Atividade 3 _____

Resposta pessoal.

Atividade 4 _____

- a) “reativar o consumo”;
- b) “reafirmar a qualidade do alimento”

Atividade 5 _____

- a) “Em caso de problemas, a empresa é descredenciada.”
- b) Resposta possível: Se o amendoim apresentar aflatoxina... Em caso de presença de toxina...

Atividade 6 _____

Resposta pessoal.

134

Aula 3**Atividade 1** _____

Resposta pessoal.

Atividade 2 _____

Resposta pessoal.

Atividade 3 _____

Resposta pessoal.

Aula 4**Atividade 1** _____

Como ele escreve os poemas de cordel.

Atividade 2 _____

Resposta possível: Curiosidade, entusiasmo pelo processo de criação do poeta.

Atividade 3 _____

O assunto é o uso do dicionário, e Pedro Costa afirma que, ao contrário das demais pessoas, ele acha que o dicionário é o professor dos inteligentes.

Atividade 4

Que, mesmo tendo certeza sobre a escrita da palavra, o violeiro pode estar enganado, por isso deve consultar o dicionário.

Atividade 5

Resposta possível: (Onde eu lembrar, ver aquela...) idéia, cena.

(Um trabalho, corrijo depois, depois eu vou pra...) outro verso.

Atividade 6

Ao trabalho de escrever um folheto.

Atividade 7

Não é correto. A frase completa-se mais adiante. O que Pedro Costa quer dizer é que é importante o violeiro não escrever nada sem consultar o dicionário.

Atividade 8

Repetição de palavras: “ escreve”, na fala de Gilmar; “eu”, formas dos verbos “corrigir” e “escrever”, na fala de Pedro.

Suspensão momentânea da fala: “Onde eu lembrar, ver aquela...”, “...depois eu vou pra...”, “Que eu acho que é importante o violeiro não escrever nada...”.

Uso de “você” para indeterminar o sujeito: “porque se você não sabe, você não sabe também definir nada no dicionário, né?”

Uso de simplificações: “tá”, “né”, “pro”

Quebra da seqüência do enunciado: “Onde eu lembrar de fazer boas colocações, fazer o verso, se eu vejo que dá pra mim fazer...”, “Um trabalho, corrijo depois, depois eu vou pra...”

Atividade 9

Omissão da preposição que introduz oração adjetiva: “...mas aquele período que eu estou pra fazer aquele trabalho...”

Uso de “seja” por “esteja” e “tiver” por “estiver” em “seja onde tiver”;

Uso de pronome oblíquo “mim” como sujeito: “...se eu vejo que dá pra mim fazer...”

Emprego de gíria: “passo a caneta”, em vez de “escrever”.

Aula 5**Atividade 1**

Resposta possível: Sempre que eu vou escrever um folheto, escrevo à noite porque é mais fácil. No período em que eu tenho de fazer o trabalho, ando com lápis e papel, dentro do ônibus ou na praça, no teatro, no cinema. Quando lembro de boas colocações para fazer o verso, escrevo-os e depois corrijo. Antes de passar a outro verso, corrijo o que já fiz consultando o dicionário. Dizem que o dicionário é o professor dos burros. Não, o dicionário é dos inteligentes, porque só é consultado por quem sabe fazer isso, não é? Acho importante que o violeiro não escreva nada sem passar pelo dicionário, mesmo que se trate de uma palavra que ele julgue ter usado corretamente.

Aula 6

Atividade 1

Ele defende duas idéias: 1^a: Histórias verídicas mal contadas não têm o crédito dos ouvintes, ao contrário das lendas, que acabam por virar “verdade pura”; 2^a: Apesar do poder e da força do homem em comparação com outros seres, há pessoas que desconhecem o amor e desrespeitam o Criador.

Atividade 2

Um rapaz pobre e sem religião, pescador nos rios Parnaíba e Poty.

Atividade 3

Ele vivia com a mãe, já velhinha.

Atividade 4

Era violento: quando não pescava nada, agredia todos e a mãe.

Atividade 5

Ela chorava porque tinha pena dele.

Atividade 6

Ele se irritou porque não pescara nada e em casa havia apenas pirão e ossada para comer.

Atividade 7

Antes de morrer, a mãe o amaldiçoou, condenando-o a viver como um monstro de cabeça grande.

Atividade 8

Ele se afogou no encontro dos rios Parnaíba e Poty.

Atividade 9

Ele teria de encontrar e devorar sete Marias virgens.

Atividade 10

Elas acreditam que ele vaga pelos rios, sendo responsável pelos afogamentos que aí acontecem.

Atividade 11

O cordelista usa o dialeto popular. O cordel tem origem nas narrativas orais de camponeses e, no decorrer do tempo, manteve-se como expressão da cultura do povo.

Atividade 12

Resposta pessoal.

Atividade 13 _____

Atividade oral.

Resposta possível: Um pescador chamado Crispim vivia com sua mãe velhinha. Ele se irritava sempre que não conseguia peixes para seu sustento. A mãe chorava de pena do filho. Certo dia, voltou para casa muito irritado, sem nenhum peixe. Ao perceber que havia para comer apenas pirão e uma ossada, matou a mãe. Esta, antes de morrer, amaldiçoou Crispim, condenando-o a viver como um monstro de cabeça enorme. Desesperado, o rapaz jogou-se no local onde se encontram as águas dos rios Parnaíba e Poty e morreu afogado. O encantamento só se desfará quando ele devorar sete Marias virgens. Quem pesca nos dois rios diz que vê Crispim a vagar e que ele é responsável pelos afogamentos que aí acontecem.

Aula 7**Atividade 1** _____

O local é uma área verde.

Atividade 2 _____

Balão.

Atividade 3 _____

O desenho da letra final, “o”, está incompleto.

Atividade 4 _____

O retângulo está incompleto.

Atividade 5 _____

A impressão de que o fogo destruíra um dos ângulos, atingindo a letra final da palavra “balão”, porque balões provocam incêndios.

Atividade 6 _____

O risco de ter a casa ou uma área atingidas por um balão em chamas.

Atividade 7 _____

Aos que soltam balões e às vítimas em potencial dos incêndios causados por eles.

Atividade 8 _____

Não, pois, ao usar “você”, quem lê tem a impressão de ser diretamente atingido pelo texto, como se participasse de uma conversa.

Atividade 9 _____

Convencer as pessoas a não soltarem balões devido ao risco de incêndio que provocam.

Atividade 10 _____

Na época das festas juninas.

Atividade 11

Espera-se que o aluno perceba a combinação sugestiva dos textos verbal e não-verbal no intuito de convencer os interlocutores a não soltarem balões.

Atividade 12

Porque os incêndios causados pela queda de balões em chama danificam o meio ambiente, acabando com o verde.

Atividade 13

Resposta pessoal.

ANEXO I

GESTAR AAA1

Anexo I



Amendoim Pé-de-moleque, paçoca e amendoim salgado, doce, com pele ou não acabam de ganhar um selo de qualidade, o selo Abicab, da Associação Brasileira da Indústria de Chocolate, Cacao, Amendoim e Balas (Abicab) para garantir que o produto foi elaborado dentro de boas condições sanitárias e que está livre da aflatoxina, uma toxina formada por fungos decorrentes da alta umidade na colheita. Objetivo do selo: reativar o consumo e reafirmar a qualidade do alimento, após uma queda nas vendas. Das 140 indústrias do setor, só 9, que representam 60% do mercado, possuem o atestado, que tem validade semestral. “Realizamos testes semestralmente para garantir a qualidade. Em caso de problemas, a empresa é descredenciada”, diz Renato Fecchino, da divisão de amendoim da Abicab.

ATIVIDADES DE APOIO À APRENDIZAGEM 1

LINGUAGEM E CULTURA

**UNIDADE 4
A INTERTEXTUALIDADE**

GESTAR AAA1

Aula 1

Um texto de memórias

Esta aula apresenta um trecho de uma narrativa memorialista para abordar a intertextualidade na interação cotidiana das pessoas.

Tema transversal: Família

Objetivo

Reconhecer a intertextualidade em fatos do cotidiano que fazem parte de narrativa de memórias.

Aula 1

Um texto de memórias

Você já parou para pensar em todas as influências que fizeram e fazem que você seja o que é? Em tudo o que ouviu, leu, viu, imitou, repetiu? O seu jeito de ser reflete a influência de muitas pessoas.

Como cada um de nós é parte da sociedade, podemos dizer que a cultura de um povo é formada por todas as suas gerações, à semelhança de um texto que vai sendo construído com a contribuição dos textos de muitos autores. Essa mistura de textos para formar outro é chamada de *intertextualidade*.

Você vai ler um texto de memórias. Nele, o narrador lembra do pai: do que gostava, como era, o que dizia... As lembranças do filho estão entrelaçadas por fatos ligados ao pai, portanto, são *intertextuais*.



93

1 O pai gostava de tudo, ou quase tudo, mas era esganado por carne-seca e manga. A atração por carne-seca mereceria o estudo de um especialista, um tratadista da gula humana. A manga não ficava atrás – e ela foi causa de um dos meus vexames.

2 O pai nascera no Caju, numa rua que hoje não existe mais, coberta que foi pelas pistas da avenida Brasil.

3 Era vizinho do cemitério, o maior da cidade, o mais tradicional. Há vários cemitérios no Rio, até em Inhaúma existe um, até no Cacuia, na ilha do Governador. Mas o Caju é o mais confiável, de longe o melhor – se isso possa existir. “Ir para o Caju”, desde tempos imemoriais, é bater as botas, esticar as canelas, morrer, em suma.

4 O pai gostava de contar suas façanhas de moleque do Caju. A proeza principal era pular o muro caiado para apanhar balões nos meses de junho, ou roubar as mangas do cemitério — segundo ele, as melhores do mundo. Manga de cemitério – garantia ele – era superior às mangas da Índia, e ele dizia isso com honesta convicção, embora, ao que me conste, nunca tenha provado manga de nenhum outro lugar que não as da Zona Norte da cidade.

5 Quando encontrava auditório propício, ele estendia suas aventuras dos tempos do Caju mais além. Tivera um colega que se chamava Absalão. Meu irmão e eu já conhecíamos todas as aventuras da dupla, mas o pai, quando se lembrava desse Absalão, não só

Introduza a aula e certifique-se de que os alunos entenderam o conceito de intertextualidade.

Mostre a relação entre o tema do romance de Cony, anunciado na introdução da aula, e o título da obra.

Encaminhe a leitura do texto. As notas a seguir o ajudam a dar explicações sobre algumas referências feitas no texto.

Homero é o nome tradicionalmente atribuído ao famoso autor da *Ilíada* e da *Odisséia*, as duas grandes epopéias da Antigüidade na Grécia.

A *Ilíada* situa-se no último ano da guerra de Tróia e narra a história do herói grego Aquiles e a derrota de Heitor, filho do rei Príamo.

A *Odisséia* narra a viagem de retorno do herói grego Odisseu até sua ilha natal, Ítaca, os diversos perigos que enfrentou e sua vingança sangrenta contra os pretendentes de sua esposa Penélope.

Coadjutor é o sacerdote adjunto de um pároco ou bispo.

Responsório é o conjunto de versículos rezados ou cantados alternativamente por dois coros, ou pelo coro e por um solista, depois das lições ou dos capítulos nas missas católicas

Salmo é cada um dos 150 poemas líricos do Antigo Testamento, primitivamente escritos em hebraico por autores diversos, mas atribuídos, na maioria, ao rei Davi. Eram cantados nos ofícios divinos do templo de Jerusalém, sendo posteriormente aceitos pelas Igrejas cristãs como parte de sua liturgia.

Um texto de memórias

Aula 1

esquecia que já as contara mil vezes como as ampliava formidavelmente, atingindo um de seus melhores momentos de narrador.

6 As histórias variavam em detalhes e cronologia, muitas vezes pareciam contraditórias, Absalão ora tinha uma irmã que era complacente nas brincadeiras dos porões escuros ora não tinha irmã nenhuma mas um padrasto que dava surras de vara de marmelo no enteado – surras que o pai, tantos e tão acidentados anos depois, garantia que eram devastadoras e merecidas.

7 Obedecendo à tradição dos melhores narradores da história, de Homero em diante, o pai fazia do amigo de infância uma colagem de outros meninos que fora encontrando pela vida, e outros que ele ia inventando conforme a inspiração e o auditório da hora.

[...]

8 Foi pela altura do quinto ou sexto ano do curso do Seminário-Menor. Morreria o pai do padre Motinha, nosso diretor espiritual – uma instituição nas casas religiosas. É ele que orienta e acompanha a relação dos alunos com as coisas de Deus, com os negócios da alma.

[...]

9 O pai – e já o disse anteriormente – tinha uma técnica desenvolvida de sempre dar um jeito de me ver, de estar próximo. Sabendo da morte do pai do padre Motinha, e intuindo que os alunos do Seminário iriam ser solidários com o luto do diretor espiritual, foi cedo para o cemitério de Santa Cruz – onde a família Mota era tradicional e de cuja paróquia o próprio padre Motinha, logo depois de ordenado, fora coadjutor.

94

[...]

10 O pior, como sempre, não vem antes nem durante: vem depois. Foi na hora da maior comoção, quando padre Motinha, filho e oficiante, encomendava a alma de seu pai a Deus, junto ao jazigo perpétuo dos Mota de Santa Cruz.

11 Os demais parentes, sem a obrigação de recitar os salmos, o “Libera me”, os responsórios, entregavam-se ao pranto desvairado, pranto de Zona Norte, medonho, lancinante, quem ouve um pranto daqueles passa dias com os gritos martelando na cabeça, gritos de dor, dor crua e veraz, que só existe ao longo dos trilhos da antiga Estrada de ferro Central do Brasil.

12 Ouviu-se o baque de um corpo que caía. O estrondo fez o pranto parar, emudeceram os gritos, calaram-se os gemidos. O oficiante interrompeu os salmos, os responsórios. Todos olharam na direção de onde viera o estrondo. Temendo pelo pior, fui dos últimos a olhar.

13 Havia uma mangueira, vasta e verde mangueira ao lado do jazigo perpétuo dos Mota de Santa Cruz. Estava carregada de mangas, embora ainda verdes – manga no Rio costuma dar no alto verão, não sei se em outras paragens é assim –, pois estávamos em agosto, no final do desmoralizado inverno que aqui temos, as mangas começavam a nascer, uma ou outra, mais afobada, já tinha manchas insinuando o fruto maduro, o cheiro forte de sua polpa amarela, sensual.

14 Aproveitando a unção do enterro de um Mota de Santa Cruz, alguém subira na árvore e tentara cutucar os frutos que ameaçavam amadurecer. Apesar de dominar a

técnica para momentos que exigiam equilíbrio e sangue-frio, o pai cometera um erro fatal: caiu por cima da carroça que trazia as coroas que seriam depositadas no jazigo perpétuo dos Mota de Santa Cruz.

15 Houve solidariedade: todos correram para socorrê-lo, escová-lo, abaná-lo, ouvia o pai dizer que não fora nada, apenas o susto, que ninguém se incomodasse, ele não queria atrapalhar o enterro, padre Motinha, olhos avermelhados, logo recomeçou os salmos, os responsórios, eu olhava o chão, querendo ser enterrado também, ali mesmo, com a minha vergonha.

16 Quando olhei para o lado, sabendo que o pai ainda devia estar ali, vi o que esperava ver: ele catava mangas maduras no chão.

Carlos Heitor Cony. *Quase Memória, Quase-romance*. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARLOS HEITOR CONY nasceu em 1926, no Rio de Janeiro. É jornalista, cronista e romancista. Foi editor do jornal *Correio da Manhã*, dirigiu as revistas *Ele Ela*, *Desfile e Fatos & fotos*. Foi articulista da revista *Manchete* e atualmente é cronista da *Folha de São Paulo*. O romance *Quase Memória - quase-romance* foi publicado em 1995.



Atividade 1

No parágrafo 3, ao falar dos cemitérios do Rio, o narrador mostra que a expressão “ir para o Caju” era repetida de geração a geração.

a) Que sinônimos ele apresenta para a expressão?

b) Para se referir à morte de uma pessoa querida, de modo sentimental, você usaria qualquer um desses sinônimos? Explique sua resposta.

c) Que trecho do texto indica que a origem da expressão “ir para o Caju” era tão antiga que se tornava impossível lembrar em que data aparecera?



Atividade 2

Todos nós temos lembranças boas e ruins, que vão se juntando e fazendo parte da nossa formação. Volta e meia, fazemos referência a elas, ou as narramos para pessoas diferentes, em momentos diversos. É natural que os fatos lembrados adquiram versões um pouco diferentes em cada relato.

Que fato do texto é um exemplo disso?

Inicie o trabalho com as questões escritas.

Atividade 1: tem como finalidade indicar um traço da intertextualidade na interação cotidiana, pois a expressão “ir para o Caju” passava de boca em boca, e enfatizar a necessidade de adequação entre o registro e o contexto, no caso, o assunto da interlocução.

Um texto de memórias

Aula 1

 Atividade 3 _____

Pode-se dizer que a imagem que o pai do narrador formara de Absalão era intertextual. Que trecho do texto sugere essa idéia?

 Atividade 4 _____

No texto, há a narração de um ritual, isto é, um conjunto de práticas, religiosas ou não, consagradas pelo uso e que devem ocorrer sempre da mesma forma em ocasiões determinadas.

Esse ritual permanece entre os costumes das famílias católicas. Identifique-o e cite as práticas que fazem parte dele e que aparecem no texto.

96

 Atividade 5 _____

Qual a relação entre *seminário*, *cemitério* e *manga* no desenvolvimento da narrativa?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Atividade 4: comente o caráter duradouro e invariável do ritual.

Atividade 5: oriente a turma, pois essa questão exige que releiam atentamente os trechos do texto para perceber a ligação entre os três elementos.

Atividade 7: Dê aos alunos algum tempo para que elaborem mentalmente seus relatos. Ressalte a importância da família, ou de pessoas que contribuem para a educação do aluno, na sua história de vida. Ao ouvi-los, avalie a competência que têm em situação de oralidade, conforme foi orientado em aulas anteriores.



Atividade 6 _____

Unidade 4

O vexame causado pelo pai teve alguma influência na vida do narrador. Que fato permite essa afirmação?



Atividade 7 _____

1. Pense na sua vida, na sua história, na convivência com a família. Certamente nela há um acontecimento do qual você nunca se esquecerá. Relate essa história.
2. Na história da sua comunidade, há alguém ou algo que seja responsável por um fato ou peculiaridade que a caracteriza? Dê sua opinião sobre isso.
3. Você conhece algum ritual? Fale sobre ele.

Aula 2

Intertextualidade: diálogo entre textos

Nesta aula, são apresentados dois textos em que a interdisciplinaridade aparece claramente.

Material opcional

Fita gravada com as canções e toca-fita, ou disco com as canções e toca-disco.

Teresinha: Ópera do malandro. 1979. Universal Music.

Chico ao vivo. 1999. BMG Ariola.

Terezinha de Jesus: Turma do DO-RÉ-MI, Cantigas de roda. Brasidisc.

Objetivo

Perceber a intertextualidade em cantiga de roda e letra de música.

Se conseguir o material opcional sugerido, primeiramente convide os alunos para ouvir a cantiga de roda. Se você souber cantá-la e se sentir à vontade para isso, cante e encante seus alunos. Caso contrário, peça-lhes que leiam o texto como se fosse um poema. Encaminhe a atividade oral.

As cantigas de roda são pequenos cantos, a maioria deles de origem portuguesa, que as crianças entoam enquanto dançam em círculos, de mãos dadas. Segundo Veríssimo de Melo, tais brincadeiras são completas, do ponto de vista pedagógico, pois “a criança exercita o raciocínio e a memória, estimula o gosto pelo canto e desenvolve naturalmente os músculos ao ritmo das danças ingênuas.” Parentes e professores repetem com as crianças os rituais de sua própria infância, mantendo vivas estas cantigas, assim como as cantigas de ninar.

“Terezinha de Jesus”: é brincadeira de meninas. Uma delas, a “Terezinha”, fica no meio da roda, enquanto as outras cantam as duas estrofes iniciais. A que está no centro canta a terceira estrofe para escolher a que a sucederá. A escolhida dá um beijo e um abraço na que acaba de cantar, e o brinquedo continua.

Aula 2

Intertextualidade: diálogo entre textos

O texto abaixo, "Terezinha de Jesus", é uma cantiga de roda conhecida por muitas crianças. Talvez você também a conheça:

Terezinha de Jesus
Deu uma queda e foi ao chão;
Acudiu três cavalheiros,
Todos três chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai,
O segundo seu irmão,
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão.

Da laranja quero um bago,
Do limão quero um pedaço,
Da morena mais bonita
Quero um beijo e um abraço.

Terezinha levantou-se,
Levantou-se lá do chão,
E sorrindo disse ao noivo:
Eu te dou meu coração.

98



Verissimo de Melo. *Folclore Infantil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985, p. 202.

Responda oralmente:

- As cantigas de roda são antigas, mas ainda hoje fazem parte das brincadeiras infantis. Você já conhecia essa cantiga? Sabe como se brinca?
- Você conhece alguma outra cantiga de roda? Qual?
- Na sua comunidade as crianças brincam de roda? Que cantigas elas preferem?
- As cantigas de roda são criações populares e fazem parte do folclore infantil. Que termo mostra claramente o uso do dialeto popular em "Terezinha de Jesus"?

Certos textos atravessam os tempos, tornam-se conhecidos por muitas gerações. Assim, acabam por servir de inspiração a outros, mais atuais. Dizendo de modo diverso: muitos dos textos de hoje dialogam com outros, de época anterior, resultando na intertextualidade.

O texto que você vai ler é a letra de uma música, composta por Chico Buarque, e cujo título é **Teresinha**.

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Resposta da última questão da atividade oral: a forma verbal "acudiu", em vez de acudiram, mostrando que o verbo não concorda com o sujeito plural "três cavalheiros", contrariando uma regra da norma culta.

Verifique se há dúvidas no entendimento. Retome algumas noções sobre o texto poético:

Verso é uma linha do poema.

Estrofe é um grupo de versos.

A quadrinha é uma criação singela, de origem popular, composta por quatro versos; geralmente o segundo rima com o quarto.

A intertextualidade

Unidade 4

O primeiro me chegou
 Como quem vem do florista
 Trouxe um broche de ametista
 Me contou suas viagens
 E as vantagens que ele tinha
 Me mostrou o seu relógio
 Me chamava de rainha
 Me encontrou tão desarmada
 Que tocou meu coração
 Mas não me negava nada
 E, assustada, eu disse não

O segundo me chegou
 Como quem chega do bar
 Trouxe um litro de aguardente
 Tão amarga de tragar
 Indagou o meu passado
 E cheirou minha comida
 Vasculhou minha gaveta
 Me chamava de perdida
 Me encontrou tão desarmada
 Que arranhou meu coração
 Mas não me entregava nada
 E, assustada, eu disse não

O terceiro me chegou
 Como quem chega do nada
 Também nada perguntou
 Mal sei como ele se chama
 Mas entendo o que ele quer
 Se deitou na minha cama
 E me chama de mulher
 Foi chegando sorrateiro
 E antes que eu dissesse não
 Se instalou feito um posseiro
 Dentro do meu coração

Chico Buarque. "Teresinha". In: *Poesia fora da estante - v.2*, coord. de Vera Aguiar. Porto Alegre: Projeto, 2002, p.107.

CHICO BUARQUE nasceu em 1944 no bairro carioca de Vila Isabel, filho do historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda. É um dos compositores e cantores mais queridos do Brasil. Tornou-se conhecido em um festival de música, ao cantar a canção *A banda*. Escreveu, com diferentes parceiros, peças de teatro como *Calabar*, *Gota d'água* e *Ópera do malandro*. Também são de sua autoria a novela *Fazenda Modelo* e os romances *Estorvo*, *Benjamim* e *Budapeste*. No carnaval de 1998, no Rio de Janeiro, foi tema do enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira.

99



Atividade 1

Compare os textos.

a) O que é semelhante em ambos?

b) O que é diferente?

153

Antes de passar ao segundo texto, fale com os alunos sobre a intertextualidade entre textos antigos e novos.

Se tiver o material sugerido, convide os alunos para ouvir a música. Ou peça que leiam o texto.

Encaminhe as questões escritas.

Atividade 1: Sugerimos que seja resolvida juntamente com o professor, pois apresenta certo grau de dificuldade.

Intertextualidade: diálogo entre textos

Aula 2

 **Atividade 2** _____

Perceba o modo como cada texto está escrito, o jeito de descrever e de contar. Pense na origem de um e de outro, nos seus leitores e consumidores. Então responda de acordo com sua opinião: qual é a finalidade de cada um?

 **Atividade 3** _____

Nos dois textos, a mulher revela que se apaixonou. Essa revelação é expressa de modo diferente, mas a idéia é a mesma. Que versos indicam isso em:

“Terezinha de Jesus”:

100 “Teresinha”:

 **Atividade 4** _____

De qual texto você gostou mais? Explique sua preferência.

 **Atividade 5** _____

Você conhece outros textos que dialogam entre si? Quais?

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Atividade 3: nos versos citados ocorre paráfrase: a mesma idéia é expressa de modo diverso.

Atividade 5: esclareça que a intertextualidade ocorre nas versões diferentes de um mesmo conto de fadas, anedota, fábula, caso. Esse tipo intertextualidade, em que não se altera o fio condutor da narrativa, existindo tão somente variantes no modo de narrar, é conhecido como *paráfrase*.

Aula 3

Paráfrase: dois modos de noticiar o mesmo fato

Esta aula trabalha com paráfrase. Os textos dão a notícia da aproximação de Marte em relação à Terra antes do acontecimento, que teve lugar em 27 de agosto de 2003.

Objetivos

- Entender a noção de paráfrase.
- Resumir notícia de jornal.

Aula 3

Paráfrase: dois modos de noticiar o mesmo fato

Em 27 de agosto de 2003, a distância entre o planeta Marte e a Terra foi a menor possível em quase sessenta mil anos. Antes desse dia, muitos jornais e revistas trouxeram informações sobre o acontecimento.

Veja como o mesmo fato foi noticiado de modo diferente em dois informativos:

Texto 1

Marte mais próximo da Terra

www.klickeducacao.com.br

Olhe para o céu e procure um brilhante ponto de luz avermelhado. Não é uma estrela. Afinal, não pisca. Mas é o corpo celeste que mais chama a atenção. O que é isso? É nosso vizinho Marte, que no próximo dia 27 de agosto, às 6h51 (hora de Brasília) estará a menos de 55,76 milhões de quilômetros da Terra. Isso é mais perto do que o planeta já esteve de nós em quase 60 mil anos.

A última vez que Terra e Marte estiveram tão próximos um do outro foi, de acordo com nosso calendário, em 12 de setembro de 57617 a.C. – a distância foi de “apenas” 55,72 milhões de quilômetros.

E quem perder o espetáculo de 2003, pode desistir: o fenômeno de aproximação só vai se repetir em 28 de agosto de 2287.

Mesmo estando tão perto, a olho nu o planeta vermelho parecerá apenas a estrela muito brilhante. Por isso, se você é daqueles fascinados pelos segredos do espaço, aproveite nossa dica e construa uma luneta. E, enquanto o dia 27 não chega, saiba mais alguns dados de Marte, consultando as “fichas espaciais” do Klickeducação.

Boa observação!



101

Leia o primeiro texto. Pergunte aos alunos se algum deles observou o fenômeno, se tinha intenção de presenciar o acontecimento, que comentário gostaria de fazer. Verifique se perceberam que se trata de notícia de jornal.

Passa ao segundo texto. Incentive a explicitação de dúvidas, comentários, opiniões.

Paráfrase: dois modos de noticiar o mesmo fato

Aula 3

Texto 2

Marte, como nunca visto antes

Há 60.000 anos, desde 12 de setembro de 57.617 aC, que Marte não chega tão perto da Terra. A menor distância entre os dois planetas será atingida, pelo horário de Brasília, às 6h15 do dia 27 de agosto: 55.769.000 km, contra os 55.718.000 km que separaram nossos antepassados neandertais do ponto vermelho no céu.

Encontrar Marte a olho nu, neste final de agosto de 2003, vai depender apenas de haver uma noite clara: com Vênus surgindo apenas pela manhã e a Lua praticamente de fora - na semana do dia 20 ela passa a nascer apenas depois da meia-noite, e no dia 27 já será Lua Nova - o planeta, uma pequena mancha brilhante, de cor alaranjada, surgindo a leste, será o objeto mais brilhante no firmamento.

Nós, no hemisfério sul, ainda teremos uma vantagem: Marte passará, literalmente, sobre nossas cabeças. Na região Sudeste do Brasil, por exemplo, o planeta deverá surgir sobre o horizonte leste (o mesmo lado onde o Sol nasce, que é a direção oposta ao poente) alguns minutos antes das 18h00 do dia 27 e atingir o ponto mais alto do céu entre 00h07 (Rio de Janeiro) e 00h20 (São Paulo). Em Manaus, à 1h14 da madrugada.

Nesses horários, se você deitar no chão olhando para o céu aberto, Marte vai estar lá em cima olhando para você. Depois o planeta vermelho continuará em seu caminho, descendo rumo ao oeste, onde vai desaparecer por volta das sete da manhã. Ao mesmo tempo, Mercúrio, Júpiter, Vênus, a Lua - e o Sol - nascem, na direção oposta.

Quem tiver uma janela com uma boa vista para o leste, ou conseguir se afastar dos prédios e das luzes da cidade, poderá ver Marte elevando-se a partir do horizonte. Por volta das 19h00 do dia 27, um pouco mais a sudeste (isto é, à direita de Marte) também será possível ver Fomalhaut, ou Alpha Piscis Austrini - a Estrela Alfa (mais brilhante) da constelação do Peixe Austral. Trata-se da 17ª estrela mais brilhante do céu.

www.estadao.com.br



Atividade 1

Pinte a linha da coluna da direita quando os textos apresentarem diferença nos itens listados:

Fato noticiado	
Extensão da notícia	
Modo de dizer	
Exatidão dos números	
Escrita dos números	
Quantidade de informações	
Conversa com o leitor	

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Encaminhe as atividades escritas.

Atividade 1: A “exatidão de números” refere-se à coincidência entre os dados numéricos, ambos exatos. Quanto à escrita dos números, o primeiro texto usa a simplificada. A “conversa com o leitor” refere-se ao fato de o jornalista dirigir-se ao leitor, como se estivesse conversando com ele.

Atividade 2: explique o que é paráfrase e esclareça que resumos, traduções, adaptações de textos constituem paráfrases. Ao orientar a atividade, observe se não há dúvidas sobre o uso do tempo verbal. Ressalte que os textos foram publicados antes da aproximação de Marte, portanto os verbos estão no futuro; no texto do aluno, os verbos deverão estar no passado, porque o relato é posterior ao fato.

A intertextualidade

 Atividade 2 _____ Unidade 4

Você percebeu que as diferenças entre os textos não alteram significativamente as informações que dão ao leitor. Trata-se, então, da mesma notícia escrita de modo diferente. Podemos dizer que um é paráfrase do outro.

A paráfrase acontece quando os textos descrevem ou narram um mesmo fato de maneira diversa, mas equivalente.

O dia 27 de agosto de 2003 já passou. Como você contaria a notícia da aproximação de Marte a alguém? Escreva esse texto.

103

Aula 4

Paródia: Branca de Neve

A aula trabalha com mais um processo de intertextualidade: a paródia.

Material opcional

Conto *Branca de Neve e os sete anões*.

Objetivos

- Compreender o conceito de paródia.
 - Conhecer o poema paródia do conto de fadas *Branca de Neve e os sete anões*.
 - Criar paródia em prosa de *Branca de Neve e os sete anões*.
-

Leia o poema com entoação que facilite a percepção do significado. Como você deve ter observado, o verso repetido ganha um efeito de sentido na oralidade por causa do recurso ao trocadilho: a expressão “Ah, não!” é muito semelhante ao vocábulo “anão”; apenas a entoação é diversa.

158

Trocadilhos ou calembures são jogos de palavras que agrupam partes de palavras diferentes:

Romeu gritou “Erro meu!”

Amar enquanto há mar.

Estimule os alunos a fazer comentários sobre o poema e a perceber que o poeta usa recursos sonoros no jogo com as palavras e letras. Daí ser necessário ler o poema em voz alta.

Jogos de palavras são recursos muito apreciados. É possível que os alunos se entusiasmem e queiram brincar desse modo com seus próprios nomes. Calcule um tempo da aula para que o façam, pois os jogos de troca e combinação de letras e sílabas estimulam a criatividade e divertem.

Aula 4

Paródia: Branca de Neve

Você vai conhecer um poema divertido, de Guilherme Mansur. Ouça a leitura do professor.

Branca de Neve



104

Branca de Nave
e os sete... Ah, não!
Banca de Never
e os sete... Ah, não!
Vanca de Brene
e os sete... Ah, não!
Brava de Nence
e os sete... Ah, não!
Ancã de Breven
e os sete... Ah, não!
Cabra de Nenvé
e os sete... Ah, não!
Branca de Neva
e os sete... Ah, não!

Folha de S. Paulo, Folhinha, 3 mai. 2003, F 8.

GUILHERME MANSUR é poeta, artista gráfico e editor da coleção "Cadernos da Ameríndia", que trazem histórias traduzidas das tribos de índios Mbyá-guarani e Nivacle, que vivem nos desertos do Chaco paraguaio.

159

Claro que você já descobriu com que texto esse poema dialoga, não é?



Atividade 1 _____

O nome da famosa personagem do conto de fadas sofre várias transformações no poema. De que modo o poeta consegue isso?



Atividade 2 _____

Preste atenção ao verso sempre repetido “e os sete... Ah, não!” O que você observa em relação ao efeito sonoro do verso?

105



Atividade 3 _____

Além do efeito sonoro, que sentido tem a expressão “Ah, não!” no poema?



Atividade 4 _____

É correto dizer que o poema Branca de Neve é uma paráfrase do famoso conto dos irmãos Grimm, Branca de Neve e os sete anões?

Encaminhe as questões escritas.

Atividade 4: Ao avaliar as respostas, esclareça o que é **paródia**. Certifique-se de que todos sabem diferenciar paráfrase e paródia: a primeira é uma versão do texto original, em que as idéias se mantêm, mas não o modo de escrever; a segunda subverte o texto original, “desmancha” o fio condutor da narrativa.

Chame a atenção para o fato de que a matriz de Branca de Neve é um texto em prosa, sendo que Mansur não só quebra o fio condutor da narrativa, como utiliza a forma poética para criar sua paródia.

Paródia: Branca de Neve

Aula 4  Atividade 5

Você vai iniciar uma atividade que poderá ser concluída em casa, pois queremos que você tenha tempo para caprichar bastante nessa tarefa.

Crie uma paródia do conto *Branca de Neve e os sete anões*, tomando por base o texto original. Veja algumas possibilidades para o seu trabalho:

- Escolha de uma nova personalidade ou aparência para Branca de Neve;
- Mudança da seqüência dos fatos;
- Atualização da época da história;
- Inclusão ou substituição de personagens;
- Mudança na função dos anões;
- Mistura de traços do passado e do presente.

106

AAA 1 – Linguagem e Cultura

Atividade 5: Leia ou narre o conto dos Grimm.

Ao orientar a produção de texto, esclareça que o roteiro não é uma lista a ser desenvolvida. Ressalte que boa parte das paródias tem intenção de criticar ou satirizar, valendo-se do humor e da ironia.

Terminado o trabalho, socialize as produções, com a troca de cadernos entre os alunos, assim como a leitura de alguns textos. Oriente-os a fazer o papel de “leitor crítico”: após ler o texto do colega, o aluno anota aí suas observações e sugestões, assinando-as. Isso fará que aumente o cuidado com a produção dos próprios textos e a responsabilidade da crítica. Ensine-os a evitar observações que não contribuem para o aperfeiçoamento do texto do colega, como “Gostei!”, “Muito bem!”, “Precisa melhorar...”. Elas devem, ao contrário, ter fundamento, como: “Seu texto não é uma paródia. Ele é um resumo do texto original”; “A personalidade de Branca de Neve não combina com a conduta dela na história.”

Arremate a aula com a sua avaliação.

Aula 5

Paródias de provérbios

A aula propõe atividades com paródias de provérbios.

Objetivos

- Interpretar paródias de provérbios e identificar matrizes.
- Criar paródia de provérbio.

Aula 5

Paródias de provérbios

Você certamente conhece alguns provérbios, não é? São frases curtas, de caráter popular, que expressam crenças e idéias de uma comunidade. Como estas:

“Águas passadas não movem moinhos”

“Casa de ferreiro, espeto de pau”

“Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”

A paródia de provérbios produz textos engraçados. Marcelino Freire, um artista pernambucano, parodiou provérbios e frases famosas; Silvana Zandomeni os ilustrou.

Veja o que ele diz na orelha do livro de onde foram tirados os textos com que você vai trabalhar:

“Fiquei rico de tanto roubar frases dos outros. Desdizer o que foi dito. Meter o nariz onde não fui cheirado.”

MARCELINO FREIRE nasceu em 20 de março de 1967, na cidade de Sertânia, Pernambuco. Reside em São Paulo desde 1991. É autor dos livros de contos *Acústico* e *Angu de sangue*. Faz parte da antologia *Geração 90 – Manuscritos de Computador*, que reúne os melhores contistas surgidos na última década do século XX.

SILVANA ZANDOMENI é natural da cidade de São Paulo. Parceira de Marcelino Freire em vários projetos, fez também a direção de arte do livro *Angu de sangue* e da primeira edição de *eraOdito*. Na propaganda desde 1980, trabalha atualmente na AlmapBBDO.

Primeira paródia



Marcelino Freire e Silvana Zandomeni. *eraOdito*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.

Inicie a aula perguntando se todos sabem o que é provérbio e quais conhecem. Ressalte características dos provérbios: são curtos, sonoros e criados pela sabedoria popular.

Use as palavras de Marcelino Freire para mostrar que, na verdade, são uma outra definição de paródia.

Enfatize a importância da observação dos detalhes do texto verbal e da ilustração de cada paródia.

Encaminhe as atividades. Fique atento ao trabalho dos alunos; eles poderão desconhe-
cer a matriz das paródias. Circule pela sala observando, orientando, auxiliando.

Paródias de provérbios

Aula 5

 Atividade 1 _____

Qual é o provérbio matriz da paródia?

 Atividade 2 _____

Que recurso sonoro é usado no texto?

 Atividade 3 _____

Qual o significado do desenho que acompanha o texto verbal?

108 **Segunda paródia**



Marcelino Freire e Silvana Zandomeni. *eraOdlô*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Atividade 1: Esclareça o significado do provérbio: pessoas que se comunicam, chegam a lugares distantes.



Atividade 4 _____

Qual a frase matriz dessa paródia? Quem é o autor da frase?



Atividade 5 _____

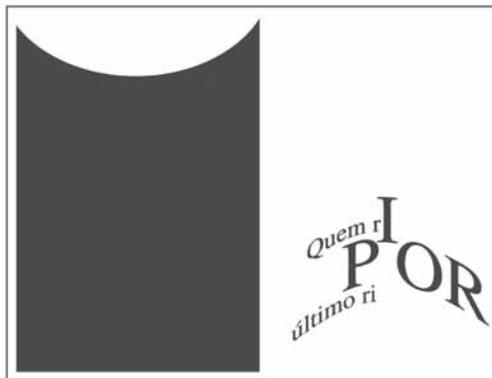
A frase passou a ter um sentido crítico com a alteração. Que sentido é esse?



Atividade 6 _____

Que recurso gráfico foi usado para que o leitor perceba o novo sentido?

Terceira paródia



Marcelino Freire e Silvana Zandomeni. *eraOditó*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.

Atividade 4: conte quem foi Lavoisier.

Lavoisier, Antoine Laurent de (1743-1794), químico francês, considerado o fundador da química moderna. Demonstrou que, apesar da mudança de estado da matéria durante uma reação química, a quantidade de matéria permanece constante do começo ao fim do processo. Seus experimentos resultaram em evidências em favor das leis de conservação

Enciclopédia Microsoft® Encarta®.

Paródias de provérbios

Aula 5

 Atividade 7 _____

Que provérbio matriz inspirou o autor?

 Atividade 8 _____

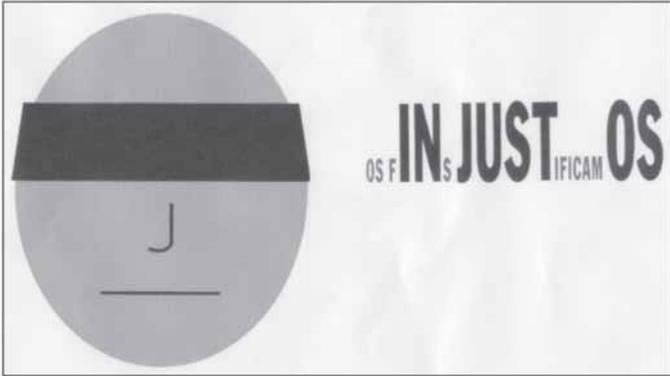
Qual é a intenção desse provérbio?

 Atividade 9 _____

O resultado da paródia é irônico. Que sentido a frase passa a ter?

110

Quarta paródia



Marcelino Freire e Silvana Zandomeni. *eraOditô*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.

AAA 1 - Linguagem e Cultura

Terceira paródia: comente com os alunos que a ilustração representa uma boca que ri.

Atividade 9: Na ironia, as palavras transmitem um significado contrário ao sentido literal, entre o humor e o sarcasmo. Por exemplo: ao ser vítima da grosseria de alguém, a pessoa pode exclamar, usando a ironia: “Cumprimente seus pais pela fina educação que lhe deram!”

A inintencionalidade

Unidade 4

 Atividade 10 _____

Qual é o provérbio matriz?

 Atividade 11 _____

O que esse provérbio quer dizer?

 Atividade 12 _____

A paródia tem um conteúdo crítico. Explique-o.

 Atividade 13 _____

A figura reafirma o que é dito com palavras. Justifique.

Desafio

Você vai criar uma paródia de um provérbio e também uma ilustração que tenha ligação com o texto. Escolha um entre os seguintes:

“Quem espera, sempre alcança.”

“Devagar se vai ao longe.”

Atividade 13: o símbolo da Justiça é uma mulher com uma venda nos olhos.

Desafio: O aluno poderá, se quiser, trabalhar com mais de um provérbio. Certifique-se de que todos os provérbios foram entendidos.

Sugestão: Exponha os trabalhos na escola, juntamente com um texto, elaborado pelo alunos, que explique a intenção da atividade e como foi realizada.

Paródias de provérbios

Atividade 5

“Quem não morre, não vê Deus.”
“De grão em grão, a galinha enche o papo.”
“Amigos, amigos; negócios à parte.”
“Deus ajuda quem cedo madruga.”
“Uma mão lava a outra, e as duas lavam o resto.”
“A voz do povo é a voz de Deus.”
“É de pequenino que se torce o pepino.”
“Quem com ferro fere, com ferro será ferido.”
“Quem conta um conto, aumenta um ponto.”
“Águas passadas não movem moinhos.”
Ao criar sua paródia, use tom crítico e bem-humorado.

112

167

Aula 6

Ponto de vista

Nesta aula, trabalhamos com o ponto de vista e um exercício de paráfrase de texto.

Material opcional

Máquina fotográfica.

Objetivos

- a) Compreender o conceito de ponto de vista na interação humana por meio de tira em quadrinhos.
 - b) Parafrasear texto em quadrinhos.
-

Convide os alunos a observar a tira, prestando atenção aos detalhes.

Encaminhe as atividades orais. É fundamental que os alunos percebam que o lugar de onde alguém fala, isto é, seu ângulo de visão, o foco pelo qual olha uma cena, define o que vê. O ponto de vista pode ser entendido no sentido concreto, indicando um lugar físico, e no sentido abstrato, indicando um modo de entender, uma opinião. No caso da tira que examinamos, o ponto de vista é físico; o entendimento desse tipo de foco facilita a compreensão do abstrato, ou seja, da maneira de ver e pensar.

Se tiver em mãos uma máquina fotográfica, permita que os alunos focalizem objetos; não é preciso fotografá-los, mas apenas percebê-los em ângulos diferentes.

Inicie a última atividade. Dê um tempo para que os alunos pensem na reformulação da história. Ouça a narração de alguns. Peça que os colegas façam a avaliação, ao mesmo tempo em que você vai acompanhando, corrigindo, orientando.

Aula 6

Ponto de vista

Observe a tira:



www.laerte.com.br



Atividade 1 _____

113

Detenha-se no primeiro quadro.

- Que personagens fazem parte da cena?
- O que fazem os personagens?
- O que diz um dos meninos?
- O que a mãe responde?



Atividade 2 _____

Agora observe o segundo quadro.

- Que personagens fazem parte da cena?
- O que fazem os personagens?
- O que diz o filhote?
- O que a mãe responde?

169

Aula 6

Ponto de vista



Atividade 3 _____

Onde estão os personagens em cada um dos quadros?



Atividade 4 _____

O que essa diferença provoca no diálogo?



Atividade 5 _____

Os personagens, cada qual no seu lugar, estavam errados no que pensaram?



Atividade 6 _____

114

Dê um exemplo de situação em que você e um amigo tiveram opiniões diferentes sobre o mesmo fato. E... nenhum dos dois estava errado!

Conte de outro modo!

A história da tira é contada com desenho e palavras. Faça uma paráfrase desse texto: conte a história só com palavras, sem usar o desenho.

Feche o texto com uma conclusão sobre o sentido dessa história.

Aula 7

Quem conta um conto, aumenta um ponto

A aula aborda o ponto de vista na interação e na narrativa de ficção. O texto mostra diferentes pontos de vista dos personagens sobre um mesmo fato.

Tema transversal: Ética.

Objetivos

- Compreender texto narrativo ficcional.
- Reescrever o texto mudando o foco narrativo.

Aula 7

Quem conta um conto, aumenta um ponto

Há um provérbio que diz: “cada cabeça, uma sentença.” Realmente, um dos traços atraentes – e muitas vezes difíceis – da convivência entre as pessoas é a diversidade de opiniões sobre o mesmo fato, isto é, os diferentes pontos de vista.

O texto que você vai ler mostra como um único fato pode ter várias interpretações, dependendo do ponto de vista dos participantes da cena.

Só a pura verdade

Hans Christian Andersen

– Que coisa horrível – disse uma galinha, no outro extremo da cidade, bem longe do bairro onde a história se passara. – É horrível o que houve no galinheiro! Nem arrisco a dormir sozinha esta noite. Ainda bem que somos muitas no poleiro.

E passou a contar o ocorrido, fazendo arrepiar as penas das outras galinhas e cair a crista do galo. E era tudo verdade, só a pura verdade.

Mas vamos começar do começo que ocorreu no extremo oposto da cidade. O sol desceu e as galinhas subiram. Uma delas, de penas brancas e pernas curtas, punha os ovos regularmente e, como galinha, era respeitável em todos os sentidos. Chegada ao poleiro, começou a catar-se com o bico. Caiu ao chão uma peninha.

– Lá se foi uma pena! – disse ela. – Parece que, quanto mais me cato, tanto mais bonita vou ficando – acrescentou, por brincadeira, pois era ela o espírito mais alegre da galinhada, embora fosse, conforme já foi dito, criatura de todo o respeito. E logo adormeceu.

Era escuro ao redor. As galinhas estavam enfileiradas, lado a lado, e a que lhe estava mais próxima não dormia. Ela ouviu, e ao mesmo tempo não ouviu, como convém, para se viver em paz neste mundo. Mas teve, assim mesmo, de confiar à vizinha o que ouvira.

– Ouviste o que foi dito aqui? – cochichou. – Não vou dizer o nome de ninguém, mas há aqui uma galinha que quer arrancar as próprias penas para ficar bonita. Se eu fosse o galo, a desprezaria.



Quem conta um conto, aumenta um ponto

Aula 7

Logo adiante, pouco acima das galinhas, estava pousada a Coruja, com o Corujão e as corujinhas. Naquela família, sim, todos tinham bons ouvidos. Ouviram cada palavra dita pela galinha. Viraram os olhos e Dona Coruja abanou as asas.

– É feio escutar o que dizem os outros! – começou ela. – Mas, naturalmente, todos ouviram o que disse a galinha. Eu ouvi com os meus próprios ouvidos, e deve-se escutar, antes que caiam as orelhas. Uma das galinhas esqueceu a tal ponto a decência, que está tirando todas as penas e deixa o galo ver tudo.

– *Prenez garde aux enfants!* disse papai Corujão. – Isso não é conversa para crianças ouvirem.

– Preciso contar o caso à coruja vizinha, senhora séria e respeitável.

Dona coruja saiu voando.

– Hu-uh! Uhu-uhu-uhu! – riram as duas, juntas, pouco depois.

Achavam-se um pouco acima do pombal do vizinho, e as pombas ouviram-nas comentar o caso:

– Ouviram esta? Ouçam, que esta é muito boa! Há aí uma galinha que arrancou todas as penas por causa do galo! Vai morrer de frio, se é que já não morreu. Huuu – huuuu!

– Onde? Onde? Onde? – arrulharam as pombas.

– No galinheiro do vizinho. É como se eu mesma o tivesse visto. É coisa que quase nem se devia contar, pois é um tanto indecente. Mas é a pura verdade!

– Ora, ora, ora! – arrulharam de novo as pombas.

E passaram a história adiante:

– Há uma galinha – há quem diga que são duas – que arrancou todas as penas para não ser igual às outras e chamar a atenção do galo. É uma brincadeira arriscada, pois apanhar um resfriado é o que há de mais fácil, e morrer de febre é o que menos custa. De fato, já morreram, as duas...

– Acordem! Acordem! – cantou o galo, voando para o alto do cercado.

O sono ainda lhe pesava nos olhos, mas apesar disso ele cantava.

– Morreram três galinhas, de infeliz paixão por um galo. Elas arrancaram todas as penas. É uma história muito feia, não quero guardá-la comigo. Que vá adiante!

– Deixa que vá adiante, piaram os morcegos.

– Deixa que vá! Deixa que vá! – cacarejaram as outras galinhas.

A história foi assim circulando, de galinheiro em galinheiro, e, por fim, voltou ao lugar de onde viera.

– São cinco galinhas – contavam – Todas arrancaram as penas para mostrar qual delas tinha emagrecido mais de paixão pelo galo. Depois brigaram, de tirar sangue, e se mataram de bicadas. Ficaram mortas no terreiro. Foi uma ignomínia para a família delas, e um grande prejuízo para o dono do galinheiro.

Então, a galinha que perdera uma única peninha ao catar-se, não reconheceu a sua própria história, e como fosse uma galinha respeitável, disse lá com seus botões:

AAA 1 – Linguagem e Cultura

116

172

A intertextualidade

Unidade 4

– Desprezo as galinhas como essas. Mas não serão as últimas. Há muitas mais dessa marca. Não se deve silenciar sobre tais coisas. Farei o que eu puder para que essa história saia nos jornais e corra o país todo. É o que merecem essas galinhas e também a família delas.

E a história saiu nos jornais, foi impressa, e uma coisa é verdadeira: uma única peninha pode facilmente transformar-se em cinco galinhas.

In *Contos de Andersen*. Tradução de Guttorm Hanssen. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HANS CHRISTIAN ANDERSEN (1805-1875), escritor dinamarquês, tornou-se um clássico da literatura com os seus *Contos*. Sua obra – contos de fadas e fábulas, colhidos do folclore ou criados por ele mesmo – foi traduzida no mundo inteiro e seduz os leitores pela ternura, pelo humor e pela imaginação.

Participe da conversa sobre o texto. Apresente seu ponto de vista sobre a conduta dos personagens e ouça o que pensam seus colegas.

Nos textos narrativos de ficção também há o ponto de vista de quem conta a história, que é chamado de **foco narrativo**. No texto de Andersen, o narrador não participa dos acontecimentos.

Produção de texto

Vamos reescrever esse texto mudando o foco narrativo? Imagine a seguinte situação: o galo, que é vaidoso, acredita que toda a história começou quando uma das galinhas arrancou as próprias penas para conquistá-lo. Como ele contaria essa história para outro galo?

Ao terminar de escrever seu texto, faça a revisão:

- Leia o texto para sentir se está satisfeito com ele e se, para o leitor, está claro;
- Melhore frases que você considera confusas;
- Observe se não há contradição, isto é, se você fez uma afirmação sobre um fato em uma parte do texto e noutra, negou a idéia;
- Veja também se as partes do texto estão em seqüência;
- Se tiver dúvida sobre o modo como alguma palavra deve ser escrita, consulte o dicionário;
- Leia novamente o texto, do começo ao fim, sem interrupção para perceber o que acha dele depois da revisão.

117

173

Encaminhe uma primeira leitura silenciosa para que os alunos tenham uma idéia geral do texto. Solicite uma segunda leitura, que permitirá a percepção de detalhes.

Inicie a conversa sobre o texto, abordando um aspecto da ética, ou seja, a irresponsabilidade dos personagens ao inventar e disseminar boatos maldosos; mostre também que agem de acordo com o ditado “Quem conta um conto, aumenta um ponto.”

Vá desenvolvendo oralmente a compreensão do texto, de modo que os alunos percebam alguns aspectos:

✓ No terceiro parágrafo, o narrador faz o fio narrativo retroceder para o início da história que deseja contar;

✓ No início do segundo parágrafo, a galinha passa a contar o que acontecera às outras galinhas e ao galo, mas não poderia contar toda a história que é narrada a partir do terceiro parágrafo, porque ela não a conhecia. Ela só sabia do final, isto é, muitas galinhas tinham morrido por causa do galo.

✓ No terceiro parágrafo, quem “começa a história do começo” para contá-la inteira é o autor. Só ele pode conhecer todos os detalhes da história. Os personagens do texto conhecem apenas a última versão da história, isto é, o boato. Os personagens têm uma visão restrita, porque o foco narrativo é o do narrador que não participa dos fatos.

✓ A vizinha do poleiro iniciou a corrente de fofocas, interpretando maldosamente o que sua colega dissera por brincadeira. Mas, como geralmente fazem as pessoas fofoqueiras, procurou disfarçar a maldade de seus comentários, fingindo ser muito discreta: “Não vou dizer o nome de ninguém...”. Outros personagens também tentam disfarçar o tom de fofoca com um falso moralismo, fingindo discrição. As frases indicam esse fato:

Dona Coruja: “É feio escutar o que dizem os outros! — Mas, naturalmente, todos ouviram o que disse a galinha. Eu ouvi com os meus próprios ouvidos, e deve-se escutar, antes que caiam as orelhas.” — ou: “é coisa que quase nem se devia contar, pois é um tanto indecente. Mas é a pura verdade!”

Papai Corujão: “Isso não é conversa para crianças ouvirem.”

O galo: “É uma história muito feia, não quero guardá-la comigo. Que vá adiante”.

✓ A última fofoqueira é a primeira galinha, a que motivou toda a cadeia de fofocas. Sem saber, ela era o assunto de sua própria fofoca.

✓ O final do conto é irônico, porque a galinha que perdera uma única peninha não percebeu que ela mesma era o assunto da fofoca. Ela acreditou no que lhe foi contado e, manifestando sua indignação e seu desprezo, resolveu continuar divulgando a história. Também ela é fofoqueira e procura disfarçar com uma desculpa, dizendo que “não se deve silenciar sobre essas coisas”. Só que ela não sabia que o objeto de sua fofoca era ela mesma, ou seja, que ela era a galinha desprezível.

✓ A expressão francesa “*Prenez garde aux enfants!*” significa *Cuidado com as crianças!*

Certifique-se de que os alunos compreenderam o que é foco narrativo.

Encaminhe a produção de texto e acompanhe a revisão feita pelos alunos.

Aula 8

Uma semana e vários pontos de vista

Continuamos a trabalhar com ponto de vista. Para isso, escolhemos um texto de propaganda.

Interdisciplinaridade: Matemática e Ciências.

Objetivos

- Entender os pontos de vista apresentados no texto.
 - Explicitar ponto de vista sobre o assunto do texto.
-

Aula 8

Uma semana e vários pontos de vista

O texto a seguir faz parte da propaganda da revista *Época*, e foi criado pela agência W/Brasil.

O publicitário imagina o ponto de vista que vários seres teriam sobre o significado de **uma semana**.

- Para um preso, menos 7 dias
- Para um doente, mais 7 dias
- Para os felizes, 7 motivos
- Para os tristes, 7 remédios
- Para os ricos, 7 jantares
- Para os pobres, 7 fomes
- Para a esperança, 7 novas manhãs
- Para a insônia, 7 longas noites
- Para os sozinhos, 7 chances
- Para os ausentes, 7 culpas
- Para um cachorro, 49 dias
- Para uma mosca, 7 gerações
- Para os empresários, 25% do mês
- Para os economistas, 0,019 do ano
- Para o pessimista, 7 riscos
- Para o otimista, 7 oportunidades
- Para a Terra, 7 voltas
- Para o pescador, 7 partidas
- Para cumprir o prazo, pouco
- Para criar o mundo, o suficiente
- Para uma gripe, a cura
- Para uma rosa, a morte
- Para a História, nada
- Para a *Época*, tudo.

O professor e os colegas vão conversar sobre o texto. Você também vai participar com suas opiniões.

A revista *Época* é semanal, daí a atenção do publicitário aos pontos de vista sobre o que signifique 1 semana para seres e situações diversos.

Leia o texto de modo que a pausa de cada frase seja enfatizada.

Encaminhe as questões oralmente.

O texto afirma que, para uma mosca, uma semana são 7 gerações porque determinadas espécies desse inseto nascem, tornam-se adultas, reproduzem e morrem em apenas um dia. Em uma semana, nascem 7 gerações.

176

A intertextualidade

Unidade 4

 Atividade 1 _____

Por que, para o preso, uma semana significaria menos 7 dias?

 Atividade 2 _____

E para o doente, por que mais 7 dias?

 Atividade 3 _____

Para os sozinhos, haveria 7 chances de quê?

 Atividade 4 _____

Que culpa sentiriam os ausentes?

 Atividade 5 _____

Por que, para um cachorro, 7 dias se tornariam 49 dias?

 Atividade 6 _____

Por que os empresários teriam um ponto de vista matemático?

 Atividade 7 _____

Que conta foi feita para ser possível dizer que 1 semana seria 0,019 do ano para os economistas?

119

Ao avaliar a produção escrita, socialize os trabalhos e incentive comentários sobre a diversidade de pontos de vista.

Para concluir a aula, combine com os alunos a seguinte leitura: você lê a parte das frases até a vírgula, e cada aluno lê o restante, à maneira de jogral.

Uma semana e vários pontos de vista

Aula 8



Atividade 8 _____

Por que se afirma que 1 semana foi suficiente para criar o mundo?



Atividade 9 _____

Por que, para uma gripe, 1 semana significa a cura e, para uma rosa, a morte?



Atividade 10 _____

Por que 1 semana não significa nada para a História?

120

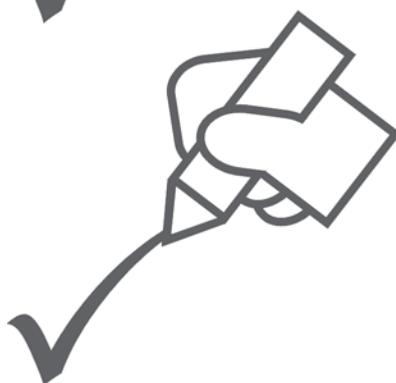
Qual é o seu ponto de vista?

E para você, o que significa uma semana?

Pense no assunto e escreva esse texto. Você pode apresentar um só ponto de vista, ou vários, em forma de lista.

177

Correção das atividades
Unidade 4 – A intertextualidade



Correção das atividades

Aula 1

Atividade 1

- a) “bater as botas”, “esticar as canelas”, “morrer”.
- b) Resposta pessoal. Espera-se que o aluno responda que só usaria “morrer”, pois os demais são gírias que deixam transparecer desrespeito, irreverência.
- c) “desde tempos imemoriais”.

Atividade 2

As muitas versões das aventuras do pai do narrador com o colega Absalão.

Atividade 3

O trecho em que o narrador afirma que o pai fazia do amigo de infância “uma colagem de outros meninos que fora encontrando pela vida”.

Atividade 4

O ritual do enterro, em que o padre encomenda a Deus a alma do morto diante do jazigo e recitam-se salmos e responsórios.

Atividade 5

O narrador estudava em um seminário, cujo diretor espiritual era o padre Motinha. O pai do padre morreu e foi enterrado em um cemitério que tinha uma mangueira ao lado do jazigo da família Mota. O pai do narrador adorava manga e, durante o enterro, subiu na árvore para apanhar os frutos e caiu em cima da carroça que transportava as coroas em homenagem ao morto.

Atividade 6

O vexame tornou-se inesquecível para o narrador, tanto que ele faz parte de um texto de memórias.

Aula 2

Atividade 1

- a) O nome da personagem feminina, a presença de três homens, a escolha do terceiro.
- b) “Terezinha de Jesus” : o texto é folclórico e presta-se a brincadeira infantil; a personagem feminina é a 3ª pessoa, o assunto do texto; ela sofre uma queda, e três homens gentis a acodem; ela poderia se apaixonar apenas pelo terceiro homem, pois os outros dois eram o pai e o irmão; os três são citados numa mesma estrofe; as estrofes são quadrinhas, e há uma intercalada (a 3ª).

“Teresinha”: o texto é uma letra de música moderna; a personagem feminina fala de si mesma (1ª pessoa); ela é visitada por três homens, e nem todos foram gentis ; cada estrofe é iniciada com a chegada de um homem; as estrofes têm 12 versos.

Atividade 2

Resposta possível: A cantiga de roda é ingênua e popular, tem como finalidade a brincadeira de crianças; a letra da autoria de Chico Buarque foi feita para adultos, tem certa malícia, a linguagem é mais elaborada, trabalhada artisticamente.

Atividade 3

“Terezinha de Jesus”: “Eu te dou meu coração.”

“Teresinha”: “Se instalou feito um posseiro / Dentro do meu coração”.

Atividade 4

Resposta pessoal.

Atividade 5

Resposta pessoal.

Aula 3**Atividade 1**

Fato noticiado	
Extensão da notícia	
Modo de dizer	
Exatidão dos números	
Escrita dos números	
Quantidade de informações	
Conversa com o leitor	

Atividade 2

Resposta pessoal. No dia 27 de agosto de 2003, o planeta Marte e a Terra estiveram a menos de 55,76 milhões de quilômetros um do outro, chegando ao menor ponto de distância em quase 60 mil anos. Marte pôde ser visto a olho nu nos lugares em que o céu estava claro.

Uma nova aproximação só vai acontecer em 28 de agosto de 2287.

Aula 4**Atividade 1**

Ele joga com as letras de Branca de Neve, mudando-as de lugar e conseguindo novos nomes.

Atividade 2

O poeta faz um jogo de sons. Quando pronunciamos a expressão “Ah, não!” o efeito sonoro é igual à da palavra “anão”.

Atividade 3 _____

A expressão sugere insatisfação, como se cada novo nome da Branca de Neve não agradasse; sugere também que alguém, tentando em vão pronunciar o nome correto, exprime um desabafo.

Atividade 4 _____

Não, pois o fio condutor do conto original se desfez, as idéias não são as mesmas. Trata-se de uma paródia.

Atividade 5 _____

Resposta pessoal.

Aula 5**Atividade 1** _____

Quem tem boca vai a Roma.

Atividade 2 _____

“Vai a” foi substituído por “vaia”, do verbo *vaiar*.

Atividade 3 _____

O desenho representa o som da vaia.

Atividade 4 _____

A frase é “Nada se cria, tudo se transforma”; foi dita pelo químico francês Lavoisier.

Atividade 5 _____

As pessoas não criam nada, apenas adiam o que têm de fazer.

Atividade 6 _____

O tamanho das letras A, D, I, A foi aumentado na frase para realçar a palavra ADIA .

Atividade 7 _____

“Quem ri por último, ri melhor.”

Atividade 8 _____

Consolar as pessoas que obtêm menos sucesso que as demais em alguma situação, isto é, chegam por último.

Atividade 9 _____

Quem fica por último, fica na situação pior.

Atividade 10 _____

“Os fins justificam os meios.”

Atividade 11 _____

Quando se considera que a finalidade de alguma ação pode ser justificada, não importa se os meios usados para obter êxito são ou não éticos.

Atividade 12 _____

Certas ações existem apenas para justificar a injustiça. Ou: certas finalidades justificam apenas as ações de quem é injusto.

Atividade 13 _____

A figura simboliza a Justiça, que é cega. Por isso os olhos estão vendados.

Aula 6

Atividade 1 _____

- a) Dois meninos e a mãe.
- b) Observam peixes em um grande aquário.
- c) Pergunta à mãe se os peixes não ficavam querendo sair daquele vidro.
- d) Que achava que não.

Atividade 2 _____

- a) Um peixe e seu filhote.
- b) Observam dois meninos que estão do lado de fora do aquário.
- c) Pergunta à mãe se os meninos não ficavam querendo sair daquele vidro.
- d) Que achava que não.

Atividade 3 _____

No primeiro, estão fora do aquário; no segundo, dentro do aquário.

Atividade 4 _____

Uma mudança de ponto de vista.

Atividade 5 _____

Não, pois o que pensaram dependeu do lugar em que vieram a cena.

Atividade 6 _____

Resposta possível: Minha opinião sobre o terrorismo no mundo é que esse fato é terrível porque muitos inocentes morrem nos ataques; já para o meu amigo, o terrorismo deve ser combatido porque estimula o ódio e a intolerância entre os povos.

Conte de outro modo! : Resposta possível: Dois meninos observam um grande aquário. Ao enxergar um peixe e seu filhote através do vidro, uma das crianças pergunta à mãe se eles não queriam sair daquele vidro. A mãe responde que achava que não. De dentro do aquário, o filhote, enxergando os meninos, pergunta à mãe peixe se eles não queriam sair daquele vidro. A mãe responde que achava que não.

Conclusão: o sentido da história está na diferença de ponto de vista dos personagens, cada um olhando a cena de um lugar diferente.

Aula 8

Atividade 1

Porque ele conta os dias para sair da prisão.

Atividade 2

São mais 7 dias em que ele permaneceu vivo, pois a doença ameaça sua vida.

Atividade 3

De encontrar uma companhia.

Atividade 4

A culpa de não estarem junto com quem os espera.

Atividade 5

Porque a vida média de um cachorro é 7 vezes menor que a de um homem; então $7 \text{ dias} \times 7 = 49 \text{ dias}$.

Atividade 6

Porque são considerados como profissionais que fazem a conta da produção e do lucro: 1 semana equivale a $\frac{1}{4}$ do mês.

Atividade 7

Dividiu-se 7 (dias) por 364 (número de dias no ano) = 0,019, isto é, uma semana corresponde a 0,019% do ano. O economista faz muitos cálculos que envolvem porcentagens.

Atividade 8

Porque, de acordo com o cristianismo, o mundo foi criado em 6 dias; no 7º, o Criador descansou.

Atividade 9

Porque o tempo médio em que o vírus da gripe age no organismo é de 7 dias, que também é o tempo antes que a rosa permaneça fresca.

Atividade 10

Porque, quando comparados aos milhares de anos da História, 7 dias não são nada.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)